

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE JOVENS TÉCNICOS
EM INFORMÁTICA DE NÍVEL MÉDIO NO EXTREMO SUL DE SANTA
CATARINA.**

FLORIANÓPOLIS-SC, 2009

TOMBO

THISCIANA FIALHO DOS SANTOS
A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE JOVENS TÉCNICOS
EM INFORMÁTICA DE NÍVEL MÉDIO NO EXTREMO SUL DE

UFSC

2009

THISCIANA FIALHO DOS SANTOS

**A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE JOVENS TÉCNICOS
EM INFORMÁTICA DE NÍVEL MÉDIO NO EXTREMO SUL DE SANTA
CATARINA.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina do Centro de Ciências da Educação, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação, na linha Trabalho e Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Laura Torriglia

FLORIANÓPOLIS-SC, 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Thisciana Fialho dos, 1978-

**A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE JOVENS TÉCNICOS
EM INFORMÁTICA DE NÍVEL MÉDIO NO EXTREMO SUL DE
SANTA CATARINA.**

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, 2009.

1. Escola Técnica/Nível Médio. 2. Mercado de trabalho e tecnologia. 3. Emprego, subemprego e desemprego.

FOLHA DE APROVAÇÃO

THISCIANA FIALHO DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, na linha Trabalho e Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Dissertação defendida em 04 de dezembro de 2009

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dr^a Patrícia Laura Torriglia - UFSC

Examinador: Dr^o Vidalcir Ortigara - UNESC

Examinador: Dr^o Paulo Sérgio Tumolo – UFSC

Suplente: Dr^a Célia Regina Vendramini- UFSC

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a toda minha família:

Aos meus pais, **Neuza** (*in memorian*) e **Cláudio** que me ensinaram os primeiros passos na vida com amor, dedicação e sacrifícios.

Aos meus avós, **Dirma** e **João** (*in memorian*), **Madalena** e **Jacinto**, que me ajudaram em momentos difíceis e me incentivaram a crescer como ser humano.

Aos meus tios, **Terezinha** e **Nivaldo**, **Nina** e **Tita**, **Rosana** e **Nilson**, **Valdete** e **Nei**, **Nelson**, e **Cleuza** que acompanharam minha caminhada com toda atenção e carinho.

Aos meus irmãos, em especial à **Yasmin** que me encanta com sua doçura em nossos encontros e reencontros.

Aos meus primos, **Beatriz**, **Madiã**, **Emanuel**, **Guilherme**, **Yuri**, **Pedro**, **Vinícius**, **Marcus** e **Lucas**, que me proporcionam grandes alegrias em nossas conversas e brincadeiras.

A todos vocês, que incentivam os meus sonhos, idéias e conquistas ofereço meu amor incondicional e toda minha admiração.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa representa minha busca para tentar entender os problemas de uma sociedade desigual, desumana e injusta. Por conseguinte fazendo parte da minha história, assim como as pessoas que me auxiliaram realizá-la. Desta forma, é com muito carinho que agradeço à todos os meus professores nas escolas básicas por onde estudei, desde a infância em São Paulo, como na minha adolescência em Maringá-PR. Também, agradeço aos professores que me incentivaram durante minha formação acadêmica no curso de Pedagogia em Criciúma-SC, principalmente aos colegas de turma que lutaram para continuar estudando, mas por inúmeros motivos não conseguiram.

Á grande amiga Vilma Marta Caleffi que desde o início sempre me apoiou nos momentos difíceis e teve paciência até nos últimos instantes, quando realmente pensei em desistir. Me aconselhou, acompanhou e me reergueu...

Aos companheiros de trabalho, professores e funcionários da Escola de Educação Básica Waldemar Casagrande e Centro de Educação Infantil Estrela da Manhã, localizadas em Forquilha-SC, que acompanharam todo o árduo processo seletivo do mestrado e me incentivaram a tentar várias vezes, até conseguir ser selecionada.

Ao professor Ari Jantsch, que me aceitou como aluna especial e me deu a oportunidade de estudar com pessoas especiais como o amigo Ademir Lazarini, Fernando Cândido, Mauro Titton e Rafael Müller.

Aos professores da linha Educação e Comunicação-ECO, em especial professor Wladimir Garcia e professora Gilka Girardello e aos inúmeros amigos, em especial a Bethânia, que trabalha na Secretaria do CED e companheira desde o processo seletivo. Evidenciando da mesma maneira, meu primeiro orientador professor Francisco das Chagas.

Agradeço os professores da linha Trabalho e Educação-TE que me receberam e me auxiliaram na formação durante o mestrado, professor Lucidío Bianchetti, Ari Jantsch, Célia Vendrar Eneida Shiroma, Nise Jinkings, Patrícia Torriglia, Paulo Tumolo e Valeska Guimarães.

Aos amigos de turma Amália, Davi, Mara, Jane, Maristela e em especial Franciele, que além de companheira de estudos, também foi amiga no apartamento em que morávamos em Florianópolis-SC e nas inúmeras brincadeiras durante a longa caminhada até chegarmos à universidade.

Ás queridas amigas Luciane P., Thaisa, Cecília, Carol Pinho, Carol Michele, Elenira, Tina, Carol Bahniuk, que em momentos diferentes me ofereceram sua atenção e amizades sinceras.

Aos amigos que me receberam várias vezes em sua casa com todo carinho e paciência Fernando Cândido e Sandra Davanço, Rosângela Melo e Ademir Lazarini, onde em cada encontro me davam uma aula de militância.

A Patrícia e Sônia que me atenderam gentilmente no CED, facilitando o processo burocrático do mestrado.

Aos grandes amigos de Maringá: Cláudia, Fer, Zi, Thays, Dani, Mari, Josy, Marcos, Wilson.

Aos amigos queridos de Forquilha Leninha e família, Valdirene, Elisandra, Renata... Aos amigos de Criciúma, Nova Veneza e Içara.

Á amiga Anie Fabris Casagrande que em um momento especificamente crítico, me estendeu a mão e me reestruturou emocionalmente.

Á doce Gi, da UNESC, que sempre me recebeu com um sorriso nos olhos e com toda gratidão me ajudou incondicionalmente.

Aos estudantes egressos, professores e funcionários das escolas que fundamentaram essa pesquisa, que me atenderam em difíceis horários e locais, de forma solícita e educada.

Aos trabalhadores que são diariamente explorados para produzir riqueza em uma sociedade cruel e assim, me proporcionaram uma bolsa de estudos por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ.

Ao Vanderson Sperfeld que com seu amor, companheirismo, delicadeza, alegria e incentivo me auxiliou impreterivelmente, não permitindo que nem mesmo o tempo e a distância fossem capazes de diminuir nosso sentimento.

Agradecimento especial à minha orientadora Patrícia Laura Torriglia que apostou em mim e me ajudou incontestavelmente. Acompanhou os meus passos, dificuldades, os obstáculos e inúmeros problemas ao longo do processo da pesquisa.

Vocês são pessoas especiais, em momentos especiais e que com certeza guardo em um local muito especial... Obrigada!

O pior analfabeto
É o analfabeto político,
Ele não ouve, não fala,
nem participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida,
o preço do feijão, do peixe, da farinha,
do aluguel, do sapato e do remédio
dependem das decisões políticas.

O analfabeto político
é tão burro que se orgulha
e estufa o peito dizendo
que odeia a política.

Não sabe o imbecil que,
da sua ignorância política
nasce a prostituta, o menor abandonado,
e o pior de todos os bandidos,
que é o político vigarista,
pilantra, corrupto e o lacaio
das empresas nacionais e multinacionais.

O Analfabeto Político

Bertolt Brecht

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é o de compreender como jovens formados em escolas técnicas em nível médio ingressaram pela primeira vez no mercado de trabalho que atualmente se depara com altíssimo nível de desemprego. Esses jovens são alunos egressos formados nos anos de 2005 e 2006 em duas escolas técnicas, uma pública e outra privada, localizadas no município de Criciúma, extremo sul de Santa Catarina. O interesse foi analisar o processo de inserção dos estudantes egressos de dois Cursos Técnicos em Informática dessas duas escolas em nível médio nessa região de Criciúma. Nessa direção, indagamos se esses egressos estão atualmente desempregados ou empregados, quais as condições de seus empregos e se os cursos técnicos em nível médio foram garantias suficientes para a conquista de um emprego em nossa sociedade. A concepção teórico-metodológica foi o materialismo histórico, procurando compreender alguns aspectos da atual conjuntura da reestruturação do capital e as influências na formação e no emprego dos egressos destas duas escolas técnicas. O estudo de campo utilizou instrumentos da pesquisa qualitativa elaborando, em uma primeira etapa, questionários aos egressos e, posteriormente, entrevistas em profundidade com alguns estudantes. Também realizamos entrevistas com os Coordenadores Educacionais de ambas as escolas, análise documental dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos Técnicos de Informática em nível médio e dos currículos desses cursos. Alguns resultados obtidos mostraram limites na formação ao se procurar emprego, mais ao mesmo tempo, por mediações nos próprios cursos analisados muitos dos estudantes obtiveram seu primeiro emprego após sua formação. Cabe destacar que a especificidade dos cursos – Técnico em Informática - indicou como o avanço da tecnologia, processo inerente ao movimento do capital, não é portadora em-si da evolução do desemprego, e como os cursos técnicos em nível médio, em geral, com intuito de auxiliar os jovens a conquistarem o primeiro emprego na sua área de formação são ineficazes diante da crise estrutural do capital. Assim, as políticas chamadas neoliberais que acompanham este processo aparecem com profundas contradições que refletem o aumento na precarização do trabalho, na desestabilização e fragilização das relações da classe trabalhadora, diminuição do apoio na criação de empregos regulares, entre outros aspectos. Nesse contexto torna-se importante discutir o campo educacional, a formação e treinamento para o trabalho, e sua relação com o mercado e os processos de valorização do capital, em especial quando o processo de aprendizagem encontra-se subordinado exclusivamente a uma determinada formação técnica.

Palavras - chave: Escola Técnica/Nível Médio. Mercado de trabalho e tecnologia. Emprego, subemprego e desemprego.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand how youngsters that have graduated in technical schools, middle level, who graduated in 2005 and 2006, in two technical schools, a public and a private one, located in Criciúma, furthest south of Santa Catarina, have entered for the first time the job market, which has been facing a very high unemployment rate. The purpose was to analyse the insertion of these students, who had graduated in two Informatics Technical Courses, in this region. It was investigated if nowadays they are unemployed, if they have a job, what their job conditions are and if the technical courses, middle level, were sufficient to assure them a job in our society. The methodological-theoretical concept was historic materialism, in order to understand some aspects of the present predicament of the restructure of the capital and its influence in their educational background, and job of the graduates of these two technical schools. In the field study, tools of qualitative research were used, first questionnaires and after interviews with some students. Some Educational Coordinators from both schools were also interviewed and a documental analysis of Pedagogiac Political Pojects of the Informatics Technical Courses in middle level and of their curricula was carried out. Some attained results pointed out some limits in Key words: Technical School/Mi educational background when looking for a job, even though some graduates got their first job after graduating.. The specificity of the courses – Technical in Informatics – pointed out how advances in technology, inherent process of capital flow, is not in itself the bearer of unemployment evolution, and as technical courses, middle level in general, with the intent of helping youngsters to get the first job in their major, are inefficient facing structural crisis of capital. Hence, the so-called neoliberal policies which follow this process appear with deep contradictions, which reflect the increase in job hazardous, in the destabilization and fragilization of relationships of the working class; decrease in support of provision of regular jobs, among other aspects. In this context it has become essential to discuss the educational field, background and training for work, and its relationship with the market and the processes of increasing capital, especially when the learning process is exclusively subordinated to a specific technical background.

Key words: Technical School/Middle Level – Job market and technology Employment – Subemployment - Unemployment

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados dos anos de 2001 a 2006 sobre o funcionamento da unidade escolar.....39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de estudantes formados no colégio técnico público estadual.....	42
Tabela 2: Distribuição dos egressos pesquisados em relação a estarem empregados ou desempregados.	76
Tabela 3: Distribuição dos egressos pesquisados de acordo com o regime de trabalho que estão vinculados.....	77
Tabela 4: Distribuição dos egressos pesquisados sobre a atividade que exercem atualmente.	79

LISTA DE GRÁFICOS

Grafico 1: Distribuição dos estudantes formados na escola técnica pública.....	42
Grafico 2: Escola Técnica Pública.....	86
Grafico 3: Distribuição dos estudantes egressos pesquisados da escola técnica privada de acordo com sua renda mensal.....	87

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

- ADVT – Associação de Defesa dos Vitimados pelo Trabalho das Regiões da AMREC AMESC E AMUREL.
- ALCA - Área de Livre Comércio das Américas
- AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
- AMREC – Associação dos Municípios da Região Carbonífera
- AMUREL - Associação dos Municípios da Região de Laguna
- APLER – Associação dos Portadores de L.E.R.
- CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
- CEREST – Centro de Referência de Saúde do Trabalhador
- CLT - Consolidação das Leis do Trabalho
- CREA - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.
- DH – Desenvolvimento Humano
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
- ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
- ESUCRI - Escola Superior de Criciúma
- GEREI - Gerência de Educação e Inovação
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICPG – Instituto Catarinense de Pós-Graduação
- INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- L.E.R./ DORT – Lesão por Esforço Repetitivo/Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho
- MSN – *MicroSoft Network*
- OIT – Organização Internacional do Trabalho
- PEA – População Economicamente Ativa
- PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego
- PIA – População em Idade Ativa
- PPP – Projeto Político Pedagógico
- PREMEN – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino
- PROEP - Programa de Expansão da Educação Profissional
- SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

S.I.E.E. - Serviço de Integração Empresa Escola

SIM UNESC – Sistema de Ingresso por Mérito da Universidade do Extremo Sul Catarinense

SINDASPI/SC – Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Assessoramento, Perícia, Pesquisa e Informações de Santa Catarina.

SINE – Sistema Nacional de Emprego

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

T.I. – Tecnologia da Informação

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNAS – Unidades Acadêmicas

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

VOIP - *Voice Over Internet Protocol*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 AS UNIDADES DE ANÁLISE: DESCRIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS	28
1.1 Aspectos teóricos – metodológicos da pesquisa.....	28
1.2 Campo empírico: as duas unidades de análise.....	33
1.3 Escola técnica pública estadual	35
1.3.1 Escola pública estadual: os cursos técnicos em nível médio de informática.....	41
1.3.2 Processo de estágio na escola técnica pública estadual	48
1.4 Escola técnica privada.....	50
1.4.1 Curso técnico em nível médio: habilitação em informática industrial	62
1.4.2 Processo de estágio na escola técnica privada.....	70
2 O ENSINO MÉDIO TÉCNICO E A LUTA PELA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	73
2.1 Categorias emprego, subemprego e desemprego.....	73
2.2 A realidade cruel da exploração da força de trabalho juvenil na área técnica em informática	76
2.3 O subemprego na área técnica em informática.	78
2.4 Exigências das empresas para contratação dos técnicos de informática em nível médio.....	81
2.5 Salários na área de informática.....	85
2.6 Jornada de trabalho na área de informática.....	88
2.7 Repercussões das condições de trabalho na saúde dos técnicos em informática	90
2.8 As dificuldades na organização sindical.....	91
3 OS JOVENS TÉCNICOS EM INFORMÁTICA DE NÍVEL MÉDIO DESEMPREGADOS.....	96
3.1 Os índices do impacto da crise financeira no mercado de trabalho na sociedade capitalista atual.....	96
3.2 A condição degradante dos jovens técnicos em informática de nível médio desempregados na sociedade atual.....	100
3.3 A relação entre a categoria desemprego e a sociedade tecnológica	105

3.4 A fetichização da tecnologia nas relações capitalistas de produção.....	108
3.5 O ensino profissionalizante fundamentado na lógica do capital	110
3.6 A necessidade de urgente da construção de um sistema educacional contra-hegemônico	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	128

INTRODUÇÃO

Desenvolvemos essa pesquisa com o intuito de entender como jovens formados em escolas técnicas em nível médio buscaram pela primeira vez a inserção no mercado de trabalho o qual no processo de reestruturação capitalista se depara com altíssimo nível de desemprego. O objeto de pesquisa se concentra em estudantes egressos de cursos técnicos de informática em nível médio, formados em duas escolas específicas, uma pública e outra privada, ambas localizadas no município de Criciúma, extremo sul de Santa Catarina. Os egressos priorizados se formaram nos anos de 2005 e 2006, e os estudos nesses Cursos têm como opção o curso de Informática Industrial, na instituição técnica privada e nos cursos de Editoração, Programação e Manutenção, na instituição técnica pública.

Nessa direção indagamos como foi o processo de formação e inserção no mercado de trabalho de jovens formados em cursos técnicos de informática em nível médio, quais fatores influenciaram nesse processo de inserção, em que condições se encontram os egressos que não conseguiram ter acesso as possibilidades para ingressar ao mercado de trabalho. Também, interessou conhecer se houve situações de subempregos em uma área diretamente ligada à tecnologia e se, a partir das duas unidades de análise escolhidas, os cursos técnicos em nível médio são garantias suficientes de conquistar o primeiro emprego nesta sociabilidade. Sabemos que em seu processo de ampliação e aumento da taxa de lucro, as relações capitalistas exigem e exploram cada vez mais a força de trabalho humana de forma intensa, cruel e desigual. Nesse sentido, nos perguntamos se a procura por treinamentos e maior capacitação profissional estaria superando a carência de empregos de qualidade em um mercado sob a égide do capital?

A cada década vivenciamos uma condição crescente da precarização estrutural do mercado de trabalho e contradições profundas dentro da sociedade capitalista. Contradições que fazem com que as condições de trabalho se tornem cada vez piores e decadentes, ampliando a desigualdade e a exclusão social. Mészáros (2007), explica que o sistema de controle sócio-metabólico do capital elimina terrivelmente a esmagadora maioria da humanidade do processo de trabalho, mantendo assim sua capacidade de desenvolvimento no sistema produtivo e seu poder de controle no metabolismo social de produção. Desta forma, o desemprego torna-se um fato dominante no modo de sistema capitalista como um todo em nosso contexto histórico, intensificando o contraste entre classes sociais e tencionando a luta pela sobrevivência na conjuntura atual.

Outro autor, Pochmann (1999), assinala que a lógica neoliberal já previa a ampliação do desemprego e da desigualdade social como forma de manter a flexibilização da força de trabalho, a disciplina dos trabalhadores, concorrência no mercado de trabalho e baixa remuneração da mão-de-obra, justificando-se na necessidade do pleno desenvolvimento e expansão da economia. Contudo, o desempenho econômico está cada vez mais ínfimo, aumentando o grau de pobreza da população, mostrando qual é o real significado da lógica perversa do capital e do conceito de globalização. Atualmente, na sociedade capitalista não há nenhum setor do trabalho que esteja isento do movimento de desemprego e subemprego. Como sabemos, este problema está vinculado diretamente a precarização da ordem estrutural do capital que se tornou irreversível e insuperável. Isso afeta até mesmo os países mais desenvolvidos, como bem indica Mészáros (2006, p 27), “onde é mais difundida a falsa idéia de flexibilidade que camufla a crise decorrente da expansão e da acumulação do capital deteriorando as condições de trabalho”. Também o autor afirma, que a real preocupação “das personificações do capital” é dar impulso à flexibilização do trabalho para combater a rigidez do mercado, intensificando assim a eliminação de empregos, expulsando as pessoas do processo produtivo e realizando as mais brutais práticas de exploração da força de trabalho. (MÉSZÁROS, 2006, p28).

Todavia, é importante assinalar nesse contexto, que ao evidenciarmos o processo histórico nos países capitalistas deparamo-nos com a crescente crise sob condição de desemprego e isto não é um fenômeno recente, nem uma característica da realidade atual. Contudo, alcançamos um grau tão alto na crise conjuntural do capital que o desemprego tornou-se categoria pontual em nossa sociedade. O autor afirma:

Atingimos uma fase do desenvolvimento histórico do sistema capitalista em que o desemprego é a sua característica dominante. Nessa nova configuração, o sistema capitalista é constituído por uma rede fechada de inter-relações e de indeterminações por meio da qual agora é impossível encontrar paliativos e soluções parciais ao desemprego em áreas limitadas, em agudo contraste com o período desenvolvimentista do pós-guerra, em que políticos liberais de alguns países privilegiados afirmavam a possibilidade do pleno emprego em uma sociedade livre. (MÉSZÁROS, 2006, p 31).

Nessa direção e aprofundando suas análises, Mészáros (2003), argumenta que a tendência de todos os países capitalistas, até mesmo os mais desenvolvidos, é a devastadora falta de empregos dignos para a população e para os que se encontram empregados, terão que suportar o declínio das condições materiais de existência e a intensificação cruel da exploração de suas forças de trabalho. Esta intensificação tem conseqüências diretas na diminuição gradual e paulatina dos direitos conquistados pela classe trabalhadora ao longo de

lutas históricas. E o autor assinala que “[...] o final da ascensão histórica do capital também trouxe consigo uma equalização para baixo da taxa diferencial de exploração.” (MÉSZÁROS, 2003, p 27).

O capital é um sistema antagônico cuja essência é a busca de lucro e acumulação sem se preocupar com as condições dignas de sobrevivência para a humanidade. Também, é da natureza do próprio sistema capitalista as divisões de classe, que aprofundam as contradições sociais e os antagonismos. A insuperável dominação e subsunção do trabalho pelo capital acarretam ainda muito mais o individualismo e a forte concorrência. E cumpre pensarmos, como destaca Mézáros (2007, p 68) “[...] o capital como um modo historicamente determinado de controle da reprodução sociometabólica. Esse é seu significado fundamental. Penetra em todos os lugares”.

Atualmente todos os aspectos da vida humana estão controlados pelo capital e inseridos nesse sistema, onde as regras sociais são estabelecidas pelo mercado de trabalho. Ou seja, o trabalho está sujeito à imposição disciplinar tirânica e aos condicionamentos desumanos do mercado, onde o confronto fundamental e socialmente intransponível, como já assinalava Marx e de acordo com Mézáros (2007), está entre capital e trabalho. Este confronto abrange a totalidade do trabalho como antagonista do sistema, pois se coloca em sua totalidade como “capital social”, porém faz com que todos aceitem sem questionar suas contradições e transformações, independentemente do contexto histórico, do país, do posto e da posição que se ocupe no mercado de trabalho. Por isso, mundialmente é crescente o número de trabalhadores expulsos do processo produtivo capitalista.

O reflexo da mundialização do capital que privatizou a economia do mercado, desregulamentou as leis do trabalho assalariado e intensificou a concorrência na esfera financeira, vem tencionando a realidade de desempregados e subempregados na sociedade atual. A este respeito, Chesnais (1996, p 300) explica que atualmente e em primeiro lugar:

[...] o modo de produção dominante mostra à luz do dia, de forma cotidiana, sua incapacidade de gerir a existência do trabalho assalariado como forma predominante de inserção social e de acesso à renda. Depois de ter destruído o campesinato e boa parte dos artesãos urbanos, desertificando regiões inteiras, apelado para o exército industrial de reserva dos trabalhadores imigrantes, criado concentrações urbanas desumanas e inadministráveis, ele condena milhões de assalariados e jovens ao desemprego estrutural, isto é, à marginalização, passando facilmente à decadência social.

Evidencia-se a cada dia que estamos enfrentando uma crise conjuntural genuína da totalidade do nosso sistema de reprodução social. A população mundial está enfrentando

riscos altíssimos em toda a ordem social globalmente interligada e Mészáros (2007) afirma que o gênero humano constitui hoje uma comunidade planetária que enfrenta os maiores riscos de sua própria destruição e extinção. A dificuldade insuperável a este respeito é que o sistema capitalista com sua própria natureza é incapaz de atentar para os problemas ameaçadores da sua crise conjuntural. O sistema do capital tem um caráter evidentemente histórico e suas personificações se direcionam ao interesse de eternizar a vigência do seu modo de controle sócio-evolutivo esmagador e desumano. Marx (2004, p 311) explica que o capital:

[...] tem tão “boas razões” para negar os sofrimentos da geração de trabalhadores que o circundam, não se deixa influenciar, em sua ação prática, pela perspectiva de degenerescência futura da humanidade e do irresistível despovoamento final. Tudo isto não impressiona mais do que a possibilidade de a Terra chocar-se com o Sol. Todo mundo que especula em bolsa sabe que haverá um dia de desastre, mas todo mundo espera que a tempestade recaia sobre a cabeça do próximo, depois de ter colhido sua chuva de ouro e de ter colocado seu patrimônio em segurança. *Après moi le déluge!* É a divisa de todo capitalista e de toda nação capitalista. O capital não tem, por isso, a menor consideração com a saúde e com a vida do trabalhador, a não ser quando a sociedade o compele a respeitá-las. À queixa sobre a degradação física e mental, a morte prematura, o suplício do trabalho levado até a exaustão, responde: “Por que nos atormentamos com esses sofrimentos, se aumentaram nosso lucro?” De modo geral, isto não depende, entretanto, da boa ou da má vontade de cada capitalista. A livre competição torna as leis imanentes da produção capitalista leis externas, compulsórias para cada capitalista individualmente considerado.

Mészáros (2007) reafirma que não estamos diante de problemas específicos dos países pobres, limitados a um “exército de reserva” a espera de ser recolocado no mercado de trabalho ou de existirem trabalhadores não-qualificados, mas diante de uma profunda contradição fundamental do modo de produção capitalista como um todo, onde todas as categorias de trabalhadores sofrem com o terrível “fardo de subdesenvolvimento crônico social”, que se auto-justifica no discurso ideológico da democracia e desenvolvimento. Vasapollo (2006) também ressalta, que a organização do trabalho na sociedade capitalista está cada vez mais precária, flexibilizada e desregulamentada. Aumentando entre os trabalhadores assalariados o medo de perder o emprego, de serem expulsos de uma vida social digna, e de conviverem com a globalização neoliberal e o avanço tecnológico que não resolvem as necessidades sociais, ao contrário, precarizam ainda mais a “totalidade do viver social.”

Não há mais possibilidades para nenhum trabalhador, independente do cargo, qualificação ou trabalho que exerce no mercado, tudo está desaparecendo. Trabalhadores que

tinham a falsa autonomia de manterem seus cargos por dominarem a avançada tecnologia computadorizada se dão conta que estão sendo esmagados pelo problema imperativo da acumulação do capital. Mészáros (2007), aponta que os apologistas do sistema neoliberal esperavam que acreditássemos que a modernização e o desenvolvimento tecnológico fossem suficientes para superarem os antagonismos do capital, que o falso desenvolvimento da economia capitalista levaria à modernização tecnológica, gerando novos empregos e de alta qualidade. Contudo, observamos a cada dia que a “panacéia tecnológica” é um “subterfúgio autovantajoso das contradições” para manter os benefícios de poucos privilegiados desse *status quo*. Por conseqüência, a redução dos empregos de qualidade e ampliação de postos de trabalho precários faz com que trabalhadores qualificados aceitem subempregos sem nenhum vínculo com sua formação e se submetam a dominação estrutural desumana do capital. As inovações tecnológicas aumentaram os ganhos de produtividade e lucro, mas não ajudaram na inserção de trabalhadores no mercado e nem a ampliação de empregos dignos. Assim, para Pochmann (2001, p 51), “[...] o Brasil é campeão da ocupação doméstica, enquanto engenheiros, físicos e analistas de sistemas, entre outros, dirigem táxis ou exercem atividade subocupadas que quase nada tem a ver com a formação profissional que previamente tiveram”.

A relação entre o sistema produtivo na sociedade capitalista e a escola baseia-se, segundo Frigotto (1989), na concepção de capital humano, que vincula diretamente a educação e a qualificação. Intensificando a ideologia de que as desigualdades sociais diminuirão, a partir do momento que for investido cada vez mais em treinamento para o trabalho. A escola passa a produzir um conhecimento articulado ao treinamento específico e efetivado nas indústrias, cumprindo diversas funções do capital no centro dos processos produtivos. Intensificando a discriminação e a diferença de classes, negando os instrumentos para apropriação do conhecimento à classe trabalhadora.

Essa ambigüidade conferida à educação reflete diretamente no ensino médio no Brasil. Para Kuenzer (1997), este tem sido o nível mais difícil ao se propor uma concepção, estrutura e formas de organização educacional. Essa falta de identidade ocorre, refletindo em propostas pedagógicas confusas e de pouca qualidade, pois não consegue atender a finalidade de “aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental e a preparação básica para o trabalho [...] por meio da construção da autonomia intelectual e moral.” (KUENZER, 1997, p 09). A história do ensino médio no Brasil se constrói fundamentada em enfrentamentos e tensões, criando uma profunda dualidade estrutural a respeito de uma proposta educacional voltada a formação geral de disciplinas e cultura, e a formação técnico-

profissional. Kuenzer (2001, p 26) relata que essas são as duas faces indissociáveis de uma mesma proposta, destacando que a “formação de quadros intermediários, que desempenharão, no contexto da divisão social e técnica do trabalho, as funções intelectuais e operativas em cada etapa de desenvolvimento das forças produtivas” Kuenzer (2001, p 26).

Uma das categorias centrais mais discutidas na constituição do Ensino Médio é a dualidade estrutural, enfatizando dois tipos de escola. Uma voltada para os que vão exercer funções de dirigentes e outra, pública ou privada, onde os estudantes serão preparados para o mundo do trabalho em cursos específicos de formação profissional. Formando para alcançarem a qualidade e a alta produtividade, enfrentando intensa competitividade e comprometendo-se com o trabalho de forma cada vez mais autônoma e eficaz. Kuenzer (2001, p 32) argumenta:

[...] evidentemente, essas novas determinações mudariam radicalmente o eixo da educação média e profissional, caso ela fosse assegurada para todos, o que na realidade não ocorre. Ao contrário, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nessa área mostram que a oferta de oportunidades de sólida educação científico-tecnológica se dá para um número cada vez menor de trabalhadores incluídos, criando estratificação inclusive entre estes. Na verdade, cria-se uma nova casta de profissionais qualificados, a par de um grande contingente de trabalhadores precariamente educados, embora ainda incluídos, porquanto responsáveis por trabalhos também crescentemente precarizados. Completamente fora das possibilidades da produção e do consumo, e em decorrência, do direito à educação e à formação profissional de qualidade, uma grande massa de excluídos cresce a cada dia, como resultado do próprio caráter concentrador do capitalismo, acentuado por esse novo padrão de acumulação.

Esses problemas que vão além do pedagógico, tornam-se problemas políticos que se expressam nas relações entre capital e trabalho, fazendo com que surjam soluções ideológicas e demagógicas, desconsiderando a realidade vigente e aumentando as desigualdades sociais. Ficando cada vez mais distante do ensino médio, a proposta de atender o acesso ao trabalho e a continuidade da vida escolar com compromisso e qualidade. A argumentação ideológica de que é extremamente necessária a capacitação profissional para suprir as novas demandas profissionais que lidam com a nova maquinaria tecnológica, esconde a real situação do baixo grau de empregabilidade. Refletindo no trabalhador a culpa por não ter acesso ao mercado de trabalho, pois este não procurou estudar e se qualificar. Intensificando assim, a armadilha e a idéia de que apenas o aumento do grau de escolaridade é fator suficiente para superação da cruel realidade do mercado de trabalho, especificamente quando a formação educacional está voltada para uma determinada função. Esta questão oculta o verdadeiro

problema do mercado de trabalho que está ligado a fatores muito mais abrangentes ao longo do nosso processo histórico como: a economia no contexto geral, o interesse acima de tudo de acumulação do capital, o fracasso do desenvolvimento sustentável, a péssima administração de gastos públicos, os ínfimos investimentos dos Estados, a adoção de políticas neoliberais e o poder devastador do *controle sócio-metabólico do capital*¹.

Desta forma, tendo acesso às práticas pedagógicas dessas instituições durante a nossa formação acadêmica, contatos com profissionais que trabalhavam nessas instituições pesquisadas, observando a atuação de seus técnicos dentro do mercado de trabalho da região e acompanhando discussões sobre a identidade do ensino médio das escolas técnicas profissionais, optamos por buscar entender e pesquisar a realidade de seus egressos. Visto que, a escolha das duas instituições ocorreu por serem as únicas a oferecerem cursos na área de informática em nível médio na região e o fato de ser uma escola pública e outra privada, nos fez remeter as análises de Saviani (2008, p. 428) referindo-se que desde a década de 1980 já se contextualizava o discurso do fracasso da escola pública, justificada “como algo inerente à incapacidade do Estado de gerir o bem comum. Com isso se advoga, também no âmbito da educação, a primazia da iniciativa privada regida pelas leis de mercado.” Assim, surgindo questionamentos e curiosidade de conhecermos a realidade de uma escola técnica pública e outra privada na mesma área de formação e localização.

Durante nossa formação no curso de Pedagogia, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC², localizada em Criciúma-SC, tivemos a oportunidade de realizar as primeiras discussões sobre a formação no ensino médio, observando suas contradições, dualidade e problemas enfrentados na constituição de sua identidade. Após a formação no curso de Pedagogia, em 2001, ministramos aulas no ensino médio em uma escola pública estadual localizada em Forquilha, cidade próxima a Criciúma. Nessa experiência, acompanhávamos de perto todas as argumentações, dúvidas e questionamentos que envolvem essa fase da educação formal, através de reuniões com colegas de trabalho, profissionais que administravam as escolas públicas da região e técnicos pedagógicos da época.

Nosso interesse pelos cursos ligados diretamente a área de informática surgiu durante o curso de especialização em 2003 e 2004, onde desenvolvemos um estudo sobre o

¹ Expressão utilizada pelo autor István Mészáros.

² É importante ressaltar que o campus universitário fica localizado entre as duas escolas técnicas pesquisadas, auxiliando em convênios de projetos entre estas instituições e a universidade. Sendo comum ver estudantes dos cursos técnicos em nível médio utilizando a estrutura física da universidade, como a biblioteca e auxiliando no contato dos acadêmicos com esses estudantes.

trabalho pedagógico no laboratório de informática da E.E.B. Waldemar Casagrande³, também localizada no município de Forquilha. Este estudo nos oportunizou as primeiras compreensões sobre influencia tecnológica na educação permitindo um melhor entendimento sobre a informática na escola pública. Nessa oportunidade observamos o uso de máquinas sucateadas nessas instituições, a demagogia dos programas educacionais que incentivam o uso da informática como forma ilusória de ascensão social e a inserção de técnicos de informática nas escolas sem a capacitação pedagógica necessária para ministrar aulas para o ensino infantil e séries iniciais, na educação fundamental. Ao indagarmos sobre a formação dos técnicos de informática em nível médio para trabalharem nos laboratórios das escolas básicas observamos algumas dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho. Assim, a presente pesquisa vem nos auxiliar no entendimento e aprofundamento sobre as análises de que não basta à educação se pautar em cursos específicos em uma determinada funcionalidade e tecnologia para amenizar alguns dos problemas gerados pela terrível mazela da sociedade capitalista. Na realidade, nos perguntamos se a formação educacional nesta sociabilidade pautada em ideologias neoliberais é garantia de inserção no mercado de trabalho, de conquista de um trabalho digno e de sobrevivência para todos os trabalhadores?

Com o intuito de melhor apreender esta problemática a dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro descreve as unidades de análise pesquisadas localizadas no município de Criciúma, extremo sul de Santa Catarina. Explanando sobre os cursos técnicos de informática em nível médio em duas escolas técnicas profissionalizantes reconhecidas pelos seus respectivos sistemas de ensino e os procedimentos para inserirem seus estudantes no mercado de trabalho, detalhadamente descritos.

O segundo capítulo intitulado de “O Ensino Médio Técnico e a luta pela inserção no mercado de trabalho.” aborda as dificuldades que os estudantes enfrentam para conseguirem o primeiro emprego após a formação nos cursos técnicos em informática de nível médio e a cruel exploração de suas forças de trabalho na sociedade capitalista atual.

Finalizamos com o terceiro capítulo nomeado “Os jovens técnicos em informática de nível médio desempregados.” focalizando a situação desoladora dos jovens técnicos que ainda não conseguiram se inserir de forma digna no mercado de trabalho, a desigualdade de uma sociedade desumana ironicamente intitulada como a era das máquinas, a fetichização da

³ Trabalhamos nessa escola durante 8 anos ministrando aulas para educação infantil e séries iniciais.

tecnologia e a necessidade urgente de uma formação educacional voltada para consciência revolucionária e emancipação humana.

1 AS UNIDADES DE ANÁLISE: DESCRIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

A educação *para além do capital* visa a uma ordem social qualitativamente diferente. Agora não só é factível lançar-se pelo caminho que nos conduz a essa ordem como o é também necessário e urgente. Pois as incorrigíveis determinações destrutivas da ordem existente tornam imperativo contrapor aos irreconciliáveis antagonismos estruturais do sistema do capital uma *alternativa concreta* e sustentável para a regulação da reprodução metabólica social, se quisermos garantir as condições elementares da sobrevivência humana. O papel da educação, orientado pela única perspectiva efetivamente viável de ir para além do capital, é absolutamente crucial para esse propósito.

István Mészáros

Neste primeiro capítulo iniciamos com uma explanação sobre os aspectos teóricos e metodológicos que fundamentaram toda nossa pesquisa. Posteriormente explicamos as unidades de análises, duas escolas técnicas em nível médio, uma pública estadual e outra privada, no município de Criciúma – SC, bases da nossa empiria. Focalizando as análises em seus cursos técnicos de informática e sobre os processos de estágio das respectivas instituições.

1.1 Aspectos teóricos – metodológicos da pesquisa

Os procedimentos dessa pesquisa iniciaram ao realizarmos um primeiro contato com os coordenadores pedagógicos, professores e técnicos dos cursos de Manutenção, Editoração e Programação da escola técnica pública e Informática Industrial da escola técnica privada, aplicando questionários e entrevistas em profundidade com alguns egressos das instituições priorizadas. Também, para melhor compreendermos a configuração destas instituições analisamos alguns documentos como, os Projetos Político Pedagógico das escolas, os regimentos institucionais e a Legislação Básica da Educação Profissional do Ministério da Educação-2001, observando as informações oficiais sobre educação técnica de nível médio. No processo da pesquisa realizamos uma revisão bibliográfica e priorizamos alguns autores como Marx, Engels e Mészáros que se fundamentam no materialismo histórico para analisar o trabalho na sociedade capitalista, a formação humana e a educação. Outros autores que auxiliaram a presente pesquisa foram Álvaro Vieira Pinto que desenvolveu seus estudos sobre o conceito de tecnologia. Pochmann, que estuda sobre emprego e desemprego

no Brasil; Kuenzer e Machado que desenvolvem suas pesquisas no ensino médio com ênfase na educação profissional, entre outros.

Após termos acesso as informações sobre a realidade das instituições e dos estudantes iniciamos as análises da empiria. O método escolhido para todo o processo de pesquisa é o qualitativo que, segundo Neto (2000, p51), tendo como referencia a pesquisa qualitativa “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.”

Minayo (2007, p 57) também salienta que este método:

[...] é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. [...]

Esse tipo de método que tem fundamento teórico, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação. Caracteriza-se pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo em estudo. Por isso, é também utilizado para a elaboração de novas hipóteses, construção de indicadores qualitativos, variáveis e tipologias.

Continuamos a pesquisa de campo enviando questionários aos estudantes egressos de nível médio formados nos anos de 2005 e 2006 das duas instituições, a técnica pública estadual e a técnica privada. Justificamos este recorte devido que esta pesquisa iniciou em 2008, e escolhemos egressos formados em média há três anos para entender como foi o processo de inserção destes no mercado de trabalho.

Dentre todos os cursos oferecidos por estas escolas, centralizamos nossas análises nos cursos de Programação, Editoração e Manutenção em Informática na escola técnica pública estadual e no curso de Informática Industrial na escola técnica privada. O intuito é o de compreender, sem esgotar o tema, qual é o papel da tecnologia na atualidade, como uma idéia ou uma concepção específica de tecnologia ligada às possibilidades de emprego e de qualidade ocultam outros movimentos na sociedade capitalista e abordou a questão sobre a formação e mercado de trabalho no nicho tecnológico. Segundo Vieira Pinto (2005, p 42), “o laboratório de pesquisas, anexo à gigantesca fábrica, tem o mesmo significado ético da capelinha outrora obrigatoriamente erigida ao lado dos nossos engenhos rurais”. O autor demonstra que esse falso conceito de tecnologia é a real negação de uma categoria dialética, que faz acreditarmos em uma época de fulgor tecnológico e não nos permite desvelar as reais

diferenças de desenvolvimento existentes entre as nações, silenciando as “manifestações da consciência política das massas”.

Ressalta Vieira Pinto (2005, p 43):

[...] para tentar obscurecer a evidência dos fatos, busca-se inculcar na mentalidade das nações periféricas a crença de que esse é o mecanismo natural e inevitável do progresso, a forma de que, para os homens e as nações, se reveste a lei biológica da seleção dos mais fortes. Não tem sentido, por conseguinte imaginar uma comunidade universal onde todos os povos pudessem gerar, em igualdade de condições, as criações da ciência e da técnica. Estas, por necessidade, exigem concentração de recursos econômicos e intelectuais, implicam a concentração geográfica. Noutras palavras, os avanços superiores da cultura científica só podem ter lugar nas áreas dominantes. Os povos na minoridade devem compreender o caráter imperioso e irremissível desta situação, por motivos históricos, sendo, portanto ocioso analisar e prejudicial denunciar um vínculo de dependência que em nada seria alterado pela reclamação contra este estado de coisas. Aos países subdesenvolvidos só resta o recurso de se incorporarem à era tecnológica na qualidade de seqüito passivo em marcha lenta, consumidores das produções que lhes vêm do alto, imitadores, e no máximo fabricantes, do já sabido, com o emprego de técnicas que não descobriram, necessariamente sempre as envelhecidas, as ultrapassadas pelas realizações verdadeiramente vanguardistas, que não têm direito de pretender engendrar.

Por conseguinte, para o autor, as nações desenvolvidas têm motivos suficientes para “endeusarem” a tecnologia, utilizando-a como instrumento de domínio e exploração, onde os países subdesenvolvidos se submetem, acreditando que esta é a única maneira de participarem do progresso dos tempos vigentes. Entretanto, Vieira Pinto explica que não devemos ser reacionários ao ponto de tornarmos “corneteiros do pensar” advindos de uma nação derrotada com pretensões expansionistas. Indicando que são os ideólogos que colocam a técnica como “instrumento de desumanização do homem”, e devemos realizar, segundo o autor:

[...] O exame do conceito de ‘civilização tecnológica’, para nós, povos subdesenvolvidos, tem de começar pela exposição e desmascaramento dos fatos políticos que encobrem à consciência as possibilidades de as nações privadas do poder se pensarem a si mesmas (VIEIRA PINTO, 2005, p 44).

O autor polemiza que as sociedades atuais não estão nem mais nem menos tecnicista do que as antigas, pois mesmo os “primitivos” que viviam ocupados com as questões da subsistência de si mesmo e da espécie “está muito mais imerso numa sociedade tecnocrática do que nós [...]” (VIEIRA PINTO, 2005, p 46). Ou seja, “quanto mais se desenvolve a tecnologia tanto mais regride a ‘tecnocracia’ (FREITAS, 2005, p 12), e por isso, não acredita que as máquinas e computadores são referências de qualidade, onde a “era tecnológica” conseguirá superar a desigualdade social. Pois, sem acabar com a desigualdade

que se torna cada vez mais acirrada e desumana na sociedade capitalista, “não deixaria de ter importância a ferramenta rústica na sociedade.”

Retomando a linha do pensamento, é importante assinalar que, primeiramente realizamos alguns questionários, formaram-se 97 estudantes na escola técnica pública estadual pesquisada e 96 estudantes na escola técnica privada, no total foram 193 estudantes nos anos de 2005 e 2006. Desses, recebemos 48 questionários respondidos por *e-mail*, representando 25% do total de egressos das duas instituições. Assim, baseados em informações coletadas construímos perguntas com o intuito de realizar entrevistas semi-estruturadas que pudessem subsidiar melhor algumas informações em relação ao nosso objeto.

Para tal fim realizamos vinte e nove (29) entrevistas, nas quais 10 com estudantes egressos da escola técnica pública estadual e 14 com os egressos da escola técnica privada. Uma entrevista com Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Assessoramento, Pesquisa e Informações de Santa Catarina – SINDASPI/SC, uma entrevista com Associação de Defesa dos Vitimados pelo Trabalho - ADVT das Regiões da AMREC (Associação dos Municípios da Região Carbonífera), AMESC (Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense) e AMUREL (Associação dos Municípios da Região de Laguna). Finalmente realizamos três entrevistas em empresas na área de Informática e Tecnologia na cidade de Criciúma-SC.

A escolha sobre quem realizar as entrevistas foi orientada com o intuito de aprofundar algumas respostas surgidas a partir dos questionários. Dessa maneira, realizamos algumas entrevistas aos egressos dos cursos de informática que se encontravam empregados e também, a partir da sugestão de um membro da banca de qualificação incorporamos alguns egressos que estavam desempregados para conhecer as razões de porque não conseguiam emprego. Também entrevistamos alguns gerentes ou proprietários da empresa e membros do sindicato dos trabalhadores. Cabe destacar que a escolha por entrevistar o Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Assessoramento, Pesquisa e Informações de Santa Catarina – SINDASPI/SC e a Associação de Defesa dos Vitimados pelo Trabalho – ADVT se deu pelo nosso interesse de buscar compreender se há e como ocorre a organização sindical da classe dos trabalhadores da área de informática, se eles têm alguma dificuldade de se mobilizarem, qual o papel desse sindicato e associação como espaço de auxílio pela busca dos direitos desses trabalhadores e se há algum apoio ou orientação sobre a saúde laboral destes.

Desta forma, aos egressos empregados perguntamos sobre a trajetória profissional, cargo atual, mudanças organizacionais, condições de trabalho, participação industrial, salários, treinamentos, sindicato, perspectivas, expectativas e planos profissionais. Aos egressos desempregados perguntamos sobre a trajetória profissional, sindicato, atuais

perspectivas e expectativas e planos profissionais. Aos gerentes questionamos sobre os técnicos na área de informática, a realidade da empresa e do mercado de trabalho na área de tecnologia, qualificação, e relação com o sindicato dos trabalhadores. E ao Sindicato dos trabalhadores Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Assessoramento, Perícia, Pesquisa e Informações de Santa Catarina - SINDASPI/SC³ e à Associação de Defesa dos Vitimados pelo Trabalho - ADVT⁴ indagamos sobre o histórico de lutas na área de informática, sobre a atitude e posição dos trabalhadores, saúde do trabalhador e recentes conquistas da categoria.

Como indicamos a informação recolhida mediante a coleta de dados nas entrevistas não ocorreu de forma neutra. A perspectiva das perguntas estava orientada pela preocupação sobre o emprego e desemprego, e já que nesses cursos sobre informática perpassa o tema da tecnologia foi uma categoria importante no movimento da pesquisa. Isto significa não esquecer os fundamentos do materialismo histórico-dialético que permite uma profunda reflexão para compreender a estrutura dominante do capitalismo em relação aos processos envolvidos da realidade pesquisada. Segundo Mészáros (1993), a concepção dialética destaca a dinâmica da história e esta dinâmica favorece o desenvolvimento do pensamento crítico que procura conhecer a realidade na sua concreticidade, partindo da atividade prática e objetiva do ser humano na história. Outro autor, Lukács (1978, p 104) define que a dialética materialista:

[...] na medida em que ela realiza e desenvolve a aproximação à realidade objetiva conjuntamente ao caráter processual do pensamento como meio para esta aproximação, pode compreender a universalidade em uma contínua tensão com a singularidade, em uma contínua conversão em particularidade e vice-versa. Assim, a concreticidade do conceito universal é purificada de qualquer mistificação, é concebida como o veículo mais importante para conhecer e dominar a realidade objetiva.

Para Kosik (1976, p 16) “a dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender a ‘coisa em si’ e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade”. Em que, para o autor, o pensamento busca destruir a pseudoconcreticidade, desvelando o mundo das aparências e desvendando o movimento do mundo real. Este des-ocultamento significa que por trás do fenômeno estudado se revele a essência, mostrando sua coerência interna e o caráter específico da coisa. Também, o autor argumenta que o conhecimento dialético ocorre em “movimento espiral” como um processo

de concretização que caminha da totalidade para a especificidade revelando suas contradições, e vice-versa. Nas suas palavras:

[...] o conhecimento dialético da realidade não deixa intactos os conceitos no ulterior caminho do conhecer; não é uma sistematização essa fundada sobre uma base imutável e encontrada uma vez por todas: é um processo em espiral de mútua compenetração e elucidação dos conceitos, no qual a abstratividade (unilateralidade e isolamento) dos aspectos é superada em uma correlação dialética, quantitativo-qualitativa, regressivo-progressivo. A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes. (KOSIK, 1976, p 41).

A dialética da totalidade concreta ressalta Moraes (2000, p23), busca analisar a realidade em sua totalidade e não significa exaurir todos os fatos ou aspectos, porém “significa um todo estruturado, processual, em permanente dissolução/engendramento, onde cada parte da realidade está aberta e dentro de uma ação recíproca, contraditória, com todas as partes do real.”. Em que, o processo não pode ser concluído porque a realidade é inacabada, contraditória e infinita, definindo “os seres humanos e suas relações”.

Observando esta realidade contraditória e incompleta é que focalizamos nossa pesquisa em duas escolas técnicas em nível médio que se destacam na formação profissionalizante da região do extremo sul catarinense. Desta forma, segue o histórico e caracterização de cada uma delas.

1.2 Campo empírico: as duas unidades de análise

Como assinalamos o estudo foi realizado em duas escolas técnicas em nível médio na região de Criciúma, Santa Catarina. Uma delas é a escola estadual pública que oferece 13 cursos técnicos profissionalizantes em nível médio, entre eles um curso integrado. Além da sede em Criciúma, também apresenta uma extensão em uma cidade próxima chamada Cocal do Sul, onde focaliza seu programa de qualificação profissional em cursos direcionados a uma empresa na área de cerâmica desse município. O colégio público estadual funciona em uma forma específica de cooperativismo, onde os estudantes contribuem com um determinado valor em forma de mensalidade. Este afirma que isso auxilia na manutenção física da instituição e reflete na prática pedagógica que é referência reconhecida pela qualidade de suas

ações entre as demais escolas públicas e nos resultados no Ensino Profissionalizante. A escola diz transformar o ensino profissionalizante, de modo que responda com maior eficiência as demandas do mercado de trabalho, qualificando e requalificando mão-de-obra, contribuindo assim para o aumento da produtividade das empresas. De acordo com o colégio técnico público pesquisado, isso resulta em tentar melhorar a qualidade de vida da população, implementando modelos mais eficientes de gestão, buscando a autonomia administrativa e a parceria com o setor produtivo.

A outra escola técnica pesquisada foi fundada para atender aos filhos de empregados da Indústria Extrativa do Carvão, oferecendo-lhes uma educação técnica e profissionalizante com determinada qualidade e, ao mesmo tempo, formar mão-de-obra especializada e qualificada para as indústrias da região, especificamente as carboníferas. Atualmente ela mantém convênios com a UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense e o PROEP - Programa de Expansão da Educação Profissional, e ainda é mantida pela contribuição da Indústria Carbonífera de Santa Catarina para dar assistência às famílias dos trabalhadores das carboníferas. Contudo, é pouco frequentada pelos filhos desses trabalhadores, pois nem sempre eles conseguem pagar o valor de sua mensalidade. A instituição oferece ensino fundamental completo, 14 cursos técnicos em nível médio, 3 cursos em nível superior. Está dividida em um Centro Educacional, responsável pela educação básica: do fundamental ao médio e supletivo; “Escola Técnica” que forma os técnicos para as diversas áreas econômicas da região; Centro Superior de Tecnologia, com cursos de nível superior na área tecnológica; Centro de Capacitação Empresarial, que responde pela organização de cursos específicos de formação profissional; Centro de Serviços Empresariais e Assistência Comunitária, que presta serviços de apoio às empresas na busca de soluções ou na abertura de novas oportunidades mercadológicas. Centro Meio Ambiente: visando contribuir, segundo a instituição, para a realização de estudos, projetos e planos do setor; e também é responsável pela prestação de serviços de consultoria, auditoria e perícia na área ambiental, elaboração de projetos de recuperação ambiental e desenvolvimento de programas ou projetos de ações comunitárias que preservem o meio ambiente.

Esta escola privada alega que sempre buscou o avanço dentro do âmbito educacional e isso, segundo a instituição, é que determinou o fato de hoje ser a escola com melhor nível técnico de ensino tecnológico de Santa Catarina, evidenciando que não é só no setor tecnológico que se destaca. Segundo a escola, ela também é formadora de cidadãos conscientes, pois o aspecto humano é fundamental no seu processo pedagógico. Trabalha habilidades e competências que contribuem para a formação de um ser humano integrado no

mundo e de um profissional comprometido com a sociedade. Acredita que oportuniza a mobilidade social através da educação e da tecnologia, contribuindo para a formação de cidadãos e do desenvolvimento sustentável do país, desenvolvendo uma cultura voltada à qualidade e a melhoria contínua, através da adoção do sistema da qualidade como instrumento norteador de suas ações. Vejamos a seguir as especificidades de cada unidade de análise.

1.3 Escola técnica pública estadual

O colégio estadual público pesquisado, foi fundado há 31 anos e situa-se na cidade de Criciúma, extremo sul de Santa Catarina, sendo mantido pela Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Iniciou sua atividade no dia 02 de maio de 1978 e foi implantado em 22 de maio de 1979, tornando-se uma das mais renomadas escolas públicas da região, segundo seu Projeto Político Pedagógico. Sua construção se deu através de uma ação conjunta com o PREMEN – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino, dentro do primeiro Plano Setorial de Educação 73/76, e com a Prefeitura Municipal de Criciúma que doou o terreno para a construção da estrutura física da escola.

Esse incentivo do Estado na construção de escolas técnicas públicas ou privadas ocorre há muito tempo e já foi relatado em diversas pesquisas ao longo da história do ensino médio e profissional no Brasil. A este respeito, Kuenzer (2000), explica que no início de século XVIII o governo passou se responsabilizar pela formação profissional criando várias instituições de artes e ofícios, tornando-se mais tarde escolas técnicas federais e estaduais. O objetivo era “educar, pelo trabalho, os órfãos, pobres e desvalidos da sorte, retirando-os da rua.” (KUENZER, 2000, p27), na tentativa de formar o caráter das massas através do trabalho. Afinal, para as elites já havia o ensino primário e secundário propedêutico, que finalizava com o ensino superior voltado ao campo profissional escolhido por eles.

Com essa orientação historicamente consolidou-se uma dualidade estrutural na educação em nível médio no Brasil. E assim, delimitou, por um lado, a formação profissional para os filhos de trabalhadores em escolas especializadas voltadas para funções de execução no mercado de trabalho e por outro, uma formação acadêmica para os filhos das elites voltada para as funções intelectuais. Esta dualidade estrutural, segundo Kuenzer (2000, p 28):

[...] configura-se como a grande categoria explicativa da constituição do Ensino Médio e profissional no Brasil, legitimando a existência de dois caminhos bem diferenciados a partir das funções essenciais do mundo da produção econômica: um,

para os que serão preparados pela escola para exercer suas funções de dirigentes; outro, para os que, com poucos anos de escolaridade, serão preparados para o mundo do trabalho em cursos específicos de formação profissional, na rede pública ou privada.

Cabe destacar que nem mesmo com a efetivação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 4.024/1961), surgida em 1961, foi possível substituir essa educação de caráter dual - baseada em uma sociedade onde o desenvolvimento das forças produtivas se delimita na divisão entre capital e trabalho, dividindo as atividades em intelectuais e instrumentais - por uma educação democrática que articule “formação científica e sócio-histórica à formação tecnológica” dando oportunidades iguais para todas as pessoas e em todos os níveis. No entanto, sabemos que isso só seria possível “em uma sociedade em que todos desfrutem igualmente das mesmas condições de acesso aos bens materiais e culturais socialmente produzidos”. (KUENZER, 2000, p 35). Ou seja, nesta dicotomia observamos um dos momentos em que as relações sob a égide da sociedade capitalista revelam um de seus lados mais perverso no complexo educacional salientando que “estabelecer um modelo único não resolve a questão, posto que submeter os desiguais a igual tratamento só faz aumentar a desigualdade”. (KUENZER, 2000, p 36).

Todavia, tentando superar os desafios colocados para o ensino médio nas escolas técnicas, a educação passa a ter como demanda principal a busca de acesso ao mercado de trabalho para os filhos da classe trabalhadora e desta forma, uma possibilidade de continuarem sua formação profissional no ensino superior. Pois, como afirma Frigotto (1992, p 51):

Para as classes populares, o acesso a essa escola básica é condição necessária, ainda que não suficiente, para uma qualificação humana que as capacite a lutar por seus direitos fundamentais. Essa qualificação básica não exclui a necessidade de oportunidades de uma formação profissional mais específica feita no mundo de produção, em centros públicos ou privados de formação profissional. Sem a primeira formação de caráter básico, todavia, a segunda se tornará adiestramento puro e simples. Não há razões ontológicas, mas sim determinações históricas perversas, que definem que os trabalhadores, as classes populares tenham que ter uma educação, trabalho, lazer, cultura etc., de segunda categoria.

Tendo uma determinada consciência dessa realidade, a escola pública aqui pesquisada diz ter como missão “formar cidadãos com uma educação inovadora e de qualidade em suas funções e serviços, contribuindo com o desenvolvimento regional.” (Plano Político Pedagógico da escola pública técnica estadual, 2006, p 05). Além disso, afirma ter participado da transformação do ensino profissionalizante, de modo que respondeu com maior

eficiência as demandas do mercado de trabalho, qualificando e requalificando mão-de-obra, contribuindo assim para o aumento da produtividade das empresas. De acordo com a escola técnica pública pesquisada isso resultou em tentar melhorar a qualidade de vida da população, implementando modelos mais eficientes de gestão, buscando a autonomia administrativa e a parceria com o setor produtivo. Sobre a missão das escolas técnicas profissionalizantes, Kuenzer (1997, p 66) expõe:

Assim é que a nova proposta de Educação Profissional se articula às novas políticas nacionais neoliberais orquestradas pelo Banco Mundial por meio do exercício de sua grande “missão”: reduzir a pobreza de forma sustentada nos países em desenvolvimento, o que vale dizer, proteger o mundo para os ricos, da destruição que fazem os pobres.

O Plano Político Pedagógico da escola pública pesquisada expressa que o ensino profissionalizante visa à promoção e à capacitação de jovens e adultos com conhecimentos, competências e habilidades para o exercício de atividades produtivas e transformadoras da sua vida, da empresa e, conseqüentemente, da sociedade. Desta forma, a escola diz atender estudantes de classe média baixa de toda a região da Associação dos Municípios da Região Carbonífera - AMREC e outros pólos regionais, como o município de Araranguá, que faz parte da região da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC. Sobre o atendimento dos filhos de trabalhadores em escola técnicas públicas ou privadas, Kuenzer argumenta (1997, p 34):

É essa diferenciação, e não propriamente o conteúdo, que define o caráter antidemocrático da escola humanista tradicional, uma vez que, ao fazer corresponder a cada classe social um tipo de escola perpetua o privilégio do exercício das funções intelectuais e diretivas. Por isto mesmo, a expansão das escolas profissionais não representa avanço no desenvolvimento democrático, e sim perpetua as diferenças de classe. Por permitir uma relativa mobilidade social pela qualificação profissional, cria-se uma falsa impressão de democratização, uma vez que as dificuldades de acesso aos níveis mais altos do sistema de ensino, a par da origem de classes, delimita como alternativa máxima a formação em cursos profissionais voltados para a aquisição apenas de formas operacionais. Ou, como diz Gramsci, esse tipo de formação não permite ao trabalhador aspirar à condição dirigente, ou mesmo estar abstratamente em condições de sê-lo.

Tendo ciência que existe uma diferença significativa entre o ensino público e privado, buscando amenizar essa disparidade pelo menos na estrutura física da instituição é importante pontuar, que a escola Técnica Pública Estadual pesquisada funciona em um sistema diferenciado em relação às outras escolas públicas do município de Criciúma e região. É um sistema denominado cooperativa, que recebe uma determinada quantia em dinheiro mensal dos estudantes. Afirma-se que com essa taxa se auxilia a manutenção dos laboratórios

dos cursos técnicos e da biblioteca, também adicionando um determinado valor no holerite de professores e funcionários. Sobre a cooperativa os egressos nos relataram:

[...] Era um preço bem baixo até. Era da cooperativa, porque lá na escola pública tinha a COOPERPÚBLICA que é a cooperativa do colégio e nós pagávamos à cooperativa, não era o curso... Eles até falavam da manutenção dos laboratórios, manutenção dos equipamentos... [...] (egresso 9/escola pública/ empregado).

[...] Era para cooperativa... O governo não mandava dinheiro para eles. Só para o ensino médio, para os cursos éramos nós que mantínhamos com a mensalidade. Eles não mandavam para o curso técnico, foi o que falavam para nós. Aí, então o que era pago ali era só para manter os cursos técnicos. Se era verdade, se era mentira.. [...] (egresso 5/escola pública/ empregado).

A Coordenadora Educacional nos relatou que para presidir essa cooperativa é escolhido um estudante da instituição através de eleição, por sua vez, a Assistente de Educação argumentou que o Estado realiza o pagamento dos professores, porém quem mantém os 9 laboratórios de informática da instituição são os estudantes pagando à cooperativa da escola o valor de 50,00 reais mensais.

[...] Eu tinha bolsa, porque eu tocava na banda... Deu um rolo essa cooperativa lá no colégio público. Agora, ainda funciona. Mas, por um tempo parou, voltou agora então. Eu lembro quando eu terminei em 2005, acho que ficou um tempo fora sem cooperativa no colégio público... É cooperativa para melhoria no colégio. Pagar professor... [...] (egresso 8/ escola pública/empregado).

[...] Eu acredito que a cobrança seria manutenção. A gente usava o computador, o data show, a biblioteca sem pagar nada. Eu nunca achei que fosse fora... Não, era baixo. [...] (egresso 6/escola pública/empregado)

Pelas informações pleiteadas e analisadas, esse valor foi se modificando a cada período letivo. Os egressos não souberam informar se há algum tipo de auxílio a estudantes carentes que não têm condições de pagar o valor pré-determinando.

[...] Era cobrado. Na minha época era de 45,00 reais por mês... Desde a matrícula... Não, nunca explicaram. [...] (egresso 1/escola pública/empregado)

[...] Tinha mensalidade e a na época se não me engano era 30,00 reais o curso. Porque é uma escola pública. Era pago direto, para cooperativa. É uma cooperativa que tinha lá dentro para poder ajudar na mensalidade dos professores, mas era obrigatório, não é uma coisa aberta é obrigatória, tinha que pagar. Se não pagava não se formava... Não aí existe a possibilidade de um estudante carente... Daí, não sei te informar. Mas, na época tinha gente carente lá e tinha que pagar. Lógico que se conversar com a direção, às vezes pode ser que eles abram alguma brecha, mas não tinha uma lei assim especificando uma bolsa, nada... Sim, já entramos cientes... Não ninguém questionava, porque não era uma mensalidade tão alta, era 30,00 reais... Sim era com boleto, pago na secretaria. [...] (egresso 10/escola pública/desempregado)

Segundo uma ex-funcionária da escola técnica pública o dinheiro que a cooperativa da instituição repassava aos funcionários em folha de pagamento, em média 70,00 reais por mês, servindo de incentivo para os mesmos. A escola realmente tem um diferencial em termos de estrutura física em relação às outras escolas públicas da região, fazendo com que os estudantes busquem arduamente as vagas dos cursos técnicos oferecidas no início do ano letivo. Ela ressaltou que o fato de ser pago faz com que os estudantes valorizem mais o espaço físico e o ensino da instituição, influenciando até mesmo na diminuição da evasão escolar e no desempenho educacional dos estudantes durante o ano letivo.

Em relação às matrículas dos estudantes ocorreu uma redução significativa nos índices nesses últimos anos, que consta no seguinte quadro:

Quadro 1: Dados dos anos de 2001 a 2006 sobre o funcionamento da unidade escolar.

ANO	Nº de cursos	Nº de Turmas	Matrícula Inicial	Aprovados	Reprovados	Evadidos	Matrícula Final
2001	011	097	3036	2902	040	094	2942
2002	011	136	4109	4003	082	024	4085
2003	011	161	5908	5027	531	350	5027
2004	011	120	3428	1080	258	148	1942
2005	011	152	4106	2690	333	1083	3023
2006	011	119	3149	2180	94	960	2189

Fonte: Plano Político Pedagógico da escola pública técnica estadual.

A instituição argumenta que o motivo para essa redução é que, “o número de matrículas dos últimos quatro anos reduziu significativamente, podendo ser justificado devido ao término gradativo do Ensino Médio, na Unidade Escolar.” Vejamos em relação a esta problemática as palavras de Guimarães (2008, p 38), quando analisa a separação do ensino médio e do técnico profissionalizante:

Essa separação do ensino médio da educação profissional de nível técnico é justificada pelo governo federal como necessária para ampliação da oferta e redução de custos do oferecimento do ensino médio, provocando o abandono do “trabalho como princípio educativo” nas orientações da política... . Esta separação da vertente acadêmica da técnica veio repor, formalmente, a dualidade estrutural entre educação geral e formação profissional, criando inclusive duas redes de ensino, reguladas por duas legislações diferentes, porém equivalentes, ratificando desta forma a existência de um sistema paralelo para a educação profissional.

Essa escola técnica pública pesquisada oferece cursos com as seguintes habilitações: Técnico na área de Construção Civil com habilitação em Construção Civil; Técnico na área de Gestão com habilitação em Administração; Técnico na área de Gestão com habilitação em Contabilidade; Técnico na área de Comércio com habilitação em Transações Imobiliárias; Técnico em Turismo e Hospitalidade com habilitação Turismo e Hotelaria; Técnico de Informática com habilitação em: Editoração, Programação e Manutenção e Redes; Técnico na Saúde com habilitação em Patologia Clínica; Técnico na área de Química com habilitação em Técnico de Química; Técnico em Cerâmica Estrutural; Técnico de Nível Médio na área de Gestão com habilitação em Secretariado; Técnico de Nível Médio Integrado na área de Informática com habilitação em Suporte à Microinformática⁴.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da instituição pública, a função social da escola, baseado em uma concepção histórico-social, tem por fim democratizar o conhecimento construído historicamente pela humanidade, formando assim, indivíduos capazes de transformar o meio em que vivem. Os pressupostos metodológicos que constam no PPP expressam que “a revolução tecnológica cria novas formas de socialização, processos de produção e novas definições de identidade individual e coletiva, diante desse mundo globalizado que apresenta múltiplos desafios” (Plano Político e Pedagógico)⁵. Também surge a questão da comunidade, salientando-se que à comunidade deseja formar estudantes que desenvolvam competências básicas lhes permitindo desenvolver a capacidade de continuar aprendendo. Porém, esse desenvolvimento ao longo da vida via o “continuar aprendendo” fica

⁴ Conforme a entrevista com a Coordenadora Pedagógica existe um acordo entre a escola técnica pública estadual pesquisada e a escola técnica particular também incluída nessa pesquisa, para que ambas não ofereçam os mesmos cursos, com exatamente a mesma nomenclatura e nem a mesma grade curricular na cidade de Criciúma e região. Evitando assim, uma concorrência direta entre as duas instituições e conforme os relatos em ambas, mantendo uma postura ética profissional. Por exemplo, a escola técnica pública estadual abriu uma filial no município próximo, chamado Cocal do Sul. Oferecendo os cursos técnico em Cerâmica Industrial e técnico em Química a pedido de uma determinada empresa. Esse curso não consta na outra escola técnica particular pesquisada e a escola técnica pública alega focar na demanda da empresa para atender melhor a comunidade e o mercado de trabalho local.

⁵ A instituição argumenta que, a educação surge como “utopia necessária indispensável à humanidade na sua construção da paz, da liberdade e da justiça social.” Por isso, busca construir novas alternativas de organização curricular comprometida com o significado do trabalho no contexto da globalização e com o sujeito ativo, acreditando que o indivíduo que se apropriar desses conhecimentos irá se aprimorar como ser humano no mundo do trabalho e na prática social. Ela deve oferecer um ensino completo objetivando a formação integral, mostrando caminhos dentre os quais, os estudantes, devem desenvolver habilidades e potencialidades que irão conduzir-lhes a realizações, tanto na vida pessoal e profissional.

limitado a uma noção rasteira do que seriam essas competências. Nessa direção, Kuenzer (2000, p 16), aponta que embora a ninguém ocorra

[...] educar para a incompetência, e se considere que o conceito de competência não seja novo, é preciso reconhecer que ele tem assumido um novo significado a partir do alargamento que tem sofrido particularmente o conceito de formação profissional em face das novas demandas do mundo do trabalho.

Os objetivos da escola são garantir o acesso e incentivar a permanência no ambiente escolar; promover a transição entre escola e mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimento e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas; preparar jovens e adultos para as diversidades da vida, priorizando a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; desenvolver nos jovens e adultos, competências básicas que lhes promovam a capacidade de continuar aprendendo; e permitir aos estudantes a realização do estágio curricular não obrigatório a partir da intervenção de agências de integração empresa/escola.

1.3.1 Escola pública estadual: os cursos técnicos em nível médio de informática

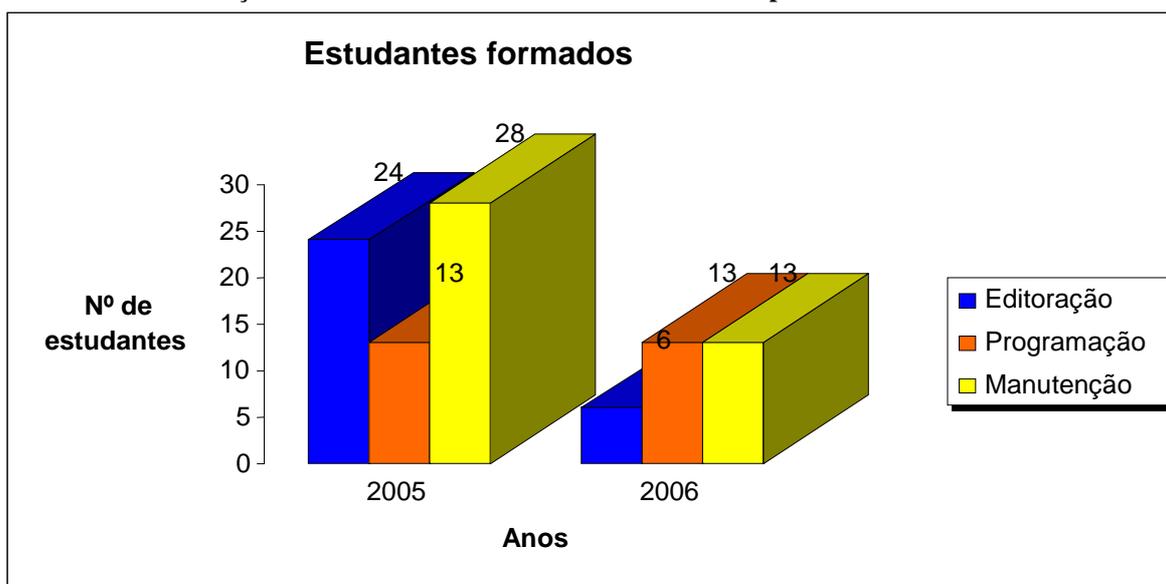
O curso Técnico em Nível Médio de Informática na instituição pública é dividido em três especialidades: Editoração, Manutenção e Programação. Baseados no Projeto Político Pedagógico da escola, os cursos visam formar técnicos com profundos conhecimentos de informática, capacidade de aprender permanentemente sobre tecnologia, fazer com que os estudantes construam raciocínio lógico na compreensão e resolução de problemas propostos pelos professores, e desenvolvimento da consciência de trabalho em equipe. Devem ter também, capacidade de mobilizar e articular com pertinência conhecimentos, habilidades e valores em níveis crescentes de complexidade na sua área específica de atuação; participar de equipes profissionais indispensáveis no mundo atual, caracterizados pela crescente busca por conhecimento e novas tecnologias, pela intensa conectividade, onde estes devem ser responsáveis pela manutenção e atualização de todas as suas criações.

A seguir, a tabela demonstra o número de estudantes formados nos anos de 2005 e 2006 em cada um dos cursos de informática oferecidos pela instituição:

Tabela 1: Distribuição de estudantes formados no colégio técnico público estadual.

CURSOS	Ano/2005		Ano/2006	
	Nº	%	Nº	%
Técnico Informática: Habilitação em Editoração	24	37%	06	20%
Técnico Informática Habilitação em Programação	13	20%	13	40%
Técnico Informática Habilitação em Montagem e Manutenção de Rede	28	43%	13	40%
TOTAL	65	100%	32	100%

Fonte: Elaborada pela a autora

Grafico 1: Distribuição dos estudantes formados na escola técnica pública.

Fonte: Elaborada pela a autora

Aqui, também observamos uma redução expressiva no número de estudantes formados no ano de 2005 para 2006, reafirmando a observação da instituição que essa redução se dá pelo fato da escola oferecer somente cursos técnicos, não mais o curso básico em nível médio⁶.

Porém, ainda existe uma significativa procura pelos cursos oferecidos e os estudantes relataram na entrevista quais foram os motivos que os levaram a escolher um dos

⁶ Diante da redução dos estudantes, principalmente no curso de Editoração, a escola está tentando implantar uma nova grade de disciplinas e suspendeu as matrículas desse curso no primeiro semestre de 2009.

cursos de Informática, quais foram os procedimentos educacionais durante esses cursos, o trabalho dos docentes e se suas expectativas foram supridas após a formação, nas suas palavras:

[...] Eu gosto de mexer com computador... Sim. O curso para mim foi ótimo. Utilizo hoje em prática... Foi boa. Foi 100%. Tudo bem aproveitado. [...] (egresso 01/escola pública/empregado)

[...] Um pouco do curso do colégio técnico público, ele deixou um ensino muito vazado. Porque os professores que deram aula ali, não tem um professor especializado naquilo, para cada matéria. Aí, a gente fica prejudicado e isso aconteceu muito na escola técnica na escola técnica pública e isso acontece acho que até hoje. Que eu nunca mais fui lá, mas isso acontece... Eu escolhi a escola técnica pública, porque é colégio mais barato que tem, é estadual também. Então, eu trabalhava e não ganhava aquelas coisas, não podia bancar um curso muito caro que nem a escola técnica privada. Claro, na escola técnica privada o nível de estudo deles é enorme, é excelente, só que não dava para bancar. Eu pagava tudo sozinha, meu pai não me ajudava. Meus cursos técnicos no colégio técnico público quem pagou foi tudo eu. Então, eu tinha que procurar alguma coisa que valesse a pena, mas com custo contado. Então, escolhi a escola técnica na escola técnica pública até porque eu estudei lá e vi como é que era. Fui fazer o colégio técnico público até porque não tinha Design na escola técnica privada na época que eu fiz. Acho que tinha curso mais voltado para mecânica, eletrônica, essas coisas assim. Não lembro de ter visto Design...

Deixou muito a desejar, mas o que eu aprendi foi para mim, o que eu consegui sugar do curso... Não superou minhas expectativas, porque não foi aquilo que eu esperei, mas supriu o que eu precisava. [...] (egresso 03/ escola pública/empregada)

[...] As disciplinas abrangiam o foco do curso e em relação aos professores eram excelentes professores. O clima era bom, eram todos professores novos e a gente se sentia bem, um clima amigável na turma... Nós aprendemos de tudo um pouco, até ficou devendo, porque foi só o básico... Sim, apesar de não estar trabalhando na área hoje, muita coisa que foi ensinado lá a gente aplicou aqui. (egresso 04/ escola pública / empregado)

[...] Na nossa época pelo menos era bom. O curso era às vezes puxado tinha matéria que era complicadíssima. Porque computador sempre me atraiu mais. Eu gostava e era a “febre do momento”. [...] (egresso 05/escola pública/empregado)

[...] Eu achei mais legal, mas não tinha noção do que era bem não. Apenas, escolhi um dos três de informática e foi na sorte... Não e eu não procurei saber também... Na escola técnica pública era assim... Eles explicavam e a turma corria atrás. Daí se corria atrás você se dava bem, se não tu saía com o básico, do básico, para sair trabalhando acho que não ia fechar não. Tanto que não fui na área. Eu terminei e não me achei apto para ir trabalhando... Sinceramente não. Comparado com a escola técnica privada... Depois, até tentei na escola técnica privada, mas por falta de vaga eu não consegui. [...] (egresso 08/ escola pública/empregado).

O Projeto Político Pedagógico do colégio estadual público diz que na área de informática, o egresso com habilitação em Editoração, Montagem Manutenção e Redes, e Programação deve ser um profissional que obtenha conhecimentos de informática, como instalação e configuração de *hardware* e *software*, conhecer arquiteturas de

microcomputadores, utilizar sistemas operacionais para microcomputadores, manusear aplicativos de processamento de textos e de planilhas eletrônica⁷.

O estudante quando formado no curso técnico em Informática *com habilitação em Editoração* deve atuar em atividades que envolvam um processo de criação e desenvolvimento de projetos gráficos em geral. Criando e desenvolvendo projetos ligados à arte gráfica, *web Page*, animação de 2D e 3D, gráficos vetoriais e suas principais aplicações.

O estudante quando formado no curso técnico em Informática *com habilitação em Manutenção* deve atuar em empresas que necessitam de implantação, especificações e manutenção dos equipamentos de informática. Bem como de suporte técnico e atendimento aos usuários na utilização dos recursos e serviços de rede. Identificando origem de falhas no funcionamento de computadores, periféricos e *softwares* básicos, avaliando seus efeitos. Compreendendo a arquitetura de redes e identificando meios físicos, dispositivos e padrões de comunicação, reconhecendo as implicações de sua aplicação no ambiente de rede.

E o estudante quando formado no curso técnico em Informática *com habilitação em Programação* deverá, segundo o colégio público estadual pesquisado, atuar no estabelecimento que disponha de processamento de dados. Operando programas aplicativos, planejando e especificando sistemas de processamento de dados, elaborando programas, operando os computadores e coordenando seu funcionamento com outros técnicos.

Desta forma, tendo acesso a essas informações o estudante escolhe qual especificidade dentro da área informática pretende seguir. Todavia, não consta nos documentos analisados nem em relatos formais da Coordenadora Pedagógica, um trabalho de orientação profissional com os estudantes e nem palestras explicando a realidade de cada curso técnico, ou a realidade desses técnicos no mercado de trabalho vigente. Por isso, nem sempre a escolha entre um dos três cursos que a instituição oferece se baseiam nas informações divulgadas, normalmente os estudantes levam em consideração somente uma vaga noção do que eles já sabem sobre informática, assim explica um entrevistado sobre sua escolha:

[...] Mais por afinidade. Não tinha muito conhecimento. Nos três cursos, não gostava muito de manutenção. Conhecia alguma coisa de computador, mas na época não gostava muito de manutenção mesmo, de *hardware*. Editoração também não achei interessante. Mas, para mim, Programação era mais interessante. [...] (egresso 07/escola pública/empregado).

⁷ Também, ter capacidade de aprender em uma constante busca de conhecimento, ter raciocínio lógico na compreensão e resolução de problemas propostos. Ter consciência do trabalho em equipe, da importância da cooperação e da responsabilidade da sua participação na equipe. Saber fazer testes de mesa e simulação nos laboratórios, e saber diferenciar opiniões pessoais de fatos concretos.

[...] Na verdade, quando eu comecei o curso técnico eu tinha bem pouco conhecimento mesmo de informática. Comecei mas porque queria aprender a parte de programação e depois que eu comecei eu vi que era aquilo ali mesmo que eu queria e fui adiante... Não, porque eu não gosto de mexer com a máquina mesmo e editoração eu não gosto da parte gráfica. Então, minha área seria mesmo a parte de programação... Antes mesmo de eu entrar no curso técnico, eles passaram nas salas do ensino médio explicando sobre cada curso. Cada professor dos cursos passavam explicando, convidando para fazer o curso também. Só que isso era no primeiro e segundo ano, no terceiro não tinha mais necessidade. [...] (egresso 09/escola pública / empregado)

Cabe ao professor⁸ registrar todos os conteúdos ministrados, faltas, presenças e avaliações⁹. No final do semestre, o estudante deve alcançar 70% das competências exigidas pela disciplina. No terceiro ou quarto módulo o estudante recebe três avaliações. A primeira avaliação é o Estágio Curricular Obrigatório. A segunda avaliação é o Relatório de estágio Curricular Obrigatório. E a terceira é a apresentação do relatório de estágio (TCC) apresentado para uma banca avaliadora e de acordo com o Coordenador do Curso Técnico em Informática é a nota do TCC que prevalece como nota final.

Segundo as informações em uma entrevista realizada com um professor¹⁰ que trabalha nas duas escolas técnicas aqui pesquisadas, afirmou que o estágio da escola técnica estadual pública é melhor que o estágio da escola técnica particular. Porque o formato do estágio da escola pública é a elaboração de um projeto, onde os estudantes têm que defender um trabalho baseado na teoria e prática ensinadas durante o curso técnico a uma banca de professores da instituição. Ele nos relatou que o curso técnico de informática da escola particular é mais voltado à indústria e automação, porém o curso técnico da escola pública é voltado para área comercial, não formando um usuário avançado. No entanto, ele alega que o fato dos cursos de informática na escola técnica pública estadual ser separados por áreas específicas acabam beneficiando os egressos da escola técnica pública, pois segundo o

⁸ Os direitos e responsabilidades do corpo docente e discente, segundo o Projeto Político Pedagógico do colégio público, são respeitar as diferenças valorizando os diferentes sujeitos; considerar a realidade das pessoas, garantindo liberdade de expressão e o diálogo entre os diferentes; respeitar a forma de organização da vida de todos os envolvidos na escola, feita através de ações educativas e dialógicas, considerando o compromisso com o grupo; e resolver os problemas de convivência através do diálogo, respeitando a legislação vigente relacionada a cada caso.

⁹ O sistema de avaliação do Curso Profissionalizante é semestral e por disciplina, segundo a escola, mediante verificação de competências e de aprendizagem de conhecimentos, em atividades de classe e extraclasse, incluídos os procedimentos próprios de recuperação paralela. Com a finalidade de aprimorar o processo de ensino-aprendizagem durante o ano letivo, a unidade escolar, oferece estudos de recuperação de conteúdos e notas, que pode ocorrer de forma paralela após cada resultado em que o rendimento do estudante for inferior à média. O resultado obtido na avaliação, mediante recuperação de estudos, em que o estudante demonstre ter superado as dificuldades, substituirá o anterior, referente aos mesmos objetivos, prevalecendo o maior.

¹⁰ O professor está a 17 anos lecionando para os cursos de informática em escolas técnicas de nível médio.

professor “quem faz o curso específico em Manutenção teria mais oportunidades de emprego, já a área de Editoração é mais seletiva e a área de Programação depende muito mais das instabilidades do mercado de trabalho”.

Este professor também afirmou que o que ocorre com o curso técnico da escola pública aqui pesquisada é a falta de maior interação com o mercado de trabalho, e não se procura assim adaptar a ferramenta educacional com suas exigências. Esta situação dificulta as possibilidades para os estudantes conquistarem um emprego após o término dos cursos e por esse motivo é que mais de 50% dos egressos dos cursos técnicos de informática mudam de área ao buscarem o primeiro emprego.¹¹ O professor conversou com vereadores do município de Criciúma para montar uma associação de técnicos em informática. Ele manifestou que sente necessidade de ter acesso a um sindicato específico para área, pois não há direcionamento para o profissional. O professor alega que já ouviu falar no SINDASPI-Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Assessoramento, Perícia, Pesquisa e Informações de Santa Catarina, porém nunca o procurou. Segundo informações que ele buscou, o órgão que ainda registra os técnicos que trabalham na área de Redes é o CREA- Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, porém não registra os técnicos das outras especificidades na área de informática.

O professor afirmou, “Muitos estudantes que se formam montam sua própria empresa, porém são eles que vão à busca de informações para montar suas empresas, nenhum curso ensina”. Também, ele expressou que preocupados com a realidade dos técnicos em informática os professores da escola técnica pública propuseram uma mudança de grade mais voltada às exigências do mercado de trabalho. Ele relata:

Na escola técnica pública o estudante sai bom para uma ferramenta. No curso técnico você sai para o mercado de trabalho, na universidade não... Os estudantes do 1º ANO não têm maturidade para saber qual curso fazer, depende muito da realidade do estudante, da estrutura familiar. Existe uma grande diferença de nível econômico dos estudantes da escola técnica pública e da escola técnica particular pesquisada... Antigamente, os estudantes da escola técnica particular eram formados para o chão de fábrica, hoje é totalmente diferente. O perfil dos estudantes dessa escola antigamente é que precisava do curso, atualmente são filhos de pessoas privilegiadas financeiramente que procuram a escola técnica particular pelo prestígio, fama, nome...
Deveriam criar um canal de comunicação entre as empresas e essas escolas técnicas. Não existe parceria com a instituição de ensino, as próprias empresas não têm visão.

¹¹ Para o professor, quanto menor a faixa etária dos estudantes, maior é a incidência durante os cursos. Por isso, o nível de desistência é bem alto na escola técnica pública, de acordo com um exemplo dado por ele, ingressaram no início do ano letivo de 2008, 35 estudantes no curso de Programação e ficaram em média 16 estudantes na sala. Como ele nos relatou: “A profissão na área de informática não é reconhecida. Não tem piso salarial, não tem teto mínimo e não tem como montar sindicato. E ainda tem empresa que é mais difícil de encaixar as mulheres.”

Os empresários de tecnologia da região de Criciúma têm uma visão limitada... Tem bastante desempregado na área de informática e por isso que buscam ingressar em outras áreas.

A Assistente de Educação afirmou que entre “os professores, 30 ou 40 % são donos de empresas de informática, por isso conhecem bem o mercado de trabalho na região.” Eles e a escola tentam elaborar um projeto voltado a realidade da sociedade quando pretendem implantar um novo curso. E posteriormente ela encaminha juntamente com a matriz curricular ao Conselho Estadual de Educação e vai à plenária, sendo aprovado ou não. Esses novos cursos são organizados conforme o interesse e a procura da comunidade, onde só na instituição pública pesquisada são dois formatos de matriz curricular na área de informática, um para o ensino médio e outro para o técnico. Ela nos colocou que:

Desde o primeiro ano o ensino médio integrado na área de informática é voltado para a área técnica. A instituição tinha 105 vagas depois tiveram que reabrir com 210 vagas por causa da demanda. É matriculado 30 estudantes por sala, porém só se formam em média 5 ou 6 estudantes. Isso ocorre quando o estudante está há muito tempo fora da escola e principalmente no curso de Programação, pois é o mais difícil. Os estudantes mais jovens que se formam no curso técnico buscam continuar sua formação no ensino superior... Nos cursos técnicos de Programação e Manutenção a maioria dos estudantes são homens. O curso de Editoração tem uma busca maior por parte das mulheres... O nível econômico dos estudantes gira em torno de 400,00 e 1 500,00 reais. Onde, a maioria desses estudantes trabalham e estudam diariamente, e mesmo com a difícil realidade ainda acabam fazendo mais que um curso técnico na instituição. Ou seja, se formam em determinado curso e já iniciam outro.

Diante dessa realidade, para auxiliar no assessoramento dos professores, estudantes e equipe pedagógica na integração dos conteúdos programáticos contribuindo na melhoria do processo ensino-aprendizagem, a escola conta com um Coordenador em Área e Cursos que deve ser docente da instituição¹².

¹² Esse Coordenador, além de ser docente da instituição, deve possuir formação específica de 3º grau, indicado pelo Supervisor de Gestão Pessoal, e aprovado pelo Supervisor Geral da Unidade Escolar. Cabe ao Coordenador de Área e Curso, conforme o PPP da escola técnica pública pesquisada, estruturar, integrar e dinamizar sua área nos aspectos técnicos; analisar, atualizar, coordenar e acompanhar a integração dos objetivos e conteúdos das diversas disciplinas; ter clareza do perfil técnico do estudante que a escola pretende formar; assessorar na distribuição de disciplinas entre os professores de sua área e auxiliar nos horários; coordenar o fluxo de ocupação dos ambientes da respectiva área; atender as requisições de materiais de sua área, analisá-las e encaminhá-las à Supervisão de Gestão Pessoal; apresentar plano anual de atividades e seu respectivo relatório; acompanhar o serviço de integração escola-empresa na análise do desempenho do estagiário.

1.3.2 Processo de estágio na escola técnica pública estadual

O colégio tem o setor denominado *Serviço de Integração Empresa Escola* (S.I.E.E) com as seguintes atribuições, que segundo seu Projeto Político Pedagógico tem como objetivo montar estratégias de colocação dos estudantes no mercado de trabalho; manter junto ao público e ao empresariado uma imagem positiva do colégio público; levantar através de pesquisa as necessidades de produtos e serviços, e tipo de mão-de-obra necessária no mercado; articular-se com a Coordenadoria Técnico-Pedagógica, objetivando atender com produtos e serviços, mão-de-obra para as necessidades do escola: acompanhar as tendências de mercado procurando dirigir as ações, objetivando transmitir ao mercado a qualidade dos produtos serviços, o tipo mão-de-obra que o colégio público pesquisado pode oferecer. Esse setor deve relacionar-se com os demais Setores de Serviços da Instituição; manter aproximação permanente entre a escola técnica pública pesquisada e empresas; levantar junto às empresas oportunidades de estágio curricular obrigatório e/ou estágio não obrigatório e emprego para os estudantes do colégio; divulgar no âmbito das salas de aulas as oportunidades de estágio curricular obrigatório e/ou não obrigatório e emprego; acompanhar junto com o Professor orientador o estágio curricular obrigatório; levantar junto ao mercado de trabalho as expectativas quanto ao tipo de mão-de-obra necessária; manter estreito relacionamento com os demais Setores de Serviços do colégio, especialmente da área pedagógica, informando as tendências de necessidade de tipo de mão-de-obra no mercado; coordenar pesquisa de necessidade de produtos e serviços nas empresas (necessidade de novos cursos de qualificação); oferecer aos empresários os produtos e serviços da escola técnica pública estadual pesquisada; ampliar a participação da escola na oferta de produtos e serviços.

Em relação ao estágio, o Coordenador do Curso de Informática nos relatou que as empresas interessadas ligam para a escola pedindo estagiários e normalmente pedem os melhores estudantes. Ele coloca no mural da escola as vagas disponíveis para quem tem interesse e o SIEE liga para estudantes egressos para oferecer vagas de emprego. O Coordenador alegou que 50% dos estudantes já saem da escola empregados e que a instituição é bem conceituada no meio empresarial, por isso, com frequência ligam para a escola solicitando estagiários¹³. Ele ressaltou que em Criciúma há muitas oportunidades de emprego

¹³ Ele também nos colocou que muitos estudantes quando se formam já montam seu próprio negócio, principalmente os que se formam no curso de Manutenção. Disse que Criciúma é a única cidade do estado de Santa Catarina que tem uma escola técnica pública em nível médio oferecendo 3 cursos específicos na área de

para os técnicos em Informática na área comercial, por isso o curso procura direcionar seus conteúdos mais para a área de escritório. Segundo os relatos dos estudantes egressos sobre o estágio:

[...] o último módulo era o estágio. Nós tínhamos que desenvolver um sistema de gestão, não muito sofisticado, mas que atendesse as necessidades básicas de algum segmento. O estágio era dentro do colégio, mas nós tínhamos que visitar o local que íamos desenvolver o sistema, no caso eu fiz da biblioteca então eu já tinha a biblioteca lá dentro. Não precisei ir fora para pesquisar. Na verdade era só um trabalho de conclusão e não era um sistema completo, era só para demonstrarmos os conhecimentos que nós tínhamos adquiridos nos cursos... Sim, porque até no segundo módulo nós não tínhamos visto os sistemas completos e só ia aprendendo as metodologias, e no final do estágio nós aplicamos tudo junto em um projeto maior que é a realidade que a gente tem hoje no mercado de trabalho. [...] (egresso 9/escola pública / empregado)

[...] O estágio é lá mesmo. A gente fez um site de uma empresa lá mesmo e um jornal. O jornal a gente podia inventar notícias, porque é mais na área de diagramação do jornal. E o site a gente tinha que ir atrás de uma empresa, para eles colaborarem com a gente, para ver se a gente podia fazer um site, pelo menos para poder estar terminando o estágio, documentação, fotos. Teve estudantes que tiveram dificuldades, a empresa deixou, mas não repassou nenhum dado, não repassou fotos e eles tiveram que se virar sozinhos. E quase não porque, eu já trabalhava na gráfica e já fiz o site da gráfica. O estágio foi tudo lá mesmo, a gente tinha supervisão do professor, qualquer coisa ele já estava ali. Foi tranquilo... Só um semestre. [...] (egresso 3 / escola pública / empregado)

O Coordenador do Curso de Informática alegou “que antigamente era necessário fazer estágio nas empresas, porém agora não.” Ele explicou que na realidade houve uma mudança no currículo do curso que não prevalece o estágio na grade em si e que para o Estado não vale a pena manter o estudante estagiando mais que seis meses. Ou seja, o trabalho realizado em um dos 9 laboratórios de informática também pode ser considerado como estágio. Realmente, um dos egressos formado no curso técnico em Manutenção nos relatou que a escola arruma gratuitamente computadores de pessoas físicas que levam suas máquinas com problemas à instituição, das escolas públicas da região e que cabe à eles a manutenção dos laboratórios da própria escola técnica pública pesquisada. Ele nos colocou que este serviço prestado foi válido como estágio, porém não auxilia a ingressar no mercado de trabalho. O fato é que a escola não conseguia e ainda não consegue auxiliar todos seus estudantes a ingressarem no mercado de trabalho.

Coordenador do Curso de Informática também pontuou que “caso o estudante não se adapte ao curso que escolheu/cursou, pode mudar para outro, desde que haja vaga.” Entretanto, para isso é necessário entrar com um processo burocrático na secretaria da escola.

informática e enviou uma grade de disciplinas básicas como proposta para a Secretaria Estadual, mas esta foi reenviada com uma contraproposta e a instituição foi obrigada a aceitar.

Considera-se aprovado o estudante do terceiro ou quarto módulo que atingir as competências estabelecidas no plano do curso. Se este não realizar o estágio supervisionado e/ou não apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso, recebe um atestado de frequência das disciplinas que realizou com somente suas respectivas cargas horárias. O estudante só pode obter o diploma de Técnico se estiver com o Ensino Médio completo e tiver o seu relatório de estágio aprovado pela unidade escolar até o prazo de dois anos após a conclusão do respectivo curso técnico em informática. A defesa dos trabalhos é aberta ao público e conta com a participação dos demais estudantes. Porém, eles não convidam professores de outras instituições para participarem da banca avaliadora. Alegando que é um curso mais difícil, só no curso técnico em Programação é permitida a apresentação do trabalho em dupla, os demais cursos (Editoração e Manutenção) a apresentação é individual. Por exemplo, no curso técnico de Editoração os estudantes criam um produto, que é enviado para uma gráfica. A avaliação é rigorosa por parte de cada professor. Os estudantes que não são aprovados na apresentação têm o direito de reformulação do trabalho ou são obrigados a fazer mais seis meses de curso técnico.

1.4 Escola técnica privada

A escola técnica privada¹⁴ foi criada no dia 28 de Junho de 1960, pela Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão localizada na cidade de Criciúma, estado de Santa Catarina e jurisdicionada à 3ª Gerência de Educação e Inovação - GEREI. Esta Escola é mantida pela contribuição da Indústria Carbonífera de Santa Catarina com o objetivo de dar assistência aos trabalhadores do carvão, iniciando suas atividades em abril de 1963. A escola alega que foi instituída para atender aos filhos de empregados da Indústria Extrativa do Carvão¹⁵, oferecendo-lhes uma educação técnica e profissionalizante da melhor qualidade e, ao mesmo tempo formar mão-de-obra especializada e qualificada para as indústrias da região, especialmente as carboníferas. A presença de filhos de mineiros na instituição foi relatada pelos estudantes egressos durante as entrevistas, porém as informações são paradoxais.

¹⁴ A escola está autorizada a funcionar pelo parecer n.º 19/63 de 19/03/63 e reconhecida, definitivamente pelo Parecer n.º 170/65 de 11/12/65. Em 1969, pelo Parecer n.º 31/69 de 20/05/69.

¹⁵ A instituição, sempre foi mantida pela contribuição da Indústria Carbonífera de Santa Catarina através de um percentual sobre a tonelada de carvão comercializado. Com a crise do carvão, deixou de receber investimentos e para sobreviver implementou serviços do Laboratório de Análises de Carvão e Cursos Operacionais. Porém, para dar continuidade as suas atividades voltou a ser auxiliada pela sua mantenedora, Associação Beneficente da Indústria Carbonífera do Estado de Santa Catarina e também mediante a convênios com: UNESC e PROEP

Alguns afirmaram que o número de filhos de mineiros no ensino básico é bastante elevado, entretanto vai diminuindo no decorrer do ensino médio e no curso técnico, outros têm somente uma vaga noção que a escola foi fundada para esse fim:

[...] Não sou filha de mineiro... Quando eu estudava antes do curso técnico, até que a escola técnica privada tinha um convênio com a Prefeitura de Criciúma, naquela época era muito mais fácil a presença de filhos de mineiros. Depois, ela foi se tornando mais abrangente e não necessariamente tinham mais filhos de mineiros. Mas, eles já tiveram esse caráter, essa preferência, quem quisesse entrar na escola técnica privada se fosse filho de mineiro tinha toda a oportunidade. Mas, depois foi mais escasso no curso técnico e no ensino médio. [...] (egresso 1/escola privada/empregada)

[...] Não sou filho de mineiro... A maioria... A maioria era filho de mineiro, poucos não eram... Depois no curso começava no segundo ano segundo grau, então daí que eu comecei a fazer o curso. Mas na escola técnica privada sempre foi a maioria filhos de mineiros. [...] (egresso 6/ escola privada/empregado)

[...] Entrei lá na quinta série. Fiz concurso... Meu pai era mineiro e aí tinha esquema da bolsa, mas eu não consegui. Entrei como particular mesmo... Não. Mais para frente eu acho que meu pai conseguiu. Aí entrou meu irmão um conseguiu e outro não. Aí eu fiz o curso de informática industrial. [...] (egresso 7/escola privada/empregado)

[...] Tenho 20 anos, estudei até a 4ª série em um colégio municipal em Criciúma. Depois, na 5ª série fui para escola técnica privada, sou filha de mineiro. Entrei na escola técnica privada ganhando bolsa por ser filha de mineiro e no final já não ganhava mais, porque meu pai já era aposentado e a escola técnica privada entrou em outro critério e eu não consegui mais. [...] (egresso 9/escola privada/empregada)

[...] Não sou filho de mineiro. Uma vez era até muito barato, o Ensino Médio era bem barato para filho de mineiro e o curso técnico nem pagava. Hoje já aumentou bastante... [...] (egresso 11/escola privada/empregado).

A princípio a instituição era dedicada ao ensino profissionalizante de primeiro grau e implantou em 1969 o Ensino Técnico - profissionalizante de segundo grau, em virtude do desenvolvimento verificado na região sul do estado de Santa Catarina e da inexistência de técnicos de nível médio no setor secundário da economia. A instituição privada alega congregar estudantes de classe social média e baixa¹⁶, distribuídas nos cursos técnicos e estudantes de outras escolas que buscam na escola técnica requalificação profissional. Kuenzer analisa a importância do ensino profissionalizante para os filhos de trabalhadores:

¹⁶ A clientela é proveniente do perímetro urbano e rural. Atende estudantes de todo o município de Criciúma, inclusive de municípios vizinhos, como: Nova Veneza, Siderópolis, Içara, Lauro Müller, Orleans, Tubarão, Laguna, Meleiro, Morro da Fumaça, Urussanga, Cocal do Sul. Foram criadas extensões nos municípios de: Içara, Morro da Fumaça, Araranguá, Lauro Muller, Urussanga, Orleans Turvo, Forquilha e Siderópolis com a finalidade de o estudante não se deslocar tanta vezes do seu município, somente quando são utilizados os laboratórios.

[...] Para os trabalhadores, a qualificação é uma forma de poder que pode determinar outras formas de relação no interior da divisão social e técnica do trabalho, à medida que lhe permite compreender a ciência que seu trabalho incorpora, aumentando sua possibilidade de criação e participação nas decisões sobre o processo produtivo e sua organização. Da mesma forma, a qualificação, por lhe conferir competência, aumenta seu poder de negociação. (KUENZER, 1997, p 32)

O ensino Técnico de nível médio é todo voltado para a área secundária (Industrial) e compreende os Cursos¹⁷: Técnicos de Eletrotécnica, Eletrônica, Mecânica, Design, Informática Industrial, Projetos Mecânicos, Mineração, Meio Ambiente, Eletromecânica, Secretariado, Metalurgia, Plástico, Cerâmica Artística Artesanal. Atualmente conta 2.327 estudantes. Formam no presente ano 14 Cursos Técnicos abrangendo 77 turmas. Em parceria com a UNESC – Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, abriram três cursos de Tecnólogo em Automação Industrial e Eletromecânica. A escola tornou-se Faculdade Privada, tendo dois Cursos Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Jornalismo.

A escola conta também com diversos funcionários, sendo que alguns atuam no setor administrativo e setor técnico-pedagógico. O corpo docente é constituído por 124 professores¹⁸ distribuídos entre os cursos técnicos. Conta ainda com serviços de laboratórios, manutenção, biblioteca, almoxarifado, limpeza e vigia num total de 87 funcionários. Também conta com 08 bolsistas que atuam na área administrativa e biblioteca e mais 07 estagiários na área de informática, eletricidade e desenho. Além dos funcionários, a escola trabalha com professores em caráter temporário para os cursos de reclassificação como também professores de tempo integral. Também há o coordenador de curso¹⁹ indicado pela Direção da Escola

¹⁷ Segundo, a Coordenadora Educacional da escola privada existe um acordo entre as instituições técnicas do município de Criciúma-SC, como já foi citado anteriormente. Onde, estas procuram não oferecer os mesmos cursos, com a mesma nomenclatura nas instituições. Mantendo assim, os estudantes como seus clientes e evitando se tornarem concorrentes diretas umas das outras.

¹⁸ A Coordenadora Educacional afirmou que 98% dos professores que lecionam atualmente são egressos da instituição particular pesquisada.

¹⁹ A este compete conceber, organizar e viabilizar cursos, palestras, seminários, feiras, visitas técnicas, etc., para atualização e aperfeiçoamento dos docentes e discentes de sua área; elaborar e distribuir a carga horária para os respectivos módulos e cronogramas de avaliações; propor a contratação de docentes; promover reuniões com docentes da área para elaboração de projetos, organização curriculares e princípios metodológicos; assessorar, analisar e acompanhar o planejamento de atividades curriculares de sua área de atuação com à Coordenação de Ensino; propor a aquisição de equipamentos de interesse de sua área; avaliar relatório do estágio que servirá de subsídio para a avaliação do curso dos mesmos; gerenciar os docentes de sua área quanto à carga horária ministrada, desempenho profissional, conservação e limpeza do ambiente de trabalho e relacionamento com os funcionários, estudantes e demais professores; organizar, agilizar e participar da avaliação com os docentes do seu curso, dos projetos realizados nos módulos; gerenciar a conservação dos equipamentos dos laboratórios; participar e administrar o processo de seleção de estudantes do Ensino Técnico para ingresso na Escola, junto com a Coordenação de Ensino; administrar os docentes em caso de ausência; tomar conhecimento da frequências dos estudantes junto a orientação educacional e participar das decisões cabíveis do curso; elaborar previsão orçamentária do ano letivo; realizar pedidos de compra e requisição de materiais; assessorar a Direção da Escola para aquisição de equipamentos; elaboração de planos decurso junto à Coordenação de Ensino; elaboração de projetos sociais; gerenciar cursos de extensão e unidades da instituição privada; assessorar a Coordenação de

Técnica. Há os profissionais da Assistência Social²⁰, devidamente credenciados, sendo contratados pela Entidade Mantenedora e aceitos pela Diretoria da Escola.

Por toda essa estrutura desenvolvida que a escola é reconhecida na cidade de Criciúma e região, sendo um dos motivos que levaram alguns dos estudantes egressos a escolher a escola técnica privada para estudar. No entanto, eles também alegaram que há uma possibilidade maior de se inserirem no mercado de trabalho através do estágio nas empresas pelo fato da escola ser bem conceituada no meio empresarial. Nas suas palavras:

[...] Pelo curso técnico, o conhecimento do curso técnico do nível técnico em informática, já entrei na escola técnica privada para fazer o curso e tenho exemplos de várias pessoas que se formaram lá e se dão bem, logo após o estágio. [...] (egresso 8/escola privada/empregado)

[...] Eu optei pela escola técnica privada, porque para mim é um exemplo de colégio, pelo ensino que ela oferecia e até mesmo pelo fato que na reta final a gente tem a oportunidade de sair não só com a formação de 2º grau, mas também com uma formação técnica para encaixar a gente no mercado de trabalho, ser mais fácil. [...] (egresso 9 /escola privada /empregada)

[...] Por ser bem conceituada, pela orientação dos meus pais para fazer um curso técnico para me inserir melhor no mercado de trabalho. Mesmo que não gostasse, não tivesse aptidão para aquilo, mas que fizesse alguma coisa para ter um diferencial. [...] (egresso 13/escola privada/ desempregado)

[...] Porque ela é uma escola bastante conceituada. Uma escola bem boa, com bastante potencial. Eu achei que ela foi bem boa, um colégio bem bom, eu aprendi bastante lá. Só que o forte da escola técnica privada é mais para o técnico mesmo, então o Médio é um pouquinho mais fraco. [...] (egresso 14/escola privada/desempregado)

A instituição privada afirma que passou por uma transformação, que já vinha sendo planejada há algum tempo, mudaram a estrutura organizacional que passou a ser composta por cinco áreas principais²¹. As duas primeiras divisões respondem à reforma de

Ensino na formatura dos cursos técnicos; contribuir na informação profissional, junto a Orientação Educacional, na divulgação de seu curso.

²⁰ A Assistência Social é composto de: Assistente Social, Enfermeira, Dentista e Psicólogo. Ao Assistente Social compete elaborar, implementar, executar e avaliar políticas junto a órgãos da administração pública direta ou indireta, empresas, entidades e organizações populares; Elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos que sejam do âmbito de atuação do Serviço Social com participação da sociedade civil; orientar indivíduos e grupos de diferentes segmentos sociais no sentido de identificar recursos e de fazer uso dos mesmos no atendimento e na defesa de seus direitos; planejar, organizar e administrar benefícios e Serviços Sociais (bolsa de estudo); realizar estudos sócio-econômicos com os usuários para fins de benefícios e serviços sociais junto a órgãos da administração pública direta e indireta, empresas privadas e outras entidades para encaminhamento de estágio interno – escola privada. A Coordenadora Educacional também informou que os estudantes carentes têm direito ao máximo de 60% no valor da bolsa de estudo na escola privada pesquisada. Só tem direito a 100% de bolsa quem passa a estagiar dentro da escola. Ela alega que há de 25 a 30 estudantes carentes que a instituição oferece desde da bolsa de estudos e material, como também dá almoço e vale transporte.

²¹ Centro Educacional, responsável pela educação básica: do fundamental ao médio e supletivo; “Escola Técnica” forma técnicos para as diversas áreas econômicas da região; Centro Superior de Tecnologia, com

ensino, promovida pelo Governo Federal, que separou o ensino médio do técnico. Mas, este não foi o único motivo da mudança. Ocorre que, segundo a escola privada em todos os seus anos de sua atuação sempre se notabilizou pela inovação constante em todas as áreas. Seja por seus laboratórios, seja pelo treinamento do corpo docente ou por melhorias administrativas nos mais diversos aspectos.²²

Segundo Projeto Político Pedagógico da instituição privada sua intencionalidade na prática pedagógica “é formar um cidadão participativo, responsável, comprometido, crítico e criativo.” Ela informa que seu Projeto Educativo se constituiu em um processo democrático de decisões e consolidação da colaboração mútua, desencadeando experiências inovadoras que já estão acontecendo na realidade político-pedagógica da escola. A instituição afirma “que propicia educação de qualidade para todos, passando a ser o desafio para a unidade escolar e a partir do momento, todos os envolvidos com o processo educativo passaram a refletir e solucionar juntos os problemas da educação”. A escola tem como filosofia “participar no desenvolvimento integral do homem, tornando-o sujeito de sua história, atuante no processo social e no aprimoramento empresarial e tecnológico.” Diz trabalhar habilidades e competências que contribuam para a formação de um ser humano integrado no mundo e de um profissional comprometido com a sociedade. E como missão:

[...] oportuniza a mobilidade social através da educação e da tecnologia, contribuindo para a formação de cidadãos e do desenvolvimento sustentável do país, desenvolvendo uma cultura voltada à qualidade e a melhoria contínua, através da adoção do sistema da qualidade como instrumento norteador de suas ações; Capacita seus recursos humanos, objetivando a qualidade em todas as ações desenvolvidas, assegurando a satisfação das necessidades atuais e futuras de seus clientes. (PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA TÉCNICA PRIVADA, p 05).

Desta forma, a escola técnica privada tem por finalidade contribuir com a formação da personalidade do educando, dando continuidade aos conhecimentos recebidos anteriormente, proporcionando ao estudante uma formação em valores éticos, cívicos e

cursos de nível superior na área tecnológica; Centro de Capacitação Empresarial, responde pela organização de cursos específicos de formação profissional; Centro de Serviços Empresarias e Assistência Comunitária, que presta serviços de apoio às empresas na busca de soluções ou na abertura de novas oportunidades mercadológicas. Centro Meio Ambiente: visando contribuir, segundo a instituição, ainda para a realização de estudos, projetos e planos do setor. O Centro também é responsável pela prestação de serviços de consultoria, auditoria e perícia na área ambiental, elaboração de projetos de recuperação ambiental e desenvolvimento de programas e projetos de ações comunitárias que preservem o meio ambiente.

²² Esta “vocação”, segundo seu Projeto Político Pedagógico, de sempre buscar o avanço é que determinou o fato de hoje ser a escola com melhor nível técnico de ensino tecnológico de Santa Catarina e evidencia que não é só no setor tecnológico que se destaca. Segundo a instituição, ela também é formadora de cidadãos conscientes, pois para ela o aspecto humano é fundamental. Assim, coloca que mudou para continuar cada vez melhor para seus estudantes, “indivíduos conscientes que tem a honra de formar a cada final de semestre”.

morais, e permitindo a compreensão da ciência e da técnica para o mundo moderno, desenvolvendo suas habilidades e atitudes. O objetivo geral, segundo o PPP da instituição, é refletir através da ação-reflexão o processo educativo como baliza norteadora do trabalho educacional.²³ A partir de 2001, a Escola Técnica particular, com a nova reforma educacional implementada no Brasil a partir da Lei 9394/96 (LDB) e a seguir, nos dispositivos de regulamentação no que se refere à Educação Profissional, como Decreto- Lei 2208/97 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional, consubstanciadas no Parecer CNE/CEB nº16/99, na Resolução CNE/CEB nº 04/99 e nas Referências Curriculares Nacionais para Educação Profissional, assume como concepção orientadora do modelo das competências, mas não define o tipo de tendência pedagógica a ser adotado pelas escolas. Ramos (2001, p 291) coloca sobre a categoria competência:

A competência, inicialmente tomada como fator econômico e aspecto de diferenciação individual, reverte-se em benefício do consenso social envolvendo todos os trabalhadores supostamente numa única classe: a capitalista; ao mesmo tempo, forma-se um consenso em torno do capitalismo como o único modo de produção capaz de manter o equilíbrio e a justiça social. Em síntese, a questão da luta de classe é resolvida pelo desenvolvimento e pelo aproveitamento adequado das competências individuais, de modo que a possibilidade de inclusão social subordinasse à capacidade de adaptação natural. A flexibilidade econômica vem acompanhada da estetização da política e da psicologização da questão social.

A separação entre educação profissional e ensino médio, bem como a rearticulação curricular recomendada pela LDB, permitiram que esta Escola Técnica privada criasse seu próprio desenho curricular voltado para as competências e habilidades. Eliminando assim, segundo seu PPP, “a integração dos conteúdos (propedêutico e técnicos), que nem preparava para a continuidade de estudos e nem para o mercado de trabalho.” Além disso, foca na Educação Profissional a “vocação e missão das escolas técnicas”, articulando-as com escolas de nível médio, responsáveis para ministrar a formação geral, antes cargo de “dupla” missão do ensino técnico.

²³ Os objetivos específicos são mostrar a importância do PPP e qual a sua função na instituição; realizar o diagnóstico da realidade constantemente; buscar melhoria contínua promovendo a renovação e atualização do corpo docente e funcionários; comprometer-se com a instituição em instrumentalizar professores da área técnica; proporcionar mais integração entre professores dos cursos técnicos e funcionários; oportunizar a reflexão sobre a prática pedagógica da Escola com vista ao resgate de sua função social e compromisso com a comunidade; manter o projeto como uma atividade viva e dinâmica, reunindo periodicamente toda a comunidade escolar na construção coletiva do processo educativo; refletir as ações com as causas dos problemas que impedem a escola de cumprir o seu papel; dar um referencial teórico que possibilite um novo pensar pedagógico, ajudar a conquistar e consolidar a autonomia da escola; criar condições para a construção de um ambiente cooperativo, favorável ao resgate de sentimentos afetivos e construtivos; analisar e refletir periodicamente o desenvolvimento do projeto com a comunidade escolar, através de grupos de reflexão numa relação teórica e prática; e elaborar plano de ação.

Porém, Ramos (2001, p 284) desvela o que é identidade profissional na sociedade capitalista:

[...] a construção da identidade profissional torna-se produto das estratégias individuais que se desenvolvem em resposta aos desafios externos. Funda-se um novo profissionalismo: estar preparado para a mobilidade permanente entre diferentes ocupações numa mesma empresa, entre diferentes empresas, para o subemprego ou para o trabalho autônomo. Em outras palavras, o novo profissionalismo é o desenvolvimento da empregabilidade.

Visto que as escolas técnicas não têm uma definição clara sobre formação profissional na sociedade capitalista, esta acaba defendendo a separação da educação profissional do ensino médio. Essa escola pesquisada alega que teve que mudar a sua estrutura curricular e sua forma de avaliar, propondo um currículo baseado no “domínio das competências e não um acúmulo de informações.” Um currículo, segundo a Escola Técnica particular, que “tivesse vínculos com diversos contextos da vida do estudante, pois o currículo escolar é o plano de ação que operacionaliza a proposta pedagógica da Escola Técnica”. Para Guimarães (2008, p 40) o currículo baseado no conceito de competência se organiza em:

Um currículo voltado para competências ancoradas em conteúdos de conhecimento deve propiciar em seus ambientes de aprendizagem o exercício da proposição, intervenção ou ação sobre fatos da vida real, ainda que tais situações sejam simuladas. A competência é a organizadora entre conhecer e agir. Para constituir-se, não prescinde da dimensão da prática e da ação a fim de que, bem como os valores necessários à tomada de decisão para agir.

A nova Pedagogia da Competência, de acordo com a escola pesquisada, vem com isso “pressupor uma nova concepção de mundo, de pessoa e de educação,” porque para a escola “educar para competências é ajudar o sujeito a adquirir e desenvolver as condições e/ou recursos que deverão ser mobilizados para resolver situações complexas.” Porém, Shiroma (1997, p 24) define o conceito de competência de forma paradoxal á escola pesquisada:

O conceito de competência, tal como é posto no debate atual, é marcado política e ideologicamente por sua origem empresarial (Hirata 1994). É um conceito polissêmico, uma vez que seu sentido define-se em função dos sujeitos que o utilizam. Diferentemente da aceção multidimensional da qualificação (real, operatória e como relação social), o modelo da competência corresponderia a um modelo pós-taylorista de qualificação, e sua origem estaria associada à crise da noção de posto de trabalho e à de um certo modelo de classificação e de relações profissionais.

Ou seja, o conceito de competência abordado pelas escolas técnicas profissionais foca na qualificação sem enxergar a real divisão social do trabalho dentro do capitalismo. A instituição coloca que “a Pedagogia da Competência expressa globalmente as funções

principais que caracterizam a qualificação profissional e as capacidades que permitem exercê-las de modo eficaz no âmbito do trabalho”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, p 05). Esta argumenta que “as competências profissionais formam o perfil do profissional e o contexto de trabalho da qualificação.” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, p 05). Este perfil é o referencial para a elaboração do desenho curricular da formação associada à qualificação profissional e para o estabelecimento do sistema de avaliação das competências profissionais requeridas. Desta forma, a escola argumenta que seus currículos para competência na educação profissional devem estar em sintonia com o mercado de trabalho, pois as empresas estão cada vez mais exigentes e a avaliação do profissional é realizada constantemente. A nova proposta para o Ensino Técnico dessa escola, conceitualmente se aproxima a uma “visão progressista, porque compreende as competências, conforme os quatro pilares propostos pela UNESCO”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, p 05). Enquanto ações e operações mentais, que articulam os conhecimentos (o “saber”, as informações articuladas operatoricamente, as habilidades psicomotoras, ou seja, o “saber fazer” elaborado cognitivamente e sócio operatoricamente) e os valores, as atitudes (o “saber ser”, as predisposições para decisões e ações construídas a partir de referências estéticos, políticos e éticos) constituídos de forma articulada e mobilizados em realizações profissionais com padrões de qualidade requeridos normal, das produções de uma área de trabalho. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, p 06). Ramos (2001, p 294) contra-argumenta:

Concordamos que a competência seja uma forma subjetivada do conhecimento. Isto, por si só, não seria suficiente para considerá-la uma noção pós-moderna. Mas concluímos sobre seu significado adaptativo aos sistemas marcados por desequilíbrio e constatamos que a pedagogia das competências é uma pedagogia experiencial que objetiva promover essa adaptação. Nesses termos, a competência é a noção da subjetividade, mas também da alteridade, do imediato, do efêmero, do instável. A competência, portanto, é o mecanismo de adaptação dos indivíduos à instabilidade da vida, por construir os instrumentos simbólicos que permitem interpretar a realidade a seu modo e construir modelos significativos e viáveis para seus projetos pessoais. Assim, por não ser uma forma subjetiva do conhecimento objetivo, mas a percepção do mundo experiencial na forma de representações subjetivas, a competência é uma noção apropriada ao pensamento pós-moderno.

A escola técnica particular pesquisada explica que em seu Projeto Político Pedagógico, que, “a educação profissional na LDB não substitui a educação básica e nem com ela concorre pois, a valorização de uma não representa a negação da importância da outra.”. Desta maneira, para a escola, a melhoria da qualidade da Educação Profissional pressupõe uma educação básica de qualidade e constitui condição indispensável para o êxito em um mundo pautado pela competição, inovação tecnológica e crescentes exigências de qualidade, produtividade e conhecimento. Insistindo que “após o Ensino Médio, a rigor, tudo é Educação

Profissional.” Neste sentido, a Educação Profissional foi reestruturada para atender o novo contexto da sociedade atual: “a moderna organização do setor produtivo está a demandar do trabalhador competências para maior mobilidade dentro de uma área profissional, não se restringindo apenas a uma formação vinculada especificamente a um posto de trabalho.” (Projeto Político Pedagógico, p 6). Enfim, para esta escola técnica particular a nova proposta de Educação Profissional vem garantir ao cidadão o permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.

A instituição afirma que nos seus anos de existência, esta instituição orientou seu perfil acadêmico para cursos profissionalizantes, tendo como base durante muito tempo a pedagogia tecnicista. Após reuniões para estudos sobre vertentes pedagógicas o corpo docente da escola concluiu que precisava inovar, ou seja, deixar da abordagem tradicional e avançar para uma tendência progressista, onde a decisão da maioria dos professores foi optar por outra linha pedagógica, a Tendência Crítico Social dos Conteúdos. Segundo seu PPP, essa tendência se caracteriza por levar em consideração os determinantes sociais proporcionando a crítica dos mecanismos resultantes da organização da sociedade que se apresenta em classes distintas, ao mesmo tempo em que se reconhece a realidade busca no interior das respostas pedagógicas e didáticas que permitam o exercício da crítica, a partir das próprias determinações sociais e das situações concretas em sala de aula. Contudo, para nós evidenciou-se uma postura contraditória sobre a definição da vertente pedagógica escolhida pelo grupo. Visto que, todo processo educativo, avaliativo, curricular e formativo da escola técnica privada se baseia claramente na Pedagogia das Competências e não na tendência pedagógica denominada como Crítica Social dos Conteúdos. Baseados em Saviani (2008, p 437) vemos que

Em suma, a “pedagogia das competências” apresenta-se como outra face da “pedagogia do aprender a aprender”, cujo objetivo é adotar os indivíduos de comportamento flexíveis que lhes permitam ajustar-se às condições de uma sociedade em que as próprias necessidades de sobrevivência não estão garantidas. Sua satisfação deixou de ser um compromisso coletivo, ficando sob a responsabilidade dos próprios sujeitos que, segundo a raiz etimológica dessa palavra, se encontram subjugados à “mão invisível do mercado”.

Saviani (2008, p 441) fundamenta que atualmente há uma nova teoria capital humano que marcou a mudança do fordismo para o toytismo, denominada como neoprodutivismo se expressando na “pedagogia da exclusão”. Também, vivenciamos o neoescolanovismo que retoma o termo “aprender a aprender” e conseqüentemente reordena o neotecnicismo enquanto “forma de organização das escolas por parte de um Estado que busca maximizar os

resultados dos recursos aplicados na educação. Os caminhos dessa maximização desembocam na ‘pedagogia da qualidade total’ e na ‘pedagogia corporativa’.

Portanto, quando a escola coloca que o qualificativo conteúdo é empregado para acentuar a função básica da escola: a transmissão do saber e a sua apropriação pelos estudantes ²⁴ (Projeto Político Pedagógico) e diz que para os docentes o *saber escolar* é um conjunto de conhecimentos selecionados entre os bens culturais disponíveis, enquanto patrimônio coletivo de uma determinada sociedade, em função dos seus efeitos formativos e instrumentais. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, p 06) vemos a busca incessante pela “qualidade total” na formação de seus estudantes.

No PPP da instituição consta que não basta que os conteúdos sejam ensinados, ainda que de forma efetiva e eficaz : “é necessário que os conteúdos estejam interligados de forma indissociável à sua significação humana e social.” (p 07). Segundo a escola pesquisada, toda reforma que se fez na educação brasileira mostra que se busca um tipo de “escola nova”. Um tipo de escola participativa, democrática e formadora de cidadania. Na qual o papel do professor, que como vimos, deve ensinar as competências, ele passa a ser um facilitador: assim, “o foco da Aprendizagem” é centrado no estudante e ele sente-se mais responsável, por isso o professor deve estar disposto a buscar novos desafios. (Projeto Político Pedagógico, p 7). No contexto atual, Machado, Neves e Frigotto (1992, p10) afirmam:

Os professores da educação profissional enfrentam novos desafios relacionados às mudanças organizacionais que afetam as relações profissionais, aos efeitos das inovações tecnológicas sobre as atividades de trabalho e culturais profissionais, ao novo papel que os sistemas simbólicos desempenham na estruturação do mundo do trabalho, ao aumento das exigências de qualidade na produção e nos serviços, à exigência de maior atenção à justiça social, às questões éticas e de sustentabilidade ambiental. São novas demandas à construção e reestruturação dos saberes e conhecimentos fundamentais á análise, reflexão e intervenções críticas e criativas na atividade de trabalho.

²⁴ A Coordenadora Educacional da instituição técnica privada nos definiu a escola como uma instituição educacional que diz ter como preocupação a difusão do conhecimento. Essa difusão se estabelece na relação pedagógica, cujo elemento conteúdo torna-se essencial, pois esse é o elemento propulsor para que possamos ter uma sociedade com mais igualdade de condições. Portanto, se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade. Cabendo a escola a preparação do estudante para um mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhes um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade. Os conteúdos são informações, elementos universais que se constituem em domínios de conhecimento que historicamente foram edificados. O saber popular é valorizado remetendo-o para o saber erudito, ambos devem existir e continuam a ser incorporados pela humanidade, porém devendo sofrer constante reavaliação face às realidades sociais.

Para esta escola é importante que o professor reconheça o conhecimento como um elemento dinâmico e em constante evolução, e que deve coexistir e conviver pacificamente no mesmo processo de ensino e de aprendizagem. A questão do método está diretamente subordinada aos conteúdos, portanto se o professor tem como objetivo o saber articulado com o contexto histórico, político e social do estudante, torna-se necessário que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos e o estudante possa identificar a sua coerência, aplicabilidade, valor e relevância na sua vida prática enquanto estudante e cidadão. Logo para a instituição, “os métodos aplicáveis à tendência crítico-social dos conteúdos não partem de um saber artificial e mecanicista, mas de uma relação direta com a experiência do estudante que aproveitada pelo professor consolida uma prática dialogada.” (Projeto Político Pedagógico, p7). Portanto, para a escola particular pesquisada a relação professor²⁵ e estudante consiste na oportunidade de condições em que ambos possam colaborar para o progresso dessas trocas.

Duarte (2003, p 12) afirma:

O caráter adaptativo dessa pedagogia está bem evidente. Trata-se de preparar os indivíduos, formando neles as competências necessárias à condição de desemprego, deficiente, mãe solteira etc. Aos educadores caberia conhecer a realidade social não para fazer a crítica a essa realidade e construir uma educação comprometida com as lutas por uma transformação social radical, mas sim para saber melhor quais competências a realidade social está exigindo dos indivíduos. Quando educadores e psicólogos apresentam o “aprender a aprender” como síntese de uma educação destinada a formar indivíduos criativos, é importante atentar para um detalhe fundamental: essa criatividade não deve ser confundida com busca de transformações radicais na realidade social, busca de superação radical da sociedade capitalista, mas sim criatividade em termos de capacidade de encontrar novas formas de ação que permitam melhor adaptação aos ditames da sociedade capitalista.

Ao invés de buscar uma formação para a emancipação humana, a escola técnica privada coloca que “para melhor desenvolver seu trabalho o educador tem que especializar-se na área de competência e estar em constante atualização para que o conhecimento seja

²⁵ A instituição vem fazendo encontros pedagógicos desde 1999 com todos os professores, especialistas e funcionários, com a finalidade de Atualizar e desenvolver o projeto educativo. O papel do educador para a escola é ser “a gente de transformação, facilitando a mediação do conhecimento no processo.” O educador precisa ter ética, ser pesquisador, e levar os estudantes a pensar e a pesquisar de forma que transforme o conhecimento adquirido em produto e serviço, interagindo na construção de conceitos, idéias, preparando o estudante para conquistar seu espaço na sociedade. Para a escola particular pesquisada é fundamental ter empatia pelos educandos, saber valorizá-los como pessoas colocando-os o mais próximo da realidade profissional, desenvolvendo valores éticos, conhecimento técnicos e sociais para que o educando estude com prazer e tenha orgulho de fazer parte da “família escolar e ser cidadão do mundo.” Portanto, cabendo ao professor estimular o estudante a ter iniciativa, motivação, auto-confiança, criatividade, criticidade e que aprendam a resolver os problemas que surgirem no decorrer da vida profissional.

transmitido aos estudantes com clareza e eficiência.” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, p 07). Tonet (2005, p 235) contra argumenta

Um quarto requisito de uma prática educativa emancipadora está no domínio dos conteúdos específicos, próprios de cada área do saber, sejam eles integrantes das ciências da natureza ou das Ciências Sociais e da Filosofia. Aqui também é preciso enfatizar que de nada adianta, para as classes populares, que o educador tenha uma posição política favorável a elas se tiver um saber medíocre, posto que a efetiva emancipação da humanidade implica na apropriação do que há de mais avançado em termos de saber e de técnica produzidos até hoje. Para dar um exemplo bem claro: o momento predominante-mas não único- que faz um físico um educador emancipador não está no seu compromisso político, mas no seu domínio do saber e da difusão do conteúdo específico e de um modo que sempre estejam articulados com a prática social.(...)

Com isso não queremos, de modo algum, afirmar que o compromisso político do físico não tem importância. Tem, e muita. Afinal, a Física, a Química, a Mecânica, etc., nada mais são do que mediações para o homem compreender a natureza e realizar seu intercâmbio com ela. Como se pode perceber, a questão decisiva é sempre a autoconstrução do homem. Por isso mesmo o ideal seria a união destas duas qualidades numa só pessoa. Mais ainda, porque se sabe que mesmo as ciências da natureza implicam em uma concepção de mundo e esta pode favorecer aspectos conservadores ou progressistas. Além do mais, a tarefa educativa é muito mais ampla do que a produção e difusão do saber. Ela também envolve a formação de concepções de mundo, valores, atitudes, comportamentos, etc., para qual todo educador contribui. (...)

Desta forma, independente da disciplina ministrada pelos professores o que realmente vale é o seu raciocínio, reorganizando as diferenças que existe entre a problemática de valores e as ciências, da natureza ou Social e Filosófica. Contudo, no Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada fundamental para aprendizagem do estudante é o diagnóstico do educador, ou seja, verificar quais os conteúdos dominados pelo estudante através de uma sondagem, ou por meio de registros e diários de classe, até mesmo um contato informal com o professor antecessor da disciplina encaminhando sua avaliação. A avaliação²⁶

²⁶ A avaliação é composta por instrumentos definidos pelo PPP como: tarefa, pesquisas, relatórios, seminários, projetos, trabalhos de grupo, visitas técnicas, materiais de aula, avaliações escritas e individuais que são quantificadas ao longo do semestre letivo. O estudante tem que ter no mínimo duas ou mais avaliações gerando a média dos componentes curriculares e mais a avaliação de competência equivalendo a média bimestral que é apresentado no boletim aos estudantes, pais ou responsáveis. Quanto à entrega de trabalhos solicitados pelo professor, os que não são entregues na data solicitada sofre um desconto no peso da nota em 20% (vinte por cento), de acordo com as orientações. E m todos os componentes curriculares dos módulos dos cursos técnicos a recuperação é obrigatoriamente paralela, quando o professor identifica (através das correções dos instrumentos de avaliação contínua) dificuldades relativas à aprendizagem do conteúdo trabalhado, este é retomado imediatamente em sala de aula e quando 70% do número de estudantes da turma não atingem nota igual ou superior a 5,0 (cinco), é dada uma nova oportunidade aos estudantes para resgatarem a parte do processo em que não obtiveram aproveitamento satisfatório, permanecendo deste modo o maior valor da nota. Cabe ao professor acertar com a turma o dia da aplicação da recuperação, procurando não prejudicar o andamento de outras atividades pertinentes ao estudante. O estudante que falta a avaliação só pode requerê-la na próxima aula daquela matéria mediante o atestado médico ou recibo de pagamento na tesouraria da taxa de 20% do valor da mensalidade do estudante privada e apresentá-los ao professor. Em outros casos, é autorizado pela Coordenação de Ensino que toma as providências cabíveis. São considerados aprovados, quanto à assiduidade, os estudantes

para a instituição tem caráter “construtivo, levando o estudante a perceber seus avanços e limitações, erros e acertos, fragilidades e potencialidades.” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, p 07).

No final de cada semestre, existe uma semana de recuperação com conteúdos registrados mediante um formulário especial que se entrega à Coordenação de Ensino. Após a recuperação por competência o estudante que não atinge a média mínima tem sua aprendizagem analisada pelo Conselho de Avaliação, que se reúne com a coordenação de Ensino/Curso, orientação educacional e professores para todos juntos realizarem um estudo de cada caso e definir a aprovação ou não do estudante com recomendações específicas para o prosseguimento do seu processo de aprendizagem ou orientação para o estudante refazer o mesmo módulo no próximo ano ou semestre letivo. Também, o educando que reprova no Ensino Médio ou no Curso Técnico, no próximo semestre deve optar pelo Ensino Médio ou Curso Técnico, pois os mesmos são ministrados no mesmo período. E todo educando que fizer as 06 (seis) fases do Ensino Médio da escola privada pesquisada, lhe é concedido 04 (quatro) fases do Ensino Técnico gratuitamente, independente de ser concomitante, porém ao término do Ensino Médio, este educando deve reingressar na escola apenas 01 (um) semestre, após a conclusão, para não perder o benefício, pagando somente a taxa de laboratório. O educando só recebe o seu Diploma de Técnico se estiver com o Ensino Médio concluído no prazo de 02 (dois) anos e o Relatório de Estágio aprovado pela Escola, o que não entrega o relatório no prazo de 02 anos após a conclusão do curso técnico tem o curso cancelado.

1.4.1 Curso técnico em nível médio: habilitação em informática industrial

Segundo a escola técnica privada, o curso técnico de nível médio com Habilitação em Informática Industrial tem fundamental importância no processo de capacitação de recursos humanos para a Indústria Catarinense, constituindo-se em poderosa alavanca não só para o desenvolvimento tecnológico do estado, também para o desenvolvimento socioeconômico da região. Para esta escola, “o mundo está cada vez mais imerso na corrente da atual revolução técnica científica, encaminhando-se vertiginosamente para a consolidação da informação, em meio a uma acelerada e dinâmica revolução da microeletrônica, em que as

de frequência igual ou superior à 75% (setenta e cinco por cento) das horas letivas de efetivo trabalho escolar (Resolução nº 023/2000, Art.7º-CEE) e ao estudante que obtiver média 7,0 (sete) ou superior durante o semestre, no grupo de competências (nos dois bimestres) e não possui nota inferior a 5,0 (cinco) nas disciplinas (componentes curriculares) que compõem este grupo, é dispensado da Recuperação para competência, no final do semestre, sendo considerado APTO.

capacidades dos homens são ampliadas.” (Plano Curricular – PPP - p3) A instituição acredita em seu Projeto Político Pedagógico que “este cenário atinge a todas as instituições de todos os países, quer sejam eles desenvolvidos ou não. Assim, os profissionais precisam estar atentos a essa ‘nova era’, onde a informação é o principal bem das instituições.” Porém, sobre este cenário informatizado existem outras análises que permitem visualizar outra perspectiva. Vejamos nas palavras de Machado quem define este patamar tecnológico ao explicar que para os países periféricos

[...] revela-se bastante contraditória devido à dificuldade de acompanhar a mudança do padrão de acumulação, mais largamente referido como “padrão de competitividade”. Assim, dentro das relações internacionais, são os países capitalistas avançados que não só definem o patamar tecnológico internacional, como monopolizam a criação das novas tecnologias e administram o poder tecnológico, restringindo o acesso àquelas e impondo condições para o mesmo. Os países dependentes acabam assimilando precariamente estas inovações, pois além de tudo faltam-lhes poder de compra e uma base consolidada de escolaridade e cultura básica e técnica, restando-lhe a posição de subordinação às decisões unilaterais e prévias do capitalismo. (MACHADO, 1992, p 17)

A escola privada coloca que tem atualmente a clara consciência da importância vital da modernização para a permanência da empresa no mercado. Para a instituição esta modernização é caracterizada pela adoção de novos termos de gestão e de produção com a finalidade de reduzir custos, melhorar a qualidade de vida e aumentar satisfação dos clientes. Fazendo com que surja a necessidade de aprofundar a difusão tecnológica, as inovações organizacionais e a atualização de equipamentos, reforçando a idéia de que são estratégicos para o desenvolvimento e a capacitação tecnológica do indivíduo preconizado na contextualização, evidenciando competências e habilidades destes.

Assim, o curso de Informática Industrial em nível Médio conta com a participação de professores, profissionais de indústria e comunidade que propõem modificações para torná-lo “mais competitivo, vislumbrando a possibilidade de colocar no mercado de trabalho técnicas científicas e tecnológicas elaboradas de forma a possibilitar à escola a inserção e reinserção profissional de seus técnicos no mercado de trabalho atual e futuro.” (PLANO CURRICULAR – PPP - p3). O plano deste curso técnico contém as diretrizes para o funcionamento desde o ingresso do estudante, pré-requisito de acesso, procedimentos de execução, condução, formação, certificação e diplomação. A organização curricular do Curso Técnico de Nível Médio com Habilitação em Informática Industrial “privilegia o estudo da contextualização, sob a forma de vivências que subsidiam a realização de projetos significativos para a habilitação pretendida.” (Plano Curricular – PPP - p4). Analisando a

estruturação desse curso indagamos os estudantes egressos sobre os motivos que os levaram a escolher o curso técnico de Informática Industrial:

[...] Eu fiz informática porque sempre ouvi falar em tecnologia, que a tecnologia é coisa do futuro e foi o curso que mais me adaptei aqui na escola técnica privada. Eu fiz aqui desde a 1ª série, até o terceiro. Foi completo. E dos cursos que tem aqui na instituição a maioria é voltada para meninos, pelo menos na minha época. Depois, é que começaram a surgir outros cursos, mas a informática foi o que mais me liguei. Aqui no ensino médio, a gente faz o teste vocacional, com a psicóloga da instituição e foi uma das áreas que fechou no teste. Foi por onde eu resolvi seguir. Eu estou trabalhando aqui, mas não pretendo ficar sempre nessa área. Eu gosto muito da área da saúde, faço curso de enfermagem na UNESC. Eu já andei vendo que tanto na área de enfermagem a parte da informática também entra muito, principalmente programação, porque tem muitos aparelhos que vai muito a parte de programação, de informática mesmo. Eu já pensei nesses dois caminhos, vincular os dois e está dando bastante certo. Porque, eu trabalho aqui e mexo lá também, me ajudou muito o curso. [...] (egresso 3/escola privada/empregado)

[...] Eu sempre gostei da área primeiro, eu sempre gostei de computador. Acho que foi na sexta, ou sétima série ganhei meu computador e eu sempre gostei de programação. Tanto que antes de começar a fazer o curso eu já via algumas coisas. Tanto que eu e um amigo meu que era metido a começar a programar e comecei a estudar junto com ele. Então, curso se encaixou como uma luva para mim. [...] (egresso 7/escola privada/empregado)

[...] Porque, sempre gostava de mexer com computador, desde pequeno eu fuçava nas coisas. Segundo, no teste de aptidões que eu fiz para saber de afinidades com as matérias relacionadas ao curso, o que o pessoal estudava, se encaixou comigo. [...] (egresso 8/escola privada/empregado)

[...] Eu escolhi o curso, porque sempre gostei de mexer muito com computador, eu tinha. Meu irmão fazia o curso de Ciências da Computação na universidade e aquilo ali me incentivou. Eu comecei a fazer e comecei a gostar. Hoje, optei pelo curso superior, Ciências da Computação, pela afinidade que eu tinha no curso técnico da escola técnica privada. Já no técnico eu decidi que ia entrar nesse ramo mesmo, fazer Ciências da Computação na UNESC. [...] (egresso 9/ escola privada/empregado).

Entretanto, alguns egressos nos relataram que não gostaram do curso e que este não supriu suas expectativas:

[...] Na verdade eu escolhi o curso pensando que era uma coisa e era outra. Eu achei que era mais assim informática, mexer nos programas. Só que na verdade era programação, a gente fazer os programas. Daí por isso que eu não gostei e não estou trabalhando na área. Porque eu não me identifiquei com o curso. Daí, agora estou fazendo administração que não tem nada haver. [...] (egresso 14/escola privada/desempregada)

[...] Eu tenho agora 21 anos, me formei tinha 18 anos. Eu comecei o curso de informática pensando que era mais manutenção, mas depois eu vi que era mais programação. Aí, eu meio que me arrependi só fiz para terminar mesmo o curso e ter uma profissão. Para continuar, não terminar o terceiro e não ter nada. [...] (egresso 2/escola privada/ empregado)

[...] Primeira razão porque eu sempre gostei. Sempre gostei de informática, sempre mexi com computador. E na época quando a gente fez o curso era mais voltada para parte de programação. E também tinha uma boa visibilidade do mercado de trabalho.

Só que eu preferi não escolher continuar na programação sempre gostei da manutenção. E o curso tinha bastante aula prática, bastante aula didática também, misturava bastante. Não era só aquela coisa... Só sala de aula, só sala de aula! [...] (egresso 5/escola privada/empregado)

[...] Talvez, por busca de melhores oportunidades depois de formado, não somente com o 2º grau, mas com o 2º grau técnico. Mas, na verdade eu nunca gostei muito da área técnica, eu já sabia disso e acabei fazendo mais por fazer, conhecimento. [...] (egresso 13/escola privada/desempregado)

Cabe destacar que este Curso Técnico em Nível Médio de Informática Industrial pode ser realizado de forma concomitante ao Ensino Médio, para estudantes que estejam cursando a partir da segunda série do Ensino Médio e de forma seqüencial para estudantes que já tenham concluído o Ensino Médio. Os estudantes classificados em exame de seleção como para os estudantes matriculados no Ensino Médio da escola privada podem matricular-se num único módulo do curso a cada semestre²⁷. O estudante que não obtiver êxito num determinado módulo pode no mesmo período fazer a recuperação das habilidades em que não foi considerado apto.

Para a escola técnica privada o perfil do Técnico em Informática Industrial com Habilitação em Nível Médio deve estar preparado para trabalhar sob a supervisão de um Engenheiro ou Analista de Sistemas, desenvolvendo atividades como executar o detalhamento de Projetos de redes de chão de fábrica para comunicação de dados; projetar, instalar, manter e gerenciar redes corporativas de transmissão de dados; executar manutenção em equipamentos de *hardware*; coordenar e/ou atuar tecnicamente no desenvolvimento de *softwares*, a serem utilizados em computadores pessoais ou dedicados; realizar especificações técnicas de materiais; orientar e/ou atuar em ajuste de parâmetros de equipamentos microprocessados; orientar e/ou atuar na implementação de automatização e robotização de

²⁷ Para vagas excedentes, ao estudante matriculado no Ensino Médio da escola privada, os candidatos precisam submeter-se ao exame de seleção através de provas escritas de: Matemática, Física, Português e Inglês. Sendo considerado aprovado o candidato que obtiver nota mínima três (3) em cada disciplina e média geral mínima cinco, classificando-se os que obtiverem a maior média geral. Havendo igualdade na média geral, a seleção é feita observando-se a maior nota obtida na ordem acima citada, em cada disciplina, ou seja, para fazer o desempate observa-se primeiro a nota de Matemática, persistindo o empate verifica-se a nota de Física, e assim por diante até a nota de Inglês. Persistindo o empate, o desempate é realizado por ordem de inscrição para o Exame de Seleção. Os conteúdos dessas disciplinas estão fundamentados nas bases científicas e instrumentais, exigidos para o módulo do curso. O técnico formado em Informática Industrial pode exercer sua profissão em empresas de projetos de instalações elétricas, manutenção e de assistência técnico-comercial; Empresa de setores de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica; Indústria de equipamentos eletroeletrônicos, mecânica e eletromecânica, qualificando-se também como profissional autônomo (prestador de serviço). Para isso, estão disponibilizados ao Curso Técnico de Indústria com Habilitação em Informática Industrial, oito laboratórios, devidamente equipados que são Laboratório de Automação; Laboratório de Eletrônica I; Laboratório de Eletrônica II; Laboratório de Robótica; Laboratório de Instalações Elétricas; Laboratório de Medidas Elétricas; Laboratório de Informática; Laboratório de Comando Numérico Computadorizado (CNC). Ver no ANEXO I.

processos produtivos; observar normas técnicas de qualidade e de segurança; trabalhar em equipe; supervisionar equipes de trabalho. Além disso, ao perguntarmos aos estudantes egressos sobre a qualidade do curso e se os conhecimentos que aprenderam tiveram relação com a realidade do mercado de trabalho, eles responderam:

[...] Como eu posso dizer, para época, como estava entrando na área de tecnologia e eu não sabia muito sobre tecnologia. Mas, para época eu não vou dizer que era ultrapassado, estava no ponto certo. Vamos dizer assim, eles seguiram à base certa. Por exemplo, tinha programação de Delphi. Na época estava sendo lançado 2008 e a gente aprendia em cima do 2007, só que o sete é o melhor que tem. Vamos dizer que era uma base boa... Sim, tem conhecimento, estão atualizados. Escolheram uma base boa de ensino. Não pegaram uma ferramenta “Ah! Porque é nova, vamos pegar a nova.” Uma que é boa, que tem confiança, que tem experiência no assunto, que a gente compreende, que a gente entende bem aquilo ali... Ajudaram. Foi uma boa base eu diria. Assim, não dá para dizer que o que a gente aprendeu tudo sobre o mercado de trabalho. Principalmente quando fica pouco tempo na empresa, de programação principalmente, ela já tem todo o seu padrão de programação e já tem todos sua estrutura pronta. Então, você vai ter que se adequar a ela. Só que a base que você aprende no curso é essencial. Sem ela não dá, de jeito algum... Sim é bem forte. [...] (egresso 7/escola privada/empregado)

[...] Nós tínhamos professores que mostravam a realidade do mercado de trabalho. Já uns ficavam só mostrando o que era parte teórica, sem mostrar até mesmo a própria prática faltava na sala de aula, para que a gente quando saísse para o mercado de trabalho, caso precisasse saber como lidar com aquilo ali. Às vezes, a gente sentia um pouco de dificuldade por isso. Porque, eles passavam muita teoria, mas na hora de passar a prática, não se encaixava de acordo com a teoria, aí ficava meio com defasagem. [...] (egresso 9/escola privada /empregada)

[...] Sim. Olha é o que os professores dizem também, e o que eu percebo é que a estrutura da escola técnica privada é uma das melhores que tem. Ontem, tanto curso técnico como a faculdade também, eu estava fazendo uma aula de redes e a gente tinha um roteador para cada pessoa. Um roteador custa em média de 1 500,00 reais. Isso não existe em outra faculdade uma estrutura como essa, laboratórios como esse. A estrutura da escola técnica privada é bem bom. A estrutura física é boa, os laboratórios são bons e os professores também... Olha assim oh! Eu digo para todo mundo que a gente aprende muito mais no dia-a-dia do trabalho do que propriamente nos estudos. Comigo também foi assim. Eu tive uma base, mas tudo o que eu fui ... O dia-a-dia no trabalho é que me fez conhecer coisas novas e aperfeiçoar mais a base que eu já tinha. [...] (egresso 11/escola privada/empregado)

[...]Em conteúdos.... Algumas coisas não eram interessantes, mas estava de acordo. Na verdade a escola técnica privada tem o problema de não ficar atualizada. Coisa que eu aprendi a 4 anos atrás, hoje meu irmão esta fazendo as mesmas provas, mesmos trabalhos, mesmos exercícios. E nós estamos no ponto C e eles estão no ponto A, estão lá atrás. Talvez, falta de interesse dos professores, talvez falta de qualificação, não se sabe ainda. Mas, totalmente fora do mercado. Inclusive, eu falei isso semana passada para o coordenador, que foi professor meu em eletrônica e ele pegou agora como coordenador do curso de informática. “Esses negócios estão totalmente fora do mercado hoje. Hoje o mercado pede aquilo e aquilo outro lá.” Ele disse que vai rever, porque ele pegou agora e nesse primeiro semestre vai ser só para ver o ensino. Já tem lá um monte de mudanças a partir do ano que vem. Inclusive uma é essa, mudar os conteúdos e se atualizar. Eles não estão atualizados e era para estar. Não estão totalmente fora, mas estão fugindo da realidade. Pode ensinar o básico, mas um básico atualizado entendeu? Eu odiava, porque era muita programação. Eu queria mais a manutenção, programação não é muito a minha área. Mas, a gente faz. (egresso 12/escola privada/desempregado)

A organização curricular do Curso Técnico de Indústria com Habilitação em Informática Industrial se baseia em uma carga horária total de 1600 horas, sendo 1200 horas de aula e 400 horas de estágio supervisionado. Onde, a exigência mínima estabelecida pela LDB é de 1200 horas. Além disso, o Curso está estruturado em módulos²⁸ com terminalidade, o que habilita o técnico ao final de cada módulo poder desenvolver na prática as atividades específicas daquele determinado módulo. A metodologia baseada em módulos fragmenta a formação do estudante, fazendo com que ele perca o acesso à totalidade dos conhecimentos apreendidos. Em relação ao estudo em módulos, Guimarães (2008, p40) aponta que diante a modularização do ensino:

[...] alertamos à problemática envolvida na realização dos módulos em diferentes instituições, a qual pode levar à isenção das escolas com o compromisso da formação integral do educando, promovendo uma formação fragmentada focada apenas nas competências profissionais, relacionada aos interesses da economia dos mercados.

Para a escola técnica privada, a implantação do curso técnico em Informática Industrial em módulos centrados em competências na área da indústria, outorga ao Técnico um perfil de qualificação que lhe permite construir itinerários profissionais, com mobilidade, ao longo de sua vida produtiva. No entanto, durante o curso ele deve elaborar projetos cujas fases são desenvolvidas através de atividades que comprovem suas habilidades e competências. As competências anteriores adquiridas pelos estudantes relacionados com o

²⁸ O primeiro bloco curricular se constitui em instalação e manutenção de computadores, exigindo segundo a escola técnica privada, as competências de interpretar legislação, orientações, normas e referenciais específicos; interpretar legislação, normas de saúde e segurança do trabalho, de qualidade e ambientais; ler e interpretar catálogos, manuais e tabelas; conhecer e avaliar as características de materiais, ferramentas, máquinas e componentes utilizados em sistemas informatizados; conhecer e avaliar os métodos de utilização dos instrumentos de medição e as interpretações de suas leituras; verificar o correto funcionamento dos equipamentos e *softwares* dos sistemas de informação interpretando orientações dos manuais; selecionar programas de aplicação a partir da avaliação das necessidades do usuário; identificar os componentes dos computadores e seus periféricos, analisando seu funcionamento e relacionamento entre eles; selecionar as soluções adequadas para corrigir as falhas no funcionamento de computadores, periféricos e *softwares*. O segundo bloco curricular se fundamenta na programação exigindo dos estudantes as competências avaliar os recursos de informática e suas aplicações; desenvolver algoritmos para solução de problemas; distinguir e avaliar linguagens e ambientes de programação, aplicando-os no desenvolvimento de *softwares*; interpretar pseudocódigos, algoritmos e outras especificações para codificar programas; integrar módulos desenvolvidos separadamente; compreender o paradigma da orientação por objetos e sua aplicação em programação; conhecer e parametrizar *softwares* dedicados. E finalizando, o terceiro bloco curricular do curso se baseia na instalação, manutenção e gerenciamento de redes de comunicação tendo como competências o interpretar projetos, *layout*, diagramas e esquemas; avaliar processos de execução; atuar na concepção de projetos; conhecer e avaliar os princípios da automação industrial; conhecer e interpretar o processo produtivo; especificar os elementos que compõem o projeto; avaliar testes e ensaios aplicáveis na certificação de redes de comunicação; identificar meios físicos, dispositivos e padrões de comunicação; identificar os equipamentos de certificação dos meios físicos; compreender técnicas de coleta de informações empresariais; conhecer técnicas de confecção de redes chão de fábrica; conhecer técnicas de manutenção em redes.

perfil de conclusão do Técnico em Informática Industrial podendo ser avaliadas para aproveitamento de estudo, no todo ou em parte, no termo de legislação vigente²⁹.

Os profissionais possuidores do ensino médio, que atuam no mercado de trabalho, envolvidos com atividades relacionadas com Informática Industrial interessados em, em obter certificado de Técnico em Informática Industrial, podem fazê-lo desde que protocolem na escola técnica privada requerimento com tal solicitação, informando o nível de escolaridade, módulo, nome da empresa onde trabalha, tipo de atividade que desenvolve, competências que julga possuir e módulo que deseja ser certificado. Uma vez deferido o seu pedido, este deve desenvolver anteprojeto, em prazo pré- estabelecido, para fins de avaliação, sob a orientação de uma equipe de professores do Curso de Informática Industrial, que sugere solução para um problema mecânico real previamente identificado por empresas da região. A solução, relacionada com o módulo escolhido pelo candidato, deve ser defendida perante uma comissão indicada pela coordenação de área, que faz o julgamento no molde de avaliação indicado no plano. O prazo entre a conclusão do primeiro e do último módulo não pode exceder a cinco anos.

Também, há a avaliação do curso, a qual segundo a escola se define como um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do educando, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou na teoria ou prática. A presente escola técnica privada está mudando o processo de avaliação com a finalidade de acompanhar as alterações da legislação e principalmente, com o objetivo de qualificar e garantir as competências necessárias para o ingresso do estudante com sucesso no mercado de trabalho.

A escola argumenta no Plano Curricular do curso de Informática Industrial de nível Médio que a avaliação³⁰ faz parte do processo ensino aprendizagem e deve ser coerente

²⁹ O aproveitamento, em qualquer condição, deve ser requerido antes do início do desenvolvimento dos módulos ou do curso, em tempo hábil para o deferimento pela direção da Escola e a devida análise por parte de quem cabe a avaliação de competências/habilidades e a indicação de eventuais complementações. Os que procedem à avaliação para aproveitamento de competências apresentando relatório que é arquivado no prontuário individual do estudante, juntamente com o documento que institui.

³⁰ A escola técnica privada diz ter definido como critérios avaliativos a avaliação de aprendizagem trabalhada como um processo contínuo, para desempenho dos estudantes; aferição do desempenho dos estudantes quanto à construção de competências e em conhecimentos em cada área de estudos e atividades escolares. (Resolução 023/2000, Artigo 2º); priorização instrumentos de avaliação integradores e estimuladores de autonomia na aprendizagem tais como: projetos, pesquisas ou investigações indicadores de avaliação (assiduidade, pontualidade, responsabilidade e relacionamento) e outras atividades individuais ou em grupo; considerar como aprovados, quanto à assiduidade, os estudantes de frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) das horas letivas de efetivo trabalho escolar (Resolução nº023/2000, Art. 7º); avaliação do aproveitamento do estudante continuamente e de forma global, mediante verificação de competência e de aprendizagem de conhecimentos, em atividades de classe e extraclasse, incluídos os procedimentos próprios de recuperação

com o regimento, paradigmas, objetivos, tipo de professor e estudante que eles querem formar. A avaliação só tem significado se for avaliado o professor, o estudante, a escola e o processo. É uma tarefa coletiva e constante de observação e acompanhamento da família, equipe escolar e do próprio estudante.

Para a aprovação é necessário a verificação das competências adquiridas de todos os estudantes que são submetidos à avaliação das Bases Tecnológicas afins, de cada bloco, no final de cada semestre. O resultado das Avaliações para competência é documentado semestralmente no boletim do rendimento escolar. No Boletim “Educando para competência” o estudante tem frequência, uma nota semestral, médias das bases tecnológicas afins, mais avaliação para competência e Média Final. Há reunião de avaliação a cada bimestre para verificação do rendimento do estudante, sem registro de notas. Se o estudante não conseguir alcançar a média exigida pela instituição tem direito em todos componentes curriculares dos “blocos” dos cursos técnicos, a recuperação obrigatoriamente, paralela. A recuperação é estruturada de maneira a possibilitar no decorrer de cada “bloco” a revisão de conteúdos não assimilados satisfatoriamente em uma ou mais competências bem como possibilitar sua promoção. A promoção do estudante depende de seu desempenho durante o processo de recuperação. Considera-se aprovado no bloco o estudante que atingir pelo menos 60% (sessenta por cento) das competências do referido bloco. Os estudantes que não se enquadrarem nesta condição são submetidos à decisão do conselho de avaliação. Os professores devem registrar na ficha de “Avaliação por competências” as estratégias e valores dos instrumentos adotados, especificando tratar-se da recuperação paralela. A nota resultante do processo de recuperação paralela, quando superior ao obtido anteriormente, deve ser substituído, caso contrário mantém o resultado anterior. O resultado final da avaliação do bloco será expresso em “Apto” - Capaz de desempenhar, no mínimo, as competências essenciais exigidas pelo perfil profissional de conclusão; “Não apto” - Não capaz de desempenhar, no mínimo, as Competências essenciais pelo perfil profissional de Conclusão.

Assim, o Curso Técnico de Informática Industrial é oferecido em 03 (três) módulos, com terminalidades específicas, conferindo ao final de cada módulo, certificado de conclusão. O estudante que concluir o conjunto dos componentes curriculares correspondente à habilitação profissional, objeto deste plano de curso, sem ter concluído o Ensino Médio,

paralela (Resolução nº 023/2000, Art.3º); na avaliação do aproveitamento a ser expresso em notas ou descritivos, leva em conta os aspectos qualitativos, e fundamentalmente, os resultados obtidos durante o semestre letivo.

deve informar a instituição antecipadamente, pois recebe seu diploma somente após comprovar a conclusão do nível médio de ensino.

1.4.2 Processo de estágio na escola técnica privada

O estágio inicia na 5ª fase do curso técnico, onde são atribuições do estudante/estagiário matricular-se na disciplina de Estágio Supervisionado³¹, obedecendo aos pré-requisitos determinados pelo curso; efetivar o Termo de Convênio com a empresa onde vai estagiar e o Termo de Compromisso de Estágio; manter uma postura ético-profissional ao desenvolver o estágio, respeitando horários, assuntos sigilosos da empresa e as normas por ela estabelecidas, bem como tratar de forma cortês os superiores, funcionários e clientes da mesma; elaborar o relatório de estágio de acordo com as normas metodológicas vigentes e as diretrizes gerais do Estágio Supervisionado; informar por escrito ao Coordenador de Estágio, qualquer irregularidade decorrente do não cumprimento das condições estabelecidas no PPP; entregar a versão final do relatório de estágio no prazo estabelecido de máximo de 6 meses, onde após esta data será cobrado multa por atraso de 20% sobre o valor do salário mínimo vigente; e caso o estudante não entregue o relatório de estágio no prazo de 2 anos após a conclusão do estágio, o mesmo perderá o direito ao diploma de técnico. O educando deve cumprir estágio curricular supervisionado em empresa ou instituição que atue na mesma área ou em área afim da formação profissional que lhe for proporcionada e apresentar relatório de estágio nas condições especificadas no Plano de Curso da instituição. A Escola Técnica privada possibilita a realização por parte do estudante de estágio curricular não obrigatório a partir da 1ª fase (módulo), podendo haver a intermediação de a gentes de Integração Empresa-Escola.

Na entrevista, os egressos nos explicaram sobre o processo de estágio:

[...] A instituição, praticamente toda semana, ligava e dizia que surgiu uma vaga em tal empresa, precisa de tais requisitos e diziam que a gente podia escolher. Aqui, a escola técnica privada sempre auxiliou bastante, nosso setor de estágio sempre

³¹ O setor de estágio alegou que todos os anos faz uma “Feira de Empregabilidade” na instituição privada pesquisada. Eles entram em contato com as parceiras (as empresas) e já chegaram a receber 800 pedidos de estagiários. Sendo assim, nos últimos anos a demanda de pedidos é muito alta e faltam estudantes para suprirem essas vagas. O exemplo dado pelo setor foi a empresa WEG, empresa especializada na fabricação e comercialização de motores elétricos, que pediu 30 estudantes para estagiarem em Jaraguá do Sul - SC. A escola afirma que é de sua inteira responsabilidade levar os estudantes para as entrevistas nas empresas, que somente estudantes de 17 ou 18 anos tem a permissão para morarem fora de suas residências e que sugerem às empresas que paguem ao menos dois salários mínimos aos seus estudantes. Ela também alega que na maioria das vezes o norte do estado de Santa Catarina oferece os salários maiores e muito mais vantagens aos estagiários, até mesmo moradia.

estava em contato com a gente informando as vagas que tinham. Não tenho do que reclamar... A gente faz depois que fechou o horário de estágio, que são 380 horas, a gente tem que apresentar um relatório de estágio com tudo o que tu fez. Aí o supervisor de empresa analisa e vê se foi tudo aquilo ali mesmo que tu fez, e depois a gente encaminha para o coordenador do curso para dar uma nota, se vai ser aprovado ou não. [...] (egresso 3/escola privada/empregada)

[...] Eu fiz aqui mesmo, quando eu entrei aqui eu já trouxe o documento e o estágio foi de um ano. Precisa entregar um relatório para o Professor que é o responsável, eles fazem uma avaliação para ver como é que foi e fechou... Sim o estágio me ajudou a entrar no mercado de trabalho, tanto é que estou aqui... Tenho dois colegas meus que estão em Balneário Camboriú. Moram lá, devem estar bem. Tem outro também que está na CPR. A maioria está bem encaminhado. Só alguns que não seguiram na informática. Mas, passaram, fizeram o estágio só para poder trabalhar e fazer a faculdade. Eu acredito que a maioria está bem. [...] (egresso 6/escola privada/empregado)

[...] Sim, eles têm o nome numa lista e eles vão distribuindo nas empresas. Quando eu já estava na CPR, não tinha dado tempo para ir à escola técnica privada. Eles até me ligaram e disseram “Oh! Tem estágio, está interessado?” Que as empresas vêm buscar também, aí eles indicam: tem fulano, fulano que é mais apto para essa área. Aí tem reunião com os professores para ver quem é mais apto para isso, mais apto para aquilo... É obrigatório. Porque você tem que entregar o trabalho de conclusão depois, sobre o estágio... Está feito, mas não está entregue... Assim, quando a gente estava na apresentação, falaram que eram seis meses para entregar tranquilo. Depois tinha 2 anos se pagasse multa. Que era, se não me engano, 20% do salário mínimo atual. Só que me parece que é cinco anos que você tem antes de perder o curso. Desde que você pague a multa para revisão, receber o diploma... É difícil, porque uma empresa para te contratar hoje é difícil. Ainda mais se a pessoa não tem experiência. Então você faz estágio, faz uma negociação com a empresa, você aprende lá dentro como funciona. Você já está apto a trabalhar lá dentro... Eu devia ter 17 de 18 anos. [...] (egresso 7/ escola privada/empregado)

A Coordenadora Pedagógica argumentou que instituição privada tenta mostrar como é a realidade do mercado de trabalho na região do extremo sul catarinense aos seus estudantes, e que dão toda a estrutura ao buscarem um estágio procurando estar em constante contato com as empresas. Sobre este aspecto, alguns egressos nos relataram uma realidade bem diferente:

[...] Na última fase na escola técnica privada tem que sair no mercado de trabalho e arranjar estágio. Eles nos incentivavam bastante com palestrante que mostravam como era o mercado de trabalho. Fomos procurar o estágio praticamente por conta própria na verdade. Eles sempre falavam que iam fornecer, mas no fim fica mais por conta própria. No estágio não ligaram para empresa. A escola técnica privada não ligou para ver como o estagiário estava lá. Somente exigiu que depois do estágio fosse entregue um relatório, escrevendo os procedimentos que foram realizados durante o estágio, as tarefas... Assinado pelo dono da empresa, logo depois repassado para a coordenação para avaliar. O coordenador do curso técnico avalia os procedimentos. Se há alguma alteração retorna para nós, para corrigir. Depois, entregar novamente até ficar tudo ok. Eu já entreguei o relatório e deu tudo certo [...] (egresso 8/ escola privada/ empregado)

[...] Eles deram uma lista de nomes das empresas que precisavam de gente e nós fomos atrás...Não. Nós é que fomos atrás, fizemos o estágio o meu durou 9 meses. Foram 6 meses de estágio e depois foi renovado...Que eu saiba todos fizeram sim e

ninguém liga. Depois você apresenta o relatório para poder pegar o certificado... Um amigo me indicou. [...] (egresso 10/escola privada/empregado)

[...] Valeu á pena por conhecimento, é uma área nova. Essa de telefonia de internet que eu trabalhei, *voip*, realizei curso, aprendi bastante coisa, uma área nova. Só que a gente sofreu as conseqüências da irresponsabilidade do patrão. O cara era totalmente irresponsável. Acabou o contrato de estágio, eu ainda fiquei alguns meses sem contrato nenhum, aí pedi as contas. Não cheguei a ser efetivado. [...] (egresso 13/escola privada/desempregado)

[...] Eles indicam ou a gente vai. Eu é que fui atrás. Mas, eles indicam também, para fazer entrevista... Não é... A gente tem... Umas folhas que eles dão para a empresa assinar. Daí a gente leva para comprovar. Aí tem o relatório que a gente tem que fazer em cima do estágio que a gente fez...Ah! Não sei... Entreguei... Ahã! Experiência. [...] (egresso 14 /escola privada /desempregada)

Durante as entrevistas, ficou evidente que o estágio é um dos momentos mais esperados na formação dos estudantes da escola técnica privada, pois estes vêm uma oportunidade de se inserirem no mercado de trabalho. Kuenzer enfatiza:

Evidentemente, o ingresso no mercado de trabalho faz parte das necessidades do trabalhador, e, portanto a escola não deverá ignorá-la, desde que o faça na perspectiva anteriormente exposta: de promover o acesso ao saber científico e tecnológico que permita ao trabalhador inserir-se, participar e usufruir dos benefícios do processo produtivo (KUENZER, 1997, p 34).

Mas, sabemos que essa não é a perspectiva das escolas técnicas analisadas. A relação entre a escola e o mercado de trabalho acontece a partir da oferta e demanda de profissionais, reforçando e mostrando que as empresas nunca tiveram dificuldades em preencher seus cargos. Esta situação se verifica já que elas dispõem de um contingente de trabalhadores qualificados que se submetem aos difíceis treinamentos e critérios de seleção, buscando não permanecer no imenso exército de reservas do capital que os condenam ao subemprego ou desemprego real.

No próximo capítulo fizemos uma análise sobre as dificuldades dos estudantes egressos dos cursos de Informática supracitados para ingressarem no mercado de trabalho e os que conseguiram o primeiro emprego, em que condições tentam mantê-lo.

2 O ENSINO MÉDIO TÉCNICO E A LUTA PELA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

A procura de trabalho não se identifica com o crescimento do capital, nem a oferta de trabalho com o crescimento da classe trabalhadora. Não há aí duas forças independentes, uma influenciando sobre a outra. É um jogo com dados viciados. O capital age ao mesmo tempo dos dois lados. Se sua acumulação aumenta a procura de trabalho, aumenta também a oferta de trabalhadores, “liberando-os”, ao mesmo tempo que a pressão dos desempregados compele os empregados a fornecerem mais trabalho, tornando até certo ponto independente a obtenção, a oferta de trabalho da oferta de trabalhadores. Nessas condições o movimento da lei da oferta e da procura de trabalho torna completo o despotismo do capital.

Karl Marx

Neste capítulo trataremos sobre os problemas enfrentados por jovens que se formaram em cursos técnicos de informática em nível médio de duas escolas do município de Criciúma-SC ao tentarem conseguir o primeiro emprego. Para os que o conquistaram, relatamos os enfrentamentos diários em forma de terrível exploração de suas forças de trabalho; subempregos; baixos salários; intensas, longas e exaustivas jornadas de trabalho; exigências absurdas por parte das empresas ao contratarem esses jovens técnicos; e a extrema dificuldade destes para organizarem um sindicato que represente a categoria.

2.1 Categorias emprego, subemprego e desemprego.

Analisar alguns aspectos de como ocorre inserção dos jovens no mercado de trabalho possibilita, a nosso entender, também compreender elementos constitutivos da crise conjuntural de nossa sociedade e assim, aprimorar o entendimento da lógica perversa do capital. De acordo com nossa pesquisa, a vida profissional de jovens trabalhadores relaciona-se diretamente com a qualidade de condições que tiveram ao acessarem o primeiro emprego, buscando uma oportunidade de sobrevivência digna, de continuarem sua formação profissional e de não fazerem parte do imenso exército industrial de reserva que aumenta drasticamente ao longo da história.

Por isso, torna-se relevante delinear análises sobre alguns aspectos que envolvem a situação de emprego, desemprego e/ou subemprego da classe trabalhadora. Em determinado período histórico nos países capitalistas desenvolvidos o desemprego estava presente somente nos “*bolsões de subdesenvolvimento*”, como afirma Mészáros (2002). As inúmeras pessoas atingidas pela situação de desemprego geralmente eram ignoradas e tratadas com indiferença pelo resto da população, que viam nesse fato o processo inevitável da modernização, ou seja,

as “repercussões socioeconômicas da própria tendência.” A sociedade justificava a pobreza produzida pelo desemprego como custos necessários para alcançar o desenvolvimento pleno do capital e do consumo para todos. As pessoas que viviam na periferia da sociedade eram consideradas culpadas pelo seu próprio fracasso e “inutilidade”, eram acusadas de não estudar, de não se qualificar ou se profissionalizar em determinado segmento inútil para o mercado de trabalho.

Desta forma, aprofunda-se a *crise estrutural do capital* resultando no colapso da estrutura social refletindo no desemprego maciço entre trabalhadores não-qualificados e qualificados, que passam a disputar os poucos empregos disponíveis e aumentam as contradições em todos os países, independentemente de serem desenvolvidos ou subdesenvolvidos. Vejamos esta questão nas palavras de Mészáros (2002, p 1005) quando ele diz que, portanto,

[...] não estamos mais diante dos subprodutos “normais” e voluntariamente aceitos do “crescimento e do desenvolvimento”, mas de seu movimento em direção a um colapso; nem tampouco diante de problemas periféricos dos “bolsões de subdesenvolvimento”, mas diante de uma contradição fundamental do modo de produção capitalista como um todo, que transforma até mesmo as últimas conquistas do “desenvolvimento”, da “racionalização” e da “modernização” em fardos paralisantes de subdesenvolvimento crônico. E o mais importante de tudo é que quem sofre todas as conseqüências dessa situação não é mais a multidão socialmente impotente, apática e fragmentada das pessoas “desprivilegiadas”, mas *todas* as categorias de trabalhadores qualificados e não-qualificados: ou seja, obviamente, a *totalidade da força de trabalho* da sociedade.

A definição tradicional das categorias emprego e desemprego adquirem outro significado na sociedade capitalista atual. Singer (2001, p 12), define que o emprego “resulta de um contrato pelo qual o empregador compra a força de trabalho ou a capacidade de produzir do empregado”. Ou seja, o trabalhador presta a sua força de trabalho como mercadoria e o capitalista compra a capacidade de produção do trabalhador, pagando-o em forma de salário. Porém, para o capital é necessário que exista mais oferta de força de trabalho do que capitalistas interessados em comprá-las, assim, o desemprego torna-se *um efeito funcional de políticas de estabilização exitosas*. Singer (2001, p 13) argumenta:

Quando a demanda por mercadorias, seja para consumo ou para inversão, é contida, a fim de que os preços não subam, é óbvio que as empresas vendem menos, portanto produzem menos e *ipso facto* empregam menos. A concorrência intensifica entre as empresas, obriga-as a reduzir custos e, portanto, a aumentar ao máximo a produtividade do trabalho, o que implica reduzir também ao máximo a compra de força de trabalho. Os desempregados, que outrora eram denominados de *exército industrial de reserva*, desempenham o mesmo papel que as mercadorias que sobram nas prateleiras: eles evitam que os salários subam.

O exército industrial de reserva torna-se mais que desempregados vivendo em situação de exclusão social inerente a sociedade capitalista, ele passa a servir como estabilizador de uma dinâmica social desumana e desigual. Inúmeras pessoas vivem além da condição de desemprego, estas se encontram em estado de pobreza absoluta, sustentados por meios de ocupações precárias e sem condições reais de se inserirem no setor formal da economia. Com o capital reduzindo o emprego de força de trabalho, ignorando o fato de ser qualificado ou não, e desesperado para manter seu ritmo de acumulação de riqueza, as pessoas deixam de almejar um emprego formal e passam a buscar uma ocupação para garantir sua sobrevivência. Surgindo aí outras categorias como a do subemprego ou simplesmente a ocupação. Singer (2001, p 14), coloca que “ocupação compreende toda atividade que proporciona sustento a quem a exerce.” No entanto, não podemos definir desemprego como falta de ocupação, pois existem outras maneiras de prover a subsistência do que somente vender a força de trabalho para produção capitalista. Cresce deste modo, as atividades autônomas, cooperativas de produção, os empregos informais, entre outras, e intensifica-se a precarização do trabalho, a insegurança, a falta de garantias e de direitos conquistados nas inúmeras lutas da classe trabalhadora ao longo da história.

Nesse contexto de severas desigualdades econômicas e sociais estão os jovens³², filhos de trabalhadores, que estudam, trabalham, são arrimos de família ou já se encontram na condição de pais. Estes, na maioria os mais pobres, são obrigados a assumirem responsabilidades e obrigações que vão muito além de sua faixa etária e experiência de vida, lutando desesperadamente por uma subsistência cada vez mais degradante, inumana e cruel. Pochmann (2000), salienta que na atualidade o jovem está sendo pressionado intensamente pelas transformações econômicas, sociais e culturais, predominando incertezas e inseguranças na sua trajetória de vida ou nas perspectivas de um futuro digno. Ele assinala que os jovens são afastados das oportunidades geradas por uma sociedade que não tem escrúpulos em atender somente alguns privilegiados, tornando-se cada vez mais difícil suas condições de existência, seu desenvolvimento pessoal, educacional e profissional.

³² Mais de 90% dos estudantes egressos entrevistados nessa pesquisa estão na idade de 18 a 25 anos, como pode ser visto no gráfico que consta no ANEXO IV. Por isso, vamos nos pautar na definição de Pochmann, que usa como parâmetro os dados do IBGE, classificando como jovens as pessoas que estão na faixa etária de 15 a 24 anos.

2.2 A realidade cruel da exploração da força de trabalho juvenil na área técnica em informática

Em países subdesenvolvidos, como o Brasil, a exploração desses jovens se evidencia dia após dia. Segundo Pochmann (2000), cresce o índice de mortalidade entre a juventude brasileira que está exposta a diferentes formas de violência como a prostituição, drogas, analfabetismo e o crime organizado. Todavia, muitas vezes com a necessidade de complementarem a renda familiar estes se submetem inaceitavelmente a trabalhos insalubres, perigosos ou até mesmo, escravo. Para ele, é nítido que o Brasil retrocede em políticas públicas voltadas para pessoas dessa faixa etária na área de lazer, cultura, educação e profissionalização.

Alguns aspectos desta realidade já foi observada nos primeiros dados obtidos em nossa pesquisa mediante os questionários enviados pela internet. Cabe recordar, que nessa primeira aproximação da empiria perguntamos aos egressos das escolas técnicas descritas anteriormente, qual era sua situação profissional atual após formação em cursos técnicos de informática no nível médio na região do município de Criciúma, extremo sul de Santa Catarina. Podemos examinar que mais de 90% dos egressos alegaram estar empregados, sem, nesse momento da pesquisa, questionarmos qual seria para eles a definição das categorias emprego e desemprego. Se nos pautarmos nessas informações com consciência ingênua aparentemente eles nos transparecem estar em uma situação muito privilegiada comparando com outros jovens do Brasil que se encontram em situação nefasta, sem terem acesso ao mercado de trabalho. Esta afirmação pode ser visualizada na tabela abaixo:

Tabela 2: Distribuição dos egressos pesquisados em relação a estarem empregados ou desempregados.

ESCOLAS	EGRESSOS EMPREGADOS	%	EGRESSOS DESEMPREGADOS	%	TOTAL	%
Escola Técnica Pública Estadual	17	95%	01	5%	18	100%
Escola Técnica Privada	28	93%	02	7%	30	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Entretanto, na tentativa de desvelar a realidade dos fatos, continuamos nossos questionamentos sobre o regime que consta em seus empregos. Mais uma vez, eles nos aparentam estarem imunes aos problemas sociais e econômicos que atingem essa faixa etária. Grande parte, 46% dos egressos da escola técnica pública e 75% dos egressos da escola técnica privada, alegaram estar sob o regime celetista (CLT)³³ tendo como um direito a carteira de trabalho assinada, que a princípio assegura jornada de 8 horas diárias de atividade laboral e caso essa jornada se exceda o trabalhador deve ser remunerado na forma de hora extra, também assegura férias, licença maternidade, aposentadoria, seguro desemprego, entre outros. Porém, se observarmos com atenção os dados apresentados seqüencialmente começam a surgir características da precarização do trabalho na área de informática. Em nosso caso, menos de 50% dos estudantes egressos da escola técnica pública estadual tem carteira de trabalho assinada e mais de 20% encontra-se em condições menos privilegiadas de emprego como bolsista, estagiários e funcionários públicos horistas. Sobre a precarização do trabalho na ordem neoliberal do capital Antunes (2002, p 38) alerta:

É preciso que se diga de forma clara: desregulamentação, flexibilização, terceirização, bem como todo esse receituário que se esparrama pelo “mundo empresarial”, são expressões de uma lógica societal onde o capital vale e a força humana de trabalho só conta enquanto parcela imprescindível para a reprodução deste mesmo capital. Isso porque o capital é incapaz de realizar sua autovalorização sem utilizar-se do trabalho humano. Pode *diminuir* o trabalho vivo, mas não *eliminá-lo*. Pode precarizá-lo e desempregar parcelas imensas, mas não pode extingui-lo.

No entanto, 75% dos egressos da escola técnica privada ainda têm carteira assinada garantida conforme a legislação trabalhista brasileira, índice altíssimo diante da realidade do resto do Brasil, realidade por nós mostrada no próximo capítulo. Segue a tabela:

Tabela 3: Distribuição dos egressos pesquisados de acordo com o regime de trabalho que estão vinculados

³³ O regime CLT, Consolidação das Leis do Trabalho, institui as normas que regulam as relações individuais e coletivas de trabalho no Brasil desde 1943, decretada pelo então presidente da república Getúlio Vargas. Esta pode ser encontrada no endereço eletrônico <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/De15452.htm> acessado por nós em 15/08/09.

E S C O L A	C L T	%	A U T O N O M O	%	E M P R E S A R I O	%	O U T R O S (Bolsista, estagiário funcio nário público, horista)	%	N Ã O R E S P O N D E U	%	T O T A L	%
Escola Técnica Pública Estadual	08	46%	03	16%	02	11%	04	22%	01	5%	18	100%
Escola Técnica Privada	22	75%	01	3%	01	3%	04	13%	02	6%	30	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Pochmann (1998), destaca que no processo de inserção dos jovens no mercado de trabalho, tentando compensar a má formação profissional e a precarização do trabalho, há atualmente quatro formas de padronização de inserção ocupacional. São estas: Ofício profissional - elevada formação educacional e especialização no processo de grandes empresas; Emprego assalariado - atividades menos especializadas voltados a pequenas e micro-empresas; Função autônoma - trabalho autônomo para a empresa e para o público; Trabalho protegido: atividades voltadas ao setor não mercantil. Visto isto, é possível observar a *desestruturação do mercado de trabalho brasileiro*, sob forte estagnação econômica e desestabilização do processo de inserção ocupacional dos jovens.

2.3 O subemprego na área técnica em informática.

As contradições do capital vão se enaltecendo a cada pergunta e ao indagarmos sobre a atividade que exercem atualmente, a disparidade entre as duas escolas e a ligação da atividade laboral com a área de formação saltam aos olhos. Dos egressos da escola técnica pública que responderam o questionário, 67% exercem atividade fora da área profissional (técnico em informática de nível médio). E na escola técnica privada esse índice cai pela metade, na faixa de 33%. Estes dados demonstram que os estudantes de escola pública, na sua maioria filhos de trabalhadores pobres - que não tem condições de pagar as mensalidades nas

instituições particulares de ensino onde focam a formação de nível médio para o ingresso no ensino superior, se inserem no mercado de trabalho na primeira função que aparece, pois não podem ter o luxo de escolher uma vaga na sua área de formação. Ou seja, a grande necessidade desses jovens é que sua “força de trabalho seja explorada pelo capital” podendo assim sobreviver, mesmo que para isso tenham que se submeter a outra ocupação ou subemprego. Assim, a tabela abaixo indica a distribuição das atuais atividades dos sujeitos pesquisados:

Tabela 4: Distribuição dos egressos pesquisados sobre a atividade que exercem atualmente.

ESCOLAS	Técnico em informática	%	Outros	%	Não Respondeu	%	Total	%
Escola Técnica Pública Estadual	06	33%	12	67%	00	0%	18	100%
Escola Técnica Privada	19	64%	10	33%	01	3%	30	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Os técnicos em informática de nível médio que atuam fora de sua área de formação nos informaram que têm como principais funções: balconista, crediaria, caixas e organização de lojas, serviços bancários, coloristas, técnico do laboratório de controle de qualidade da empresa em que trabalha atendente público, auxiliar de enfermagem, secretária, analista de processos e acompanhamento em audiências, polícia ostensiva, montagem de esquadrias de alumínio e outros. Remetendo-nos que o risco de ficar desempregado, as profundas mudanças na vida diária do trabalhador e a concorrência acirrada no mercado de trabalho vêm atingindo as condições de inserção social e econômica dos que estão buscando emprego pela primeira vez. Esses problemas vão muito além das possibilidades do sistema educacional, da busca constante por qualificação ou competências.

Paiva (2002, p 52) afirma, “estamos, pois, diante de um momento de vitória do capital sobre o trabalho que coincide com níveis inéditos de acumulação e riqueza social.” Existe uma enorme divisão entre os incluídos e excluídos do mercado formal de trabalho, porém o fato de estar incluído não significa ter emprego com direitos garantidos e salário digno. Ao contrário, o trabalhador está exposto como nunca antes na história da humanidade há humilhantes formas de subemprego ou ocupação, onde a exploração de sua força de

trabalho esta ficando cada vez mais intensa e brutal. Levando-nos a questionar até que ponto as profissões ainda podem resistir ou até onde a qualificação desses trabalhadores será garantia de valorização do trabalho executado por eles. As entrevistas realizadas com intuito de aprofundar as análises empíricas revelaram que dos 9 egressos da escola técnica pública que estão empregados, 4 estão atuando fora da área de informática. Entre os estudantes egressos da escola técnica privada dos 11 que estão empregados apenas 2 estão atuando fora da área de formação, sendo que entre esses dois, uma foi remanejada para o cargo de secretária do chefe, porém a empresa que trabalha é da área de informática.

Poderíamos dizer, sem a intenção de generalizar já que se trata de uma pequena mostra destes sujeitos-egressos, que a partir destes dados empíricos, os estudantes de escola pública se inserem no mercado de trabalho na primeira função que surge mesmo de forma precária, e acreditamos que a situação economicamente precária incide significativamente, já que precisam se auto-sustentar, e desta maneira, aceitam empregos ou subempregos que visem proporcionar qualquer oportunidade de emprego. Vejamos nas palavras deles o que manifestaram ao respeito:

[...] No hospital eu trabalho na farmácia. Eu trabalho na farmácia, com paciente interno, com medicamento. Agora, estou tentando voltar na área, com faculdade tenho um pouco mais de noção... Não. Terminei o curso e até hoje estou empregado... Sim, tenho carteira assinada... Eu meio que relaxei também da área de informática. Era só o básico, na área agora não vai dar, vou apanhar um pouco demais. Eu não ia conseguir suprir e logo em seguida veio o hospital. Tanto que voltei a estudar no semestre passado... Levei currículo, entrevista com psicóloga, recursos humanos para pegar o emprego... Mais ou menos por indicação, eu tenho uns conhecidos que trabalham lá... Aprendendo, coisa simples também. No dia-a-dia... Treinamento específico não. Tanto que é um serviço espontâneo, controle de estoque, medicamento... Não há mudanças no meu trabalho. Lá o serviço vai mudando conforme o hospital está cheio ou não. Então, não tem nada que vai mudando... Tem o chefe... Cartão-ponto, jaleco branco... Lá no hospital sim, mas na área de tecnologia você tem que suprir as suas metas. Oito horas de trabalho por dia... De vez em quando é preciso fazer hora extra. Se o hospital está cheio é correria o dia inteiro, se está vazio é calmo... Até normal conflitos no trabalho... Sim, tenho liberdade para tomar decisões... Não, as responsabilidades não pesam para mim. Nenhum pouco... Sim, existem reuniões... Fácil conseguir emprego como o meu. Na área de informática é um pouco mais complicadinho, porque eu vou começar do zero. Não vou saber onde começar, tenho que ter alguém para me falar. Mas, também acho que não é difícil achar emprego na área de informática hoje aqui na região. Mas, se eu não achar por aqui eu pretendo sair. [...] (egresso 8/escola pública/empregado)

[...] Sim, sempre trabalhei aqui na mesma função... Controle de estoque, no caso as peças de mecânica de motos. Compra, venda. Tudo do estoque, no geral... A rotina é sempre a mesma... Sim, horário comercial... É raro fazer hora extra... De vez em quando faz reunião... São quatro funcionários... Sim, sou ouvido... O resto tem que se virar. Emprego hoje em dia quem quer encontra. Depende da área que a pessoa procura. Mas, eu creio que não seja muito difícil achar emprego hoje. Mas, depende da área. [...] (egresso 1/escola pública/empregado)

[...] Faz seis anos que eu trabalho na área de mineração, já. Entrei por indicação... Sim, tenho carteira assinada... Fiquei quatro meses desempregado... Aí, eu comecei a ficar desatualizado e fiquei para trás. Hoje na área de programação pouca coisa eu lembro. Agora voltar? Talvez sou obrigado a fazer outro curso na área de informática para tentar entrar no mercado de trabalho. Tem pessoas melhores do que eu já, com certeza. E naquela época o colégio técnico público tinha a fama de sair de lá com emprego. Se você olhar na nossa turma, nós nos formamos em 16 ou 17 naquela época. Se dois, três estiver na área é muito. É difícil! Começaram o curso de informática e usaram só de trampolim para outras áreas. O meu lugar lá não é tão rígido assim, mas tem um controle... Eu não tenho autonomia para tomar decisões... Ah sim! No meu caso eu trabalho como analista sou cobrado toda a vida. Sou obrigado a dar os resultados para ele, se o resultado estiver errado sobra para mim. É uma coisa que vai indo cansa, cansa a mente, é cobrado todo dia, todo dia... Mas, é bom... É bom ser cobrado... Não tem reuniões. Só se for com a chefia, com nós não... Ah, sim! De vez em quando sim, posso expressar minha opinião... Muito pouco o chefe nos consulta... Já aderiram sugestões... É mais difícil achar emprego como o meu. Porque, a mineração ela passa por altos e baixos. Se eu for demitido hoje e a mineração esta em alta, talvez arrume rápido. Mas, se estiver em baixa tem que deixar passar, aí o cara tem que se agüentar. Ela é muita específica. Não tem um leque de opções. Trabalha na mina, ou não trabalha. [...] (egresso 3/escola pública/empregado)

Segundo Forrester (1997), com o perigo de perderem seus empregos e de ficarem à disposição de um sistema limitado, os jovens se deparam com a possibilidade de se tornarem seres humanos supérfluos se não forem “lucrativos ao lucro”. E acrescenta:

Já não ignoramos, não podemos ignorar que ao horror nada é impossível, que não há limites para as decisões humanas. Da exploração à exclusão, da exclusão à eliminação, ou até mesmo a algumas inéditas explorações desastrosas, será que essa seqüência é impensável? Sabemos, por experiência própria, que a barbárie, sempre latente, combina de maneira perfeita com a placidez daquelas majorias que sabem tão bem amalgamar o pior com a monotonia ambiente. (FORRESTER, 1997, p 17).

Aos jovens sem possibilidades reais de empregos em sua área de formação e sem um futuro profissional digno resta se subjugarem às regras desumanas do capital e aceitarem qualquer função que possa resguardar uma sobrevivência, mesmo que seja de forma precária.

2.4 Exigências das empresas para contratação dos técnicos de informática em nível médio.

Sabendo que um dos transtornos dos jovens é a angústia de terem um futuro incerto onde o Estado capitalista mergulha numa indiferença que estimula o engodo da sociedade em geral, as empresas se tornam mais dominadoras, tirânicas e soberanas. Com uma autoridade absoluta sobre o regime econômico, elas utilizam armas como a riqueza e propriedade privada pressionando o setor financeiro da economia para manter suas vantagens e dando predominância à força da classe dominante. Com o objetivo de complementar alguns

aspectos de nosso estudo e de melhor compreender a problemática dos egressos e o emprego, também visitamos 3 empresas da área de tecnologia no município de Criciúma, Santa Catarina. Estas nos relataram sobre as exigências feitas aos jovens quando vão procurar o primeiro emprego, indicando a preferência por pessoas sem experiências para que possam se enquadrar mais facilmente às normas das empresas e a valorização da submissão desses funcionários à hierarquia empresarial. Os gerentes das empresas nos disseram:

[...] Na área de informática são 5 funcionários. Aí tem o departamento de mecanografia, o comercial, no total da uns 12 funcionários. A gente é uma escola, por isso que a gente procura bastante quem está recém formado em algum tipo de curso. Até é uma preferência, porque é uma pessoa que tu vai poder modelar... Então, a gente vai modelar. Como a gente não é uma informática exclusiva, é automação comercial, tem um pouco de diferença, são mais equipamentos. Então, a informática é ligada aos equipamentos que a gente vai trabalhar... É uma forma diferente de informática que eles aprenderam. Tanto na escola técnica privada, como na escola técnica pública... A gente dá oportunidade para o pessoal que vem para o primeiro emprego. A preferência é pegar pessoas que a gente possa estar modelando. Recém formados, para que eles possam estar aprendendo junto com a empresa. A partir do momento que a gente pega um vem de outra empresa, ou que já trabalhou em vários lugares é complicado, porque vem com um jeito próprio de trabalhar e a gente obedece a uma hierarquia. Então, vai querer às vezes, se colocar e dizer que sabe mais, vai querer desprezar os técnicos que estejam ali um pouco mais tempo que ele, mas não conhecem tanto. A gente já teve experiências desse tipo e cria um tipo de conflito. O ideal é pegar o pessoal recém-formado e como já faz tempo que estou na empresa, então tenho que modelá-los na minha forma. Porque, a gente trabalha como equipe e alguns se desligaram, da equipe velha ficou somente eu. Então, eles chegaram e disseram para eu formar agora minha equipe, da minha forma de trabalhar, para eles não se incomodarem. Para deixar a assistência na minha mão e trabalhar legal. Aí, fui liguei para a escola técnica pública e escola técnica privada, vi os currículos, vi a parte técnica e graças à Deus estamos com uma equipe hoje que é 100%. Mais ou menos na faixa de idade de 20, 19, 21 ou 22 anos, um pessoal recém-formado que tem vontade de trabalhar, gostam do que fazem, aprendem, não estão só vindo trabalhar, eles estão aprendendo também. [...] (Gerente de Empresa de Automação Industrial)

[...] Empresa de Informática nasceu faz 13 anos, na época que Criciúma estava estourando nessa parte de assistência técnica em informática, onde as empresas estavam começando a se informatizar a Eliane, Cecrisa, empresas de plástico... Então, a gente sempre teve a linha de assistência técnica. A gente é um pouco diferente das outras empresas da região, que o foco principal é vendas. Nosso foco principal não é vendas. A gente não vende para o varejo, até porque tem os magazines da vida que a gente não consegue concorrer não é nosso forte. A gente não tem nenhum vendedor, não tem ninguém da área comercial aqui. Todos são técnicos ou profissionais de T.I. e hoje a gente atende toda linha de microcomputadores, tanto *notebooks*, microcomputadores, câmera digital, *nobreak*, impressora, monitores e tudo que estiver ligado no computador. Foi a segunda ou terceira de Criciúma, que começou a trabalhar com isso assistência... Hoje a gente possui o técnico prático, aquele que não tem CREA. Aquele cara que entrou ali como estagiário, a gente prefere assim que entre como estagiário. A gente ensina como a nosso procedimento, nosso padrão, por se tratar só de assistência técnica, a gente desenvolveu uma metodologia própria de processos. A gente tem projeto, depois complementa efetuando os processo para exatamente treinar o estagiário. O requisito fundamental, é dependendo do caso, é no caso de estagiários para microcomputadores e é que ele não saiba nada mesmo. Justamente como a gente conversou, para ele começar do nosso jeito. Porque já teve muitos problemas de

contratar pessoas com experiência, que eles acabam não se encaixando no nosso processo. Aí acaba ficando bastante problemático, a pessoa trabalhando bem diferente do jeito que a gente trabalha. Porque tudo que nos segue é o sistema que a gente tem. [...] (Gerente de Empresa de Informática I)

[...] a empresa surgiu em 2000, são 9 anos que está no mercado. O que eu tenho a colocar que quando eu iniciei na empresa em 2004, eram 17 funcionários e hoje estamos em 77. Nós atuamos no ramo de energia elétrica, manufatura, as metalúrgicas, confecções e varejo... Na maioria das vezes precisamos contratar pessoas sem nenhuma ou com pouca experiência e treiná-la para satisfazer as necessidades da empresa... Não, todos os nossos funcionários são da região. Mas, temos dificuldades sim de ter força de trabalho qualificada... Depende do momento da contratação. Normalmente contratações emergenciais exigem um certo padrão de experiência. Fora isso, alguns aspectos comportamentais, de valores, visão e apresentação do candidato também são considerados... É isso que quando nós temos tempo disponível, a gente pega um estagiário, um técnico do 2º grau que está se formando e a gente vai ensinando aos poucos. Quando, tem um projeto novo, ou a necessidade da empresa que está crescendo e precisa de mais alguém, então a gente pega um novato, um estagiário e vai ensinando. Porque, vai levar 6 meses para essa pessoa produzir alguma coisa de fato. Leva tempo para ter uma pessoa que não tem experiência produzir realmente. Quando a gente tem tempo, a gente contrata. Mas, quando são projetos mais rápidos, com a necessidade de ter mais de um profissional, então tem que vir com prática, conhecimento... O problema que o nível do aprendizado é considerado insuficiente para o nosso setor... Em relação ao perfil do trabalhador, tem que ser pessoas concentradas. Tem que ter muita concentração, porque é 100% concentração. Tem que ser pessoas mais centradas, tem certas pessoas que não vai se habituar a sentar em uma cadeira, na frente do computador e ficar o dia inteiro programando e pensando. O perfil da pessoa é traçado também dessa forma. [...] (Gerente de Empresa de Informática II).

Essa manipulação do trabalhador e escravização destes pela classe dominante é uma das categorias fundantes da sociedade neoliberal desde o início da industrialização. Marx (1993), nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, explica que o trabalhador desce até o nível de mercadoria aumentando sua penúria diante desse processo de alienação. Ele coloca que toda sociedade se divide em “*possuidores de propriedade e os trabalhadores sem propriedade*”, intensificando a divisão de trabalho e a troca. O autor analisa que o trabalhador:

[...] torna-se tanto mais pobre quanto aumenta mais a riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a *valorização* do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e justamente na mesma proporção que produz bens. (MARX, p 159, 1993).

Frigotto (2002, p 17), baseando-se em Marx, também explica, “o trabalhador é alienado ou perde o controle sobre o produto de seu trabalho (que não lhe pertence) e do processo de produção. Transforma-se em mercadoria a força de trabalho”. Tratar o trabalhador como mercadoria é fazer com que ele se submeta cada vez mais a exploração e a alienação, fundamental para a estruturação da ordem social capitalista. Baseado nessa

ideologia, o trabalhador assina um contrato com o comprador de sua força de trabalho sem ter noção da imensa desigualdade da relação empregatícia existente entre si e seu carrasco. Por isso, conforme Fritgotto (2002), a afirmação de que o trabalho é algo nobre e positivo ideologicamente utilizado como julgamento de moral do ser humano é extremamente útil para a classe dominante e como vivemos atualmente sob a égide do desemprego estrutural³⁴, aumenta-se a exploração e perdem-se os direitos conquistados pela classe trabalhadora.

Diante dessa realidade, vemos que nenhum trabalhador está imune a violenta opressão capitalista. Mesmo os egressos que trabalham na sua área de formação, sofrem com o autoritarismo de seus empregadores. Eles nos relataram:

[...] Toda empresa tem que ter para manter tudo organizado... O ritmo do trabalho depende da ocasião, do dia, do tempo... Não tem como controlar o tempo. A gente tem 15 minutos de manhã e a tarde, de uma folga ali. Mas durante o trabalho a gente não tem mais ou menos... Faço hora extra... Sábados, já cheguei a ir domingo também para fazer alguns trabalhos que não dá para fazer durante a semana... Não recebo a mais por isso... [...] (egresso 11/empregado/escola técnica privada)

[...] É puxado o ritmo de trabalho. Dá para parar só para tomar um cafezinho mesmo. Até porque é muito serviço, é puxado mesmo... Olha é cansativo, mas ao mesmo tempo eu penso que experiência que estou adquirindo. Assuntos novos, coisas novas... [...] (egresso 8/empregado/escola técnica privada)

[...] Quando precisa faço hora extra, depende. Às vezes chega um cliente lá na sexta-feira pedindo um “*Fire*” no final do dia, que é meio complicado quatro cores, daí a gente tem que fazer de última hora, aí a gente fica. Tem os meninos que mexem com as máquinas tem que trabalhar no sábado, eu não trabalho no sábado. Mas, quando precisa faz, se não... Já presenciei conflitos no meu trabalho. Entre patrão e funcionário. É bem complicado, porque o patrão onde eu estava antes. O patrão não entende muito daquilo que a gente faz, mas acha que sabe e acaba entrando em conflito com o funcionário. A gente começava a bater boca e ele não queria nem saber na frente de cliente, de quem tivesse ele brigava contigo. Por isso, também que eu saí de lá. Porque, eu acho que a gente tem que trabalhar juntos e ser parceiros, e não chegar jogando pedras em cima de você sem saber porque, sem entender porque. E ele fazia isso, então foi onde muitas vezes a gente entra em conflito, tanto eu como os outros funcionários... [...] (egresso 3/empregada/escola técnica pública)

[...] Na verdade, por enquanto eu não tenho carteira assinada. Esse mês acaba, no caso foi um contrato de estágio pela universidade... Eu ganho salário que está no contrato. Já foi conversado, mas eu fiz isso para aliviar o lado da empresa... Não recebi nenhum treinamento da empresa. No caso quando eu entrei e eu respondi o que sabia fazer, e meu patrão foi me dando o que eu podia fazer. Sempre que sobrava um tempinho, eu estava olhando outras partes para aprender a fazer... Tem mudanças no meu trabalho. Estamos aprendendo novas linguagens e desenvolvimento. Estamos vendo um monte de coisas. Tudo nós que buscamos... Trabalho 8 horas por dia. Das oito ao meio dia, da uma às seis... Meu trabalho é corrido. Temos bastante serviço, bastante coisa. Estamos desenvolvendo um sistema novo, então está bem corrido. Se eu ficar direto na frente do computador é chato,

³⁴ Não nos admira que o jovem Marx (2006), na obra “Sobre o suicídio”, já relatou o desespero de um homem, pai de família, que ao perder seu emprego de guarda na casa do rei e buscando sem êxito reingressar no mercado de trabalho, cai em um profundo desânimo e se mata. O desemprego como justificativa de suicídio já aparecia em uma tabela anual nas pesquisas de um ex-arquivista policial em Paris no ano de 1824, analisado por Marx.

cansativo. Mas, se o patrão chega e você não está trabalhando, fica chato. Eu gosto de estar sempre fazendo alguma coisa... [...] (egresso 6/empregado/escola técnica pública)

[...] Trabalho na minha área de formação... No começo de 2006, só me formei, eu já comecei a trabalhar aqui... Não tenho carteira assinada. Agora eu sou bolsista da universidade. Antes, eu era estagiária da escola técnica privada, como eu comecei a fazer faculdade aqui, eles me deixaram de bolsista... Não recebi nenhum treinamento da empresa. Fui vendo os outros colegas e eles vão ensinando. Os mais velhos, vão passando para os mais novos... Como estagiária já houve atrasos no pagamento, como bolsista não. Porque, já vem descontado no boleto, todo dia 1º já vem certinho... Não investem em cursos para nós... Podemos fazer cursos. Ela faz um curso terças e quintas e eles liberaram para fazer esse curso... Não sei na área de informática encontraria outro emprego como esse. Acho que conseguiria, não seria assim tão fácil. Não seria mais como estagiária. [...] (egresso 2/empregada/escola técnica privada)

Ou seja, o fato de estarem trabalhando em sua área de formação não garante aos jovens técnicos em informática condições dignas de trabalho, nem mesmo os direitos básicos de um trabalhador, como a carteira assinada.

2.5 Salários na área de informática

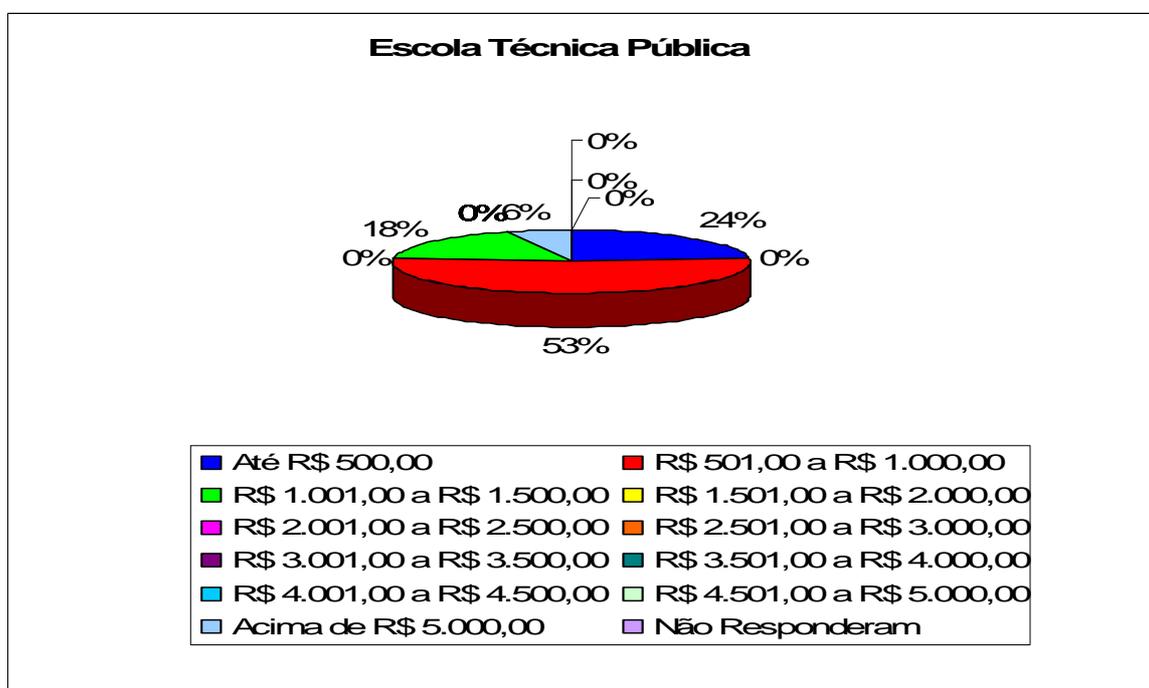
A disputa de forças entre empregador e empregado, o aumento da precariedade do trabalho e da flexibilização imposta pelas empresas através de regras traz inserido um aumento da instabilidade dos rendimentos do trabalhador e do fracasso de garantias sociais. Vasapollo (2006, p 53) enfatiza que “o trabalhador é abandonado diante de um empresário com o qual ele tem de negociar seu salário e o tempo que vai dedicar ao trabalho”. Marx (1993, p 101) categoriza o salário como “determinado pela luta amarga entre o capitalista e o trabalhador.” Pois, como foi analisado, a força de trabalho do trabalhador tornou-se uma mercadoria, em que além de depender diretamente do interesse da classe dominante para comprá-la, ainda tem que se submeter à lei da oferta e da procura, como bem Marx explica, (1993, p 102), “se a oferta excede a procura, um dos elementos que entram o preço – lucro, renda da terra, salários – será pago abaixo do seu *valor*”. E enfatiza que:

Para o trabalhador, portanto, a separação do capital, da renda da terra e do trabalho é fatal. A mais baixa e a única necessária tabela de salários é aquela que provê à subsistência do trabalhador durante o trabalho e a um suplemento adequado para criar a família a fim de que a raça dos trabalhadores não se extinga. Segundo

Smith, o salário normal é o mais baixo que for compatível com a *simplé humanité*, isto é, com uma existência bestial. (MARX, 1993, p 101).

Assim, o salário³⁵ serve somente para manter a subsistência do trabalhador fazendo com que ele se subjugue ao capital, pois a única forma do trabalhador participar da riqueza material dessa sociedade é na venda compulsória da sua força de trabalho inserida nas relações de produção. O salário é o valor da força de trabalho explorado pela classe dominante e “*os preços do trabalho são muito mais estáveis que os preços dos meios de subsistência*” (MARX, 1993, p 103). Assim, em nossa pesquisa indagamos sobre o valor da força de trabalho dos técnicos de informática na região de Criciúma e nas primeiras informações recebidas por *e-mail* constatamos que a média salarial dos técnicos egressos da escola técnica privada é maior que os egressos da escola técnica pública. Podemos observar nos gráficos abaixo a distribuição do salário:

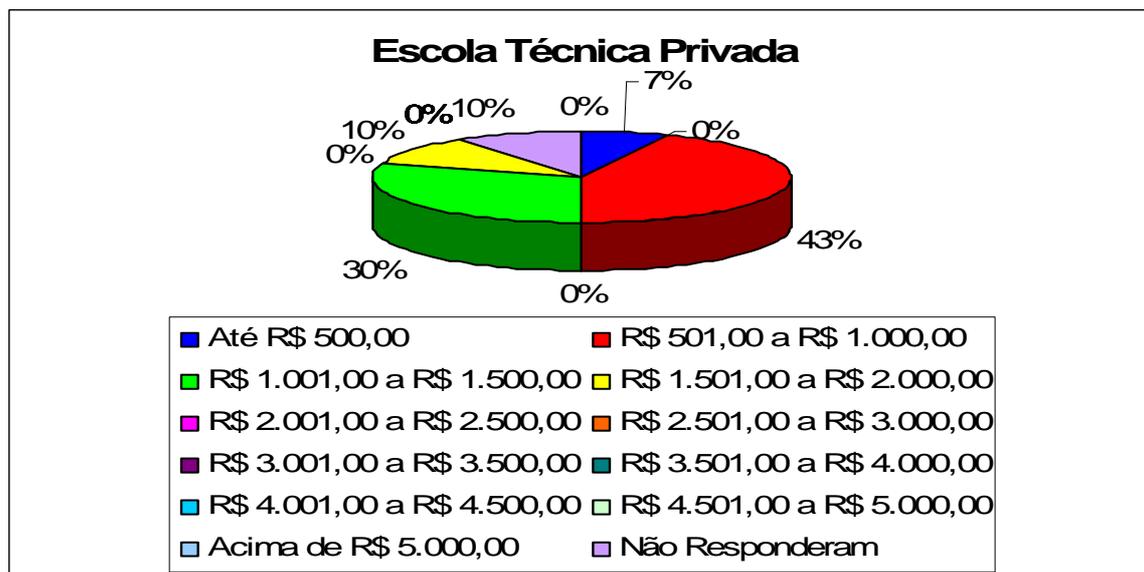
Gráfico 2: Distribuição dos estudantes egressos pesquisados da escola técnica pública de acordo com sua renda mensal.



Fonte: Elaborada pela autora

³⁵ O salário mínimo no Brasil é de R\$ 465,00, determinado pela medida provisória nº 456, de 30 de janeiro de 2009. Esta pode ser encontrada no endereço eletrônico http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Mpv/456.htm acessado por nós em 21/08/09.

Grafico 3: Distribuição dos estudantes egressos pesquisados da escola técnica privada de acordo com sua renda mensal.



Fonte: Elaborada pela autora

Nas entrevistas os técnicos que estudaram na escola pública nos explicaram sobre o salário na região e confirmaram que a média salarial é baixa, sendo que mereciam ganhar mais pelo que fazem:

[...] Olha em média em torno de 600,00 ou 800,00, se não me engano esta por isso aí. E hoje tem bastante técnico em informática acaba barateando o serviço. Qualquer curso de informática tem bastante gente fazendo. Então, tem bastante gente aprendendo como é que mexe, acha o problema, resolve. Aqui está meio saturado de pessoas... [...] (egresso 2/escola técnica pública/empregado)

[...] Meu salário está mais ou menos. Na região é baixo, tem algumas empresas que pagam um pouco mais, mas é baixo... Não existe benefício... Tenho vale transporte... Não, nunca aconteceu de atrasar salário... Sim, considero meu trabalho importante... Acho que sim, merecia ganhar mais por isso... Não, a empresa não investe em mim. Isso é mais por conta... [...] (egresso 7/escola técnica pública/ empregado)

[...] Está dentro do que o pessoal recebe aqui nas outras empresas... Vale transporte. Vale refeição não. Porque, geralmente eu estou lá em Urussanga e lá a empresa tem refeitório próprio, porque fica longe dos restaurantes e daí lá eu não pago a refeição, quem paga é a empresa onde eu trabalho. O vale refeição não é tão complicado porque eu fico pouco aqui em Criciúma. Poucos dias só... Meu trabalho é bastante importante. Talvez agora meu salário esteja assim, porque estão trabalhando com poucos funcionários lá, então eu acabei assumindo vários clientes e trabalhando sozinho com esses clientes. Então, eu mereço um pouco mais... [...] (egresso 9/escola técnica pública/ empregado)

No entanto, os relatos dos egressos da escola técnica privada também explicitaram a desvalorização salarial da categoria:

[...] Eles descontam no boleto. Eu ganho 418,00 reais e ainda pago o restante que falta da faculdade. A mensalidade da faculdade é mais que a bolsa que eu ganho...
[...] (egresso 2/escola técnica privada/ empregada)

[...] Pela nossa região sul na questão tecnológica, eu acho que no desenvolvimento eles não pagam tão bem como na região norte. Blumenau, Joinville, Florianópolis... Lá o salário é maior. Por exemplo, aqui se ganhar mil reais, lá vai ganhar dois, dois mil e cem, para o mesmo cargo. Lá é um pólo industrial maior, tem mais valorização profissional, é mais forte na questão de tecnologia da informação mesmo... Só comissões de acordo com o número de horas que fizemos, a pontuação de manutenção, consultoria com os clientes uma porcentagem que recebemos por mês... Sim, considero meu trabalho importante... No trabalho hoje assim, em questão de serviço eu merecia sim um pouco mais. Às vezes, chega ser esgotante. Merecia um pouco mais sim... Não tenho vale transporte e nem refeição... Não tive atrasos no meu pagamento.... [...] (egresso 8/escola técnica privada/empregado)

[...] Eu acredito que meu salário é médio. Não é bem bom. Mas, é um salário que dá para passar tranquilamente... Não tem benefícios... Eu tenho boa parte do vale transporte e ganho vale alimentação... Considero meu trabalho importante... Eu acredito que sim, merecia uma remuneração maior. Porque, muitas coisas a gente com o passar do tempo, com o que a gente vai adquirindo, muitas informações que talvez eu sei, muitas pessoas não sabem os procedimentos. [...] (egresso 9/escola técnica privada/empregada)

Aparecem no trabalho e no valor pago, a força de trabalho explorada pelo capitalista todas as diferenças culturais, sociais e individuais dos trabalhadores, contudo o capital mantém seu rendimento e seu lucro ignorando as necessidades reais desses desfavorecidos. Marx (1993, p 103), salienta que “o trabalhador não tem apenas de lutar pelos meios físicos de subsistência; deve ainda lutar por alcançar trabalho, isto é, pela possibilidade e pelos meios de realizar sua atividade.” Porém, a lógica neoliberal é cruel e desestabilizadora, pois quanto mais o trabalhador luta para aumentar seu salário, mais precisa abrir mão do seu tempo livre e se submeter a um emprego humilhante que torna sua liberdade alienada e o escraviza cada vez mais nas mãos dos capitalistas.

2.6 Jornada de trabalho na área de informática

Ao necessitar diminuir seu tempo livre o trabalhador abre precedentes para as empresas intensificarem a duração de sua jornada de trabalho, aumentando ainda mais o tempo que o trabalho consome na vida do trabalhador. Marx (2004, p 269) definiu “O valor da força de trabalho, como o de qualquer outra mercadoria, se determina pelo tempo de trabalho necessário para produzi-la” Ele diz que a força de trabalho é uma grandeza variável e considerada em si mesma, torna-se indeterminável. Porém, tem certos limites. Ele explica:

O capitalista compra a força de trabalho pelo valor diário. Seu valor-de-uso lhe pertence durante a jornada de trabalho. Obtém, portanto, o direito de fazer o trabalhador trabalhar para ele durante um dia de trabalho. Mas que é um dia de trabalho? Será menor do que um dia natural da vida. Menor de quanto? O capitalista tem seu próprio ponto de vista sobre esse extremo, a fronteira necessária da jornada de trabalho. Como capitalista, apenas personifica o capital. Sua alma é a alma do capital. Mas o capital tem seu próprio impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, com os meios de produção, a maior quantidade de excedente. O capital é trabalho morto que, como vampiro, se reanima sugando o trabalho vivo, e, quanto mais o suga, mais forte se torna. O tempo em que o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou. Se o trabalhador consome em seu proveito o tempo que tem disponível, furta o capitalista. O capitalista apóia-se na lei da troca de mercadorias. Como qualquer outro comprador, procura extrair o maior proveito possível do valor-de-uso de sua mercadoria (MARX, 2004, p 271).

A interferência no tempo livre do trabalhador definindo a quantidade de tempo que este dedica à atividade econômica também foi analisada em nossa pesquisa. Todas as empresas entrevistadas afirmaram que seus técnicos em informática realizam hora-extra, não ocorrendo nenhuma discussão ou oposição por parte destes em executá-la. As empresas argumentaram:

Só existem bonificações. Se a gente vê que o funcionário desempenha bem suas funções durante o mês ou fez além do que é do serviço dele, a gente trabalha com hora extra. O horário é das oito ao meio-dia, da uma e meia às seis...Se o técnico está no cliente e o cliente depende daquilo, deu seis horas, o que vai fazer? Alguns técnicos vão virar as costas e vão embora, alguns técnicos não. Alguns técnicos vão resolver e depois vamos investir em alguma qualificação para eles. Nunca precisou ficar até tarde muito, ficam uns quinze, trinta minutos... (Gerente de Empresa de Automação Industrial)

É por horas mensais mesmo, 220 horas, agora não me vem a mente. Mas é o padrão, é mensal mesmo. Por horas trabalhadas, 8h por dia, 22h por semana... 8h de jornada dos funcionários. Das oito da manhã ao meio-dia, da uma e doze às 18h... Bastante, bastante necessário fazer hora extra... A gente trabalha com banco de horas. O técnico ele cria um banco de horas depois, a gente troca. Se ele quiser tirar uma folga, se ele quiser ficar em casa dormindo, ele fica... É bastante difícil a gente ter uma limitação, porque a maioria dos serviços críticos a gente tem que fazer nas empresas depois das 18h. A empresa não para o chão de fábrica, os servidores ficam tocando a empresa lá. Muitas vezes têm que trabalhar depois da meia-noite, geralmente empresas de cerâmica, né! Ela dá uma parada depois da meia-noite. Aí você tem que mandar o técnico depois da meia-noite, aí é a hora além da hora extra mais 50%, uma coisa assim. Então, ele bate o cartão e tal, no início e no fim. O sistema gera banco de horas, mas não têm limite, não tem limites... Sim, não pode chegar "eu tenho quinze dias para tirar". Não tiraria, porque aí complica bastante. Acumula muito equipamento na entrada, o pessoal não consegue cobrir isso e acaba complicando. Geralmente assim uma semana, aí trabalha mais uma, pega outra semana... Geralmente nos períodos mais sossegados. Assim de dezembro a abril... (Gerente de Empresa de Informática I).

Remuneração é fixa mensal, folha de pagamento normal... Sim, é necessário fazer hora extra. Tanto no desenvolvimento, como na área de suporte técnico... Tem horas que são remuneradas, tem horas que são pagas em folgas. Conforme, o trabalho, a gente sempre procura colocar antes para eles. As horas extras de viagens são pagas sempre. Até, quando tem um trabalho extra, a gente conversa antes. Às vezes, trabalham em feriado e folgamos depois. É maleável, a gente trabalha das duas formas.

Pagamento de horas extras e troca em folgas também... Trabalham das oito ao meio dia, depois das uma e meia á seis e dezoito (Gerente de Empresa de Informática II).

Evidentemente que com o excedente de técnicos em informática na região os trabalhadores da área preferem se submeter a esse tipo de exploração do que arriscar a perder seus empregos.

2.7 Repercussões das condições de trabalho na saúde dos técnicos em informática

Outro aspecto importante a ser analisado dentro da voracidade que o capitalismo exprime sobre o trabalhador é o objetivo da intensa extração da mais-valia que acarreta em fortes impactos sobre sua saúde nos aspectos físicos, emocionais e mentais. É fato que se os trabalhadores esperarem por uma intervenção do Estado, eles morrerão com as doenças desenvolvidas no trabalho e sem nenhum tipo de assistência. Desta forma, entrevistamos a Associação de Defesa dos Vitimados pelo Trabalho – ADVT³⁶ no município de Criciúma, que surgiu há 4 anos com objetivo de lidar exclusivamente com a questão de saúde do trabalhador buscando ir além das lutas efetuadas pelos sindicatos da região. A Associação auxilia gratuitamente na prevenção de doenças ou acidentes orientando o trabalhador e se este já está com problemas de saúde, tenta dar assistência ajudando na busca dos seus direitos principalmente sobre Previdência Social. Contudo, lutam pela manutenção do salário do trabalhador, pelo direito destes de se afastarem da empresa para realizar tratamento de saúde, vão às portas das fábricas conversar com os trabalhadores, panfletando e repassando informações sobre a legislação trabalhista.

Sobre os técnicos em informática, Associação de Defesa dos Vitimados pelo Trabalho - ADVT alega que é uma profissão que se depara com a informalidade, porque são profissionais que muitas vezes saem dos cursos de informática e acabam trabalhando na ilegalidade, sem carteira assinada. Todavia, ocorre que ainda tendo carteira assinada, o que consta não é o trabalho que eles exercem, por exemplo, as empresas registram como assistente administrativo, enquanto realizam o trabalho de técnicos. Este é outro problema para a própria associação e para os sindicatos, pois os profissionais da área de informática que legalmente estão “desviados” de sua função ao adquirirem uma lesão por esforço repetitivo, por exemplo, acabam adoecendo e não geram dados estatísticos nessa categoria específica. Desta forma,

³⁶ ADVT é mantida por 12 entidades sindicais da região de Criciúma, sem cobrar valor a mais dos trabalhadores pelos seus serviços. Atualmente, ela consta com 640 associados na região da AMREC, AMUREL e AMESC.

não há como fazer uma previsão exata de técnicos de informática que adoecem por causa do trabalho nos próprios órgãos competentes, como Centro de Referência de Saúde do Trabalhador-CEREST, pois não está ali registrado.

Durante a pesquisa de campo, os estudantes egressos dos cursos técnicos em informática reclamaram de doenças como tendinite, lesão por esforço repetitivo, esgotamento mental e estresse. Talvez por serem jovens, estes não dão a devida atenção ao problema e não vão ao médico. A maioria alega que só procuram descansar em seu restrito tempo livre ou se automedicam, sem terem a real noção do que essa atitude pode acarretar para sua vida profissional ou pessoal. É comum entre trabalhadores que esses problemas de saúde mal diagnosticados e tratados, se acumulem e acabam retornando de forma mais severa com o decorrer do tempo, podendo até invalidar sua capacidade de produção.

2.8 As dificuldades na organização sindical

O mais agravante é que diante desses problemas a categoria não tem um coletivo organizado na área técnica em informática no extremo sul catarinense. Foi muito difícil localizar o sindicato que dá certo respaldo para aos profissionais da área na região de Criciúma-SC e mesmo assim este só é procurado pelos técnicos para cumprir exigências legais. Nas entrevistas efetuadas com 24 egressos de ambas as escolas técnicas aqui pesquisadas, somente 2 disseram ter algum vínculo sindical. Os demais, não souberam nos informar se existe sindicato representativo da área de informática na região, se ocorreu algum tipo de intervenção sindical ou se teve algum benefício conquistado pela categoria. Segue seus depoimentos:

[...] Sindicato? Para mim não diz nada. É só nome. Eu não vejo eles fazerem nada... Não sei de nenhum benefício do sindicato... É o sindicato pela gráfica. Eu não sei onde é que fica, porque eu não consegui ir... Não, nenhum vínculo... Não sei nem o nome. [...] (egresso 3/escola técnica pública/empregada)

[...] O sindicato não influencia muito. Não sei de nenhum benefício, não sei onde é, só paga. Eu sei que nós temos porque vem descontado na folha, porque se não... Pago, mas... [...] (egresso 5/escola técnica pública/empregado)

[...] Sou sindicalizada... Sindicato, pela palavra, seria um órgão competente para lutar pelos seus direitos. Resumidamente é isso que me lembra. Se é o que acontece? Às vezes sim, às vezes não. Agora, que estou iniciando na área mesmo de carteira assinada, antes era só estágio... Não sei onde fica o sindicato aqui em Criciúma. Nem na área de informática, nem na área de secretariado. [...] (egresso 1/ escola técnica privada/empregada).

[...] É um grupo onde você vai reivindicar seus direitos, melhorias... Não. Não sei se tem. Nunca tinha pensado nisso também, agora fiquei curioso. A gente não pensa em sindicato, vê bastante o sindicato dos mineiros, mas de técnico de informática não. Talvez, porque o trabalho é estressante, mas no fim acaba sendo agradável porque tem contato com pessoas e a gente não pensou em buscar um direito que não tem aqui. [...] (egresso 4/escola técnica privada/empregado)

[...] Eu só tenho contato por e-mail com o sindicato... Eu não sei te dizer onde é o sindicato. Só sei pelo e-mail mesmo, se tiver alguma dúvida... Representa todos os direitos dos técnicos, se precisar de alguma coisa, algum problema que é relativo aos sindicatos, os funcionários seria para defender não só os direitos, porque também tem os deveres. Mas, se cada um vai precisar... Não, nunca precisei de benefício do sindicato. [...] (egresso 6/escola técnica privada/empregado)

[...] O pai falava bastante do sindicato dos trabalhadores, mas eu não tenho a mínima idéia... Na verdade do sindicato dos mineiros ele falava bastante. Sempre que precisava de ajuda, alguma coisa, ele sempre ia ao sindicato para rever a documentação ou alguma coisa que queria... Sim, se precisava de um exame médico, alguma coisa, ele ia e conseguia. Mas, o sindicato dos trabalhadores eu nunca... Não sei onde fica o sindicato dos técnicos em informática. Sei onde é o dos mineiros por causa do meu pai, mas fora isso não...Nunca corri atrás, também nunca precisei... Eu não sei se sou sindicalizado. Acho que não, pelo menos nessa não... Não, não, eu não! Pelo menos um sindicato de informática aqui eu nunca ouvi falar. Sindicato dos trabalhadores eu sei que tem, a gente ouve falar, mas eu nunca cheguei perto. Agora, para área de informática eu nunca ouvi nada. Eu diria até que na área de informática é uma coisa meio solta.. (egresso 7/ escola técnica privada/empregado)

[...] Eu sei, mas não sei expressar o que é um sindicato... Uma vez falavam bastante, agora a gente não comenta mais sobre o sindicato. Meu pai era mineiro e a gente ouvia falar o que o sindicato promovia algumas coisas que tinha que funcionar de determinadas formas e não funcionavam e o sindicato entrava em ação. De acordo, que ia beneficiar tanto a empresa, como os próprios funcionários... Da nossa empresa, ele fica em cima do cartório, SINDASPI... Não sei se sou sindicalizada. Acredito que não... Não sei de nenhum benefício. [...] (egresso 9/escola técnica privada/empregada)

[...] Não lembra nada o sindicato. Na verdade o sindicato serviria para te auxiliar, ajudar... Mas, no meu caso não me ajudou em nada. [...] (egresso 12/escola técnica privada/desempregado)

[...] Sindicato me lembra luta pelo trabalhador... Quando eu trabalhava não era sindicalizado... Não sei se existe sindicato na minha área. Existe?... Não sei de nenhum benefício. [...] (egresso 13/escola técnica privada/desempregado)

Esses depoimentos ressaltam a falta de conhecimento existente entre os jovens trabalhadores pesquisados sobre esta organização e que não está fora de um movimento mais amplo de “desmobilização” ou de organizações que, estão ou são braços do governo, expressando assim a gritante crise atual do sindicalismo na conjuntura atual. Esta crise, como sabemos vai além do caráter conjuntural, é uma crise profunda e de caráter estrutural que enfraquece os movimentos políticos e sociais manifestando-se no plano material de reestruturação que ocorre dentro das indústrias, fazendo com que os sindicatos caminhem para uma luta desgastante somente para manter de forma defensiva as vantagens conquistadas ao longo da história. Segundo Alves (2003), os sindicatos se organizam de forma inadequada

para enfrentar os novos processos sociais do capital e, para o autor Marx, critica essa atuação sindical apontando seus limites, explicando que “a crítica de Marx é a crítica da *forma-sindicato*, que tende manter-se, por sua própria natureza, no interior do círculo de domínio do capital” (ALVES, 2003, p 341), concluindo que Marx:

[...] implicava transformar os velhos sindicatos em uniões de operários que organizassem os trabalhadores assalariados-empregados e desempregados, não apenas enquanto vendedores reais ou virtuais, da mercadoria-força de trabalho, mas sim como indivíduos-produtores, potenciais criadores de uma nova sociedade, sem explorados e exploradores. [...]

Entretanto, diante de uma crise econômico-social sem precedentes em toda esfera mundial o sindicato precisa ir além de uma postura defensiva que o submete a lógica do capital. Antunes (2002), analisou sobre a crise e os desafios do sindicalismo pontuando uma crescente individualização das relações de trabalho; a desregulamentação e flexibilização do mercado de trabalho que atinge as conquistas históricas do movimento sindical; o esgotamento dos modelos sindicais vigentes nos países avançados que optaram pelo *sindicalismo de participação*; a *burocratização* e *institucionalização* das entidades sindicais; e um clima de adversidade e hostilidade contra a esquerda, sindicalismo combativo e movimentos sociais com aspiração socialista.

Tentando entender o movimento sindical na área de informática buscamos a única instituição que representa os técnicos indicados durante nossa pesquisa, o Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Assessoramento, Perícia, Pesquisa e Informações de Santa Catarina – SINDASPI. Este sindicato tem uma média de 1800 associados de diversas áreas profissionais, alegando que o número de participantes já foi maior. No seu histórico de lutas consta uma reclamatória trabalhista efetuada há 12 anos atrás contra uma determinada empresa de Desenvolvidos e Sistemas, exigindo a representatividade do segmento de informática na região de Criciúma. Desde então, as conquistas estão ocorrendo via convenção coletiva não especificamente para este segmento, porque a categoria do SINDASPI é uma categoria conexas e similar, que representa vários profissionais.

A assistente administrativa do SINDASPI afirmou que são poucas as formas atuais de resistência dos trabalhadores à exploração capitalista, pois muitos não têm consciência dos seus direitos e outros não se manifestam por medo de perderem o emprego ou sofrerem algum tipo de discriminação por parte das empresas. Ela também alegou que não há solidariedade entre os trabalhadores em relação ao sindicato, principalmente ao definirem o valor da contribuição sindical, porque estes pensam que a instituição recebe verba do Estado.

O SINDASPI atua em movimentos populares, representam a consulta popular, trabalham com MST, com a Via Campesina, também com a ADVT na prevenção e orientação da saúde do trabalhador na região sul.

Além de todos os problemas que o SINDASPI enfrenta diariamente para manter seu funcionamento, a assistente administrativa nos relatou que tem grande preocupação de preparar jovens lideranças para continuarem o trabalho sindical, pois atualmente eles estão com 7 coordenadores estaduais, 3 conselheiros fiscais e 1 suplente de conselho fiscal. Números insuficientes para a demanda em todo o estado de Santa Catarina e com probabilidade de diminuição, caso não haja pessoas mais jovens que se interessem em aderir à luta pelos direitos desses trabalhadores, e principalmente por aqueles que estão em situação de subemprego e desemprego estrutural em nossa sociedade.

Uma das razões desses jovens se absterem da luta pela organização de um espaço coletivo poderia ser a formação política baseada na ideologia pós-moderna, que traz como consequência dificuldades para realizar e estabelecer outras análises sobre o mercado de trabalho e a educação, onde cada indivíduo deve cuidar e se preocupar com suas condições, não fazendo sentido ter preocupações coletivas. E em nosso caso, baseada nas categorias que fundamentam a realidade dos técnicos em informática em nível médio na região de Criciúma-SC. O regime que cada vez mais se intensifica nessa realidade é de acumulação flexível, que segundo Kuenzer (2002, p 77), “ao aprofundar as diferenças de classe, aprofunda a dualidade estrutural como expressão, cada vez mais contemporânea, da polarização das competências.” Para a autora, existem várias formas de este sistema capitalista excluir o trabalhador do mercado formal de trabalho, fazendo com que estes sejam desempregados e reempregados de forma precária, sem seus direitos garantidos. Ela denomina esse processo como *exclusão incluyente*, onde o trabalhador aceita trabalhar por salários mais baixos, prestando serviços informalmente ou por meio de empresas terceirizadas.

Outro processo inerente ao sistema é o que Kuenzer (2002) denomina de *inclusão excluyente*, a qual há uma necessidade histórica de exigir o aumento dos níveis de escolaridade dos trabalhadores, fazendo com que eles sejam capazes de responderem a demanda da sociedade neoliberal substituindo a educação básica por uma apressada formação profissional ou buscam intensamente pela “certificação vazia”. Como vimos em uma das empresas pesquisadas que expõem os certificados de seus funcionários garantindo assim, força de trabalho técnica e disciplinada. Visto que, muitos desses trabalhadores pesquisados trabalham em serviços que não utilizam essa escolaridade e nem são remunerados por tê-la. Reafirmando Kuenzer (2002, p 93), que “a expressão pedagógica deste princípio se dá através

da pedagogia das competências com suas categorias que demandam estudos aprofundados para que se elucidem seus propósitos e seus mecanismos enquanto nova pedagogia a serviço do capital.”

Neste próximo capítulo as análises seguem sobre os índices de desemprego na realidade mundial, na sociedade brasileira e especificamente na região sul de Santa Catarina, foco de nossa pesquisa. Após, ressaltamos uma análise da ideologia neoliberal difundida em relação a tecnologia na sociedade atual e seu papel na educação. E, refletimos sobre a educação profissional e as possibilidades de formarmos indivíduos para emancipação humana.

3 OS JOVENS TÉCNICOS EM INFORMÁTICA DE NÍVEL MÉDIO DESEMPREGADOS

Contra os excluídos, a batalha ruga. Decididamente, eles ocupam muito lugar. Já dizíamos mais atrás: eles ainda não foram excluídos o bastante. Eles irritam.

Viviane Forrester

Neste capítulo nossas análises se pautam em índices sobre o número de empregados e desempregados na sociedade atual divulgados pela Organização Internacional do Trabalho-OIT, pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos-DIEESE, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE e pela Cadastro Geral de Empregados e Desempregados-CAGED. Na tentativa de desvelarmos o impacto da crise política e econômica nas condições de vida dos trabalhadores, seus problemas para conseguirem sobreviver dignamente e relacionando com as dificuldades que os jovens técnicos em informática que constam nessa pesquisa estão enfrentando diante de uma realidade tão desigual.

Prosseguimos com uma reflexão sobre a formação profissional desses jovens da área de informática, pontuando sobre a mistificação da *sociedade tecnológica* e a falsa idéia de que um curso profissionalizante ligado diretamente a tecnologia facilitaria o momento destes técnicos se inserirem no mercado de trabalho capitalista. E finalizamos com uma tentativa de explanar sobre as expectativas dos egressos diante de um futuro profissional incerto, relacionando categorias educacionais que devem ser transformadas para uma formação emancipadora e revolucionária, buscando a superação *para além do capital*.

3.1 Os índices do impacto da crise financeira no mercado de trabalho na sociedade capitalista atual

Analisamos o relatório sobre Tendências Mundiais do Emprego³⁷ divulgado em janeiro de 2009 com atualizações da Organização Internacional do Trabalho-OIT e avaliamos o impacto da crise financeira mundial e o baixo crescimento econômico na sociedade atual que reflete em um aumento no desemprego, na pobreza de trabalho digno, subemprego, vulnerabilidade do mercado de trabalho e queda da produtividade da força de trabalho. O relatório diz que a crise financeira global provocou umas das maiores recessões da história

³⁷ <http://www.ilo.org/public/english/employment/strat/global.htm> dados acessados em 31/08/09.

dos países industrializados, fazendo com que as empresas demitissem um enorme número de trabalhadores e paralisassem as contratações. A estimativa é que durante todo o ano de 2009 o desemprego global estará em um intervalo de 210 a 239 milhões, um aumento de 39 a 59 milhões desde o ano de 2007. Isso corresponde à taxa de desemprego global de 6,5 e 7,4 %, respectivamente. Segundo o relatório, o valor final dependerá da eficácia dos gastos com impostos decididos pelos governos e pelo desempenho do setor financeiro.

Isso acarreta em uma luta intensa pela sobrevivência e o aumento do custo de vida na sociedade capitalista leva ao crescimento do número de trabalhadores cada vez mais pobres. A indicação é que a produção global por trabalhador produtivo e ativo tende a diminuir entre 1,3% e 2,3% em 2009, e dada a forte ligação entre a produtividade dos trabalhadores e a diminuição de empregos, mais de 1,4 bilhões de trabalhadores estarão vivendo abaixo da linha da pobreza. Estes trabalhadores sobrevivem com apenas 2 dólares por dia e esse índice aumentará em mais de 200 milhões de pessoas pobres, desde o ano de 2007. Também inclui o aumento potencial e alarmante de subemprego na inerente crise capitalista. A estimativa é que metade da força de trabalho mundial enfrenta diariamente diferentes formas de desumanidade e desigualdade de exploração no seu ambiente de trabalho, sendo 7 vezes mais subempregados do que o número de trabalhadores desempregados neste ano de 2009. O relatório da OIT³⁸ destaca que 2009 registra o pior resultado até agora em termos de criação de emprego em todo o mundo. O relatório enfatiza que a força de trabalho mundial está se expandindo a uma taxa média de 1,6 %, o que equivale à cerca de 45 milhões de pessoas no mercado de trabalho anualmente, enquanto o crescimento do emprego global caiu para 1,4% em 2008 e espera-se novo decréscimo em 2009, situando-se entre 0 e 1%. A OIT também afirmou que pretende criar cerca de 300 milhões de empregos entre 2009 e 2015³⁹,

³⁸http://www.ilo.org/global/About_the_ILO/Media_and_public_information/Press_releases/lang-es/WCMS_106527/index.htm dados acessados em 31/08/09.

³⁹ Em economias desenvolvidas e na União Européia é esperado um total de contratos de emprego para 2009 de 1,3% a 2,7 %. Na região é provável que apresentem entre 35% e 40 % do aumento total do desemprego mundial, enquanto que representem menos de 16 % da força de trabalho total em todo o mundo; Na Europa central, no sul da Europa e países da Comunidade dos Estados Independentes, o número de desempregados poderá aumentar em até 35 % em 2009. Espera-se que o emprego total seja reduzido entre 1 e 2,8 %; No leste da Ásia, estima-se que, no início da crise, havia 267 milhões de pessoas, representando mais de um terço dos trabalhadores que vivem com menos de dois dólares por dia. Há também cerca de 12 vezes mais pessoas com empregos vulneráveis e desempregados; No sudeste da Ásia e do Pacífico, é esperado um aumento bastante alto na taxa de desemprego, enquanto os trabalhadores de empresas exportadoras e outras indústrias têm sido duramente afetados; No sul da Ásia, o desemprego tende se aproximar de 5 %, apesar de cerca de 15 vezes mais trabalhadores com empregos vulneráveis. Espera-se que o número de trabalhadores que vivem com menos de dois dólares por dia aumentem em 58 milhões entre 2007 e 2009; Na América Latina, estipula-se que a taxa de desemprego aumentou de 7,1 por cento em 2007 para 8,4 e 9, 2 % em 2009; A OIT estima um crescimento do desemprego no Oriente Médio até 25 % em 2009 comparativamente a 2007 e 13 % para o Norte de África no mesmo período. Cerca de 1 em cada 3 trabalhadores nessas duas regiões tem um trabalho vulnerável. Esta

apenas para tentar absorver o crescimento da força de trabalho durante este período. A crise também atinge duramente os jovens. Espera-se que o número de jovens desempregados aumente de 11.6 para 17.7 milhões entre 2008 e 2009, a taxa de desemprego entre estes aumentará cerca de 12,2 % em 2008 para 14,1 e 15,1% em 2009. Tumolo (2005, P254) analisa que o desemprego é um dos *lados da mesma moeda*, juntamente com o arrocho salarial dos trabalhadores. Pois, em sua *relação umbilical e orgânica*, destrói a força de trabalho necessária para o capital e ao mesmo tempo demonstra uma das maiores contradições do seu processo de acumulação. Tumolo (2005, p 254) argumenta:

Aqui se pode vislumbrar uma das grandes contradições do processo de acumulação, pois para se produzir e reproduzir, o capital é obrigado a destruir força humana de trabalho, e ao fazê-lo destrói sua fonte de criação. Soma-se a esta contradição, numa relação também contraditória, a contradição apontada anteriormente entre o capital e os capitais privados, e constata-se, como resultado desta equação, que o capital produz sua vida com a condição de produzir sua morte.

A realidade brasileira não escapa das análises acima mencionadas. Cerca de 8.800 pessoas são demitidas diariamente⁴⁰ contando apenas com os empregos formais e com carteira assinada, pois ainda não surgiram números e levantamentos das conseqüências da crise econômica sobre os setores mais precarizados e subempregados da classe trabalhadora. Em janeiro de 2009 entre a população economicamente ativa a taxa de desemprego aumentou de 12,7% para 13,1%, total de 2,62 milhões de desempregados, baseado na Pesquisa de Emprego e Desemprego-PED⁴¹, realizado pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos-DIEESE⁴². Igualmente, de acordo com os indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE⁴³, na Pesquisa Mensal de Emprego/julho de 2009, existe 40,9 milhões de pessoas em idade ativa⁴⁴ em seis regiões metropolitanas do Brasil.

proporção deverá aumentar de 4 para 10; Na sub-saariana da África, quase 73 % dos trabalhadores da região estão em empregos vulneráveis e este valor poderá subir para mais de 77 % este ano.

⁴⁰<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/analise/8-800-demitidos-por-dia-nobrasil/?searchterm=desemprego%202009> dados acessados em 31/08/09.

⁴¹<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/nacional/desemprego-cresce-em-seis-regioes-metropolitanas-mostra-dieese/?searchterm=desemprego%202009> dados acessados em 31/08/09.

⁴² <http://www.dieese.org.br/ped/ped.xml> dados acessados em 01/09/09.

⁴³http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default.shtm dados acessados em 01/09/09.

⁴⁴ A população em idade ativa estava distribuída, segundo a faixa etária, da seguinte forma: 9,2% de 10 a 14 anos, 5,5% de 15 a 17 anos, 13,2% de 18 a 24 anos, 43,9% de 25 a 49 anos e a população de 50 anos ou mais representava 28,2%. O grupo de jovens de 16 a 24 anos representava, em julho de 2009, 16,9% da PIA.

Destas pessoas, estima-se que 23,2 milhões tem suas forças de trabalho explorada pelo capital, sendo 9,6 milhões de trabalhadores com carteira assinada no setor privado.

A População Economicamente Ativa-PEA, segundo a faixa etária, estava distribuída da seguinte forma: 2,0%, de 10 a 17 anos; 16,4%, de 18 a 24 anos; 62,1%, de 25 a 49 anos e 19,5%, de 50 anos ou mais. O grupo de jovens de 16 a 24 anos representava, em julho de 2009, 18,0% da PEA. Dentre os economicamente ativos, 46,4% eram os principais responsáveis pela família. As pessoas consideradas ocupadas⁴⁵ eram de 21,3 milhões e o contingente da população considerados desocupados⁴⁶ em o julho de 2009 teve um número de 1,9 milhões. Neste mesmo período, a taxa de desocupação foi estimada em 8,0% para o conjunto das seis regiões abrangidas pela pesquisa, apresentando estabilidade em comparação a junho (8,1%). No confronto com julho do ano passado (8,0%), a taxa também não variou.

Na região sul do Brasil, estado de Santa Catarina, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados-CAGED⁴⁷ foram criados 5.183 postos de trabalho com carteira assinada no mês de agosto de 2009. Porém, no acumulado dos últimos sete meses este é um dos piores resultados na geração de empregos formais dos últimos dez anos no estado. No total existem 1.574,7 mil empregos com carteira assinada em Santa Catarina, cerca de 11 mil abaixo do total de 1.585,7 mil empregos formais existentes em novembro do ano passado. Michels (2001, p 232), afirma, que em “Santa Catarina não ocorre, como muitos acreditam, a inexistência da miséria, o que existe é apenas sua melhor distribuição regional.” No sul

⁴⁵ A pesquisa mostrou que os homens representavam, em julho de 2009, 54,8% da população ocupada, enquanto as mulheres, 45,2%. A população de 25 a 49 anos representava 63,1% do total de ocupados. A pesquisa revelou também que o percentual de pessoas ocupadas com 11 anos ou mais de estudo era de 57,9%. Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego, 50,7% da população ocupada cumpria, em julho de 2009, uma jornada de trabalho de 40 a 44 horas semanais e cerca de 31,5% acima de 45 horas semanais. Em média, segundo os resultados da pesquisa, 67,7% dos trabalhadores nas seis regiões pesquisadas tinham aquele trabalho há pelo menos 2 anos; 12,3% há entre 1 ano a menos de 2 anos; 18,1% há entre um mês e um ano e apenas 1,9% estavam naquele trabalho há menos de 1 mês.

⁴⁶ Foram classificadas como desocupadas as pessoas que não estavam trabalhando, estavam disponíveis para trabalhar na semana de referência e tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho nos trinta dias anteriores à semana em que responderam à pesquisa. Destaca-se que entre os desocupados, segundo os conceitos da pesquisa, de acordo com o sexo, 55,2% eram mulheres. Temos, ainda, que em relação à faixa etária: 6,7% tinham até 17 anos, 35,9% tinham de 18 a 24 anos, 50,6% de 25 a 49 anos e 6,8%, 50 anos ou mais. Dentre os desocupados, 17,2% estavam em busca do primeiro trabalho e 26,2% eram os principais responsáveis pela família. Com relação ao tempo de procura: 26,5% estavam em busca de trabalho por um período não superior a 30 dias; 50,7%, por um período de 31 dias a 6 meses; 8,7%, por um período de 7 a 11 meses; e 14,2%, por um período de pelo menos 1 ano. Em julho de 2007, 49,8% dos desocupados tinham pelo menos o ensino médio concluído, em julho de 2008, 54,3% e, na última pesquisa, atingiu 56,1%.

⁴⁷ http://www.sine.sc.gov.br/uploads/julho_2009%20-%20Noticias%20Caged.pdf dados acessados em 01/09/09.

catarinense, região aqui pesquisada, os índices do Sistema Nacional de Emprego-SINE⁴⁸ mostram uma baixíssima contribuição para a criação de postos de trabalho no estado, gerando apenas 7.197 (16,9%) vagas. A microrregião que apresentou o pior saldo líquido para trabalhadores com baixa escolaridade foi o município de Criciúma, com 787 vagas eliminadas. Os trabalhadores que possuem Ensino Médio completo ainda foram os mais beneficiados no mercado de trabalho com 2.627 vagas, todavia nossa pesquisa mostra que o fato dos técnicos em informática terem formação em nível médio não lhes garantiu emprego formal de qualidade.

A média salarial da cidade de Criciúma, nos últimos doze meses (maio de 2008 a abril de 2009), foi de R\$ 706, 42. Mesmo sendo uma média irrisória para a classe trabalhadora conseguir sobreviver, foi considerado o maior salário de contratação em relação a outros municípios da região. Criciúma gerou 1.736 postos de trabalho, a maior parte no setor de Serviços e no Comércio. Na área de extração mineral, atividade econômica forte na região do extremo sul catarinense foram gerados 136 novos postos de trabalho no maior município da região, Criciúma.

3.2 A condição degradante dos jovens técnicos em informática de nível médio desempregados na sociedade atual

Pochmann (1998), que já divulgou inúmeros dados da terrível realidade na sociedade brasileira atual, salientou em suas pesquisas que há um movimento de desestruturação do mercado no Brasil. Ele define que a condição de desemprego entre os jovens que tentam se inserir no mercado de trabalho é extremamente precário e pode ser categorizado em três definições como: a situação de *desemprego decorrente*, compreendendo jovens que se ocupam em um curto espaço de tempo como autônomo, assistentes residenciais ou em um sistema de trabalho não organizado tipo de situação encontrada entre os egressos aferidos nessa pesquisa. Estes jovens precisam trabalhar mesmo tendo uma menor faixa etária e por isso aceitam *ocupações associadas à flexibilização quantitativa do mercado*; Outra definição seria a de *desemprego de reestruturação*, onde as empresas remanejaram ou extinguem determinadas cadeias produtivas, refletindo na demissão de vários trabalhadores,

⁴⁸ http://www.sine.sc.gov.br/diversas/arquivos/71_estudo_sobre_a_mesorregiao_sul_catarinense.pdf
Dados acessados em 01/09/09.

principalmente os iniciantes ou mais jovens; Por último o autor define o *desemprego por exclusão*, nos qual se destacam jovens sem formação ou até mesmo analfabetos, ficando à margem de empregos mais dignos.

Em nossa pesquisa observamos a dura realidade dos egressos que se encontram desempregados na área técnica de informática na região de Criciúma-SC. Dos 4 egressos desempregados que conseguimos localizar para a entrevista 3 conseguiram continuar sua formação no ensino superior, porém somente um deles continua estudando na área de informática. Um dos egressos desempregado da escola técnica pública estuda atualmente em um curso de gestão imobiliária, tentando garantir um futuro emprego em uma empresa da família. Durante a entrevista foi nítido o desanimo do egresso pesquisado, a falta de perspectiva diante do futuro profissional, a decepção por ter fechado sua própria empresa de informática e as incertezas do mercado de trabalho, explanando de forma desolada sobre sua real condição social. Ele nos colocou que um técnico que inicia em uma empresa atualmente tem uma média salarial de R\$ 700,00, porém os técnicos que se destacam na profissão sempre recebem propostas de empresas concorrentes e podem alcançar uma média salarial maior. Também alegou que fazia dois meses que se encontrava em situação de desemprego e que apesar de gostar da informática, estaria saturado e não pretendendo mais retornar a área. Sobre o mercado de trabalho ele pontuou:

[...] Eu estou saturado, mas o mercado também está saturado. Há dois, três anos atrás, teve uma onda de que o que todo mundo que saía do curso queria abrir informática, informática.... Mas agüentou só quem tinha amor pela profissão e eles achavam que era um negócio lucrativo e tal... É um negócio lucrativo, mas para quem gosta, não vai conseguir ficar muito tempo numa coisa que você não gosta. [...] (egresso 10 – escola técnica pública – desempregado).

Ele afirma que se identifica com a profissão, porém não compreende que isso não foi suficiente para mantê-lo no mercado de trabalho. O processo de ingresso e conservação do emprego na sociedade capitalista demonstra ser muito mais complexo e contraditório no atual cenário. No entanto, com os egressos da escola técnica privada a situação não difere e nem é amenizada. Um dos egressos entrevistados se encontrava desempregado há 4 meses, outro há 2 meses e uma jovem já estava a mais de 6 meses sem emprego. Um deles nos colocou:

[...] O mercado de trabalho esta saturado realmente, eles não te valorizam. Outro ponto, não existe mais diferença de um técnico para um bacharel com curso superior, em termos de salário. A faixa de salário hoje é de 700,00 reais no mercado. Eu estou quase me formando para oferecerem isso para eu trabalhar. O cara que sair da escola técnica privada vai começar ganhando 400, 00 ou 500,00 reais e em poucos meses já vai estar ganhando o que eu estou ganhando com a faculdade na mão. Se eu pudesse voltar no tempo hoje, eu não faria uma faculdade. Não faria hoje

por essa questão. Talvez faria em outra área, mas não na área de tecnologia. Faria em Administração. Hoje a informática esta ligada a qualquer área, advocacia, saúde, administrativa... A tecnologia hoje está em qualquer lugar. Levando em consideração que vou investir quase 25 mil no curso de graduação, quase o preço do meu carro, para eu tirar 25 mil hoje vai demorar 8 ou 10 anos. [...] (egresso 12 – escola técnica privada - desempregado)

A continuação no processo de formação é outro ponto preocupante para os jovens pesquisados, tanto para os empregados, como para os desempregados. Apesar da imensa dificuldade e mesmo não existindo universidade pública e gratuita na região que ofereça cursos superiores na área de tecnologia, encontramos durante nossa pesquisa 84% dos egressos da escola técnica pública que desejariam cursar o ensino superior e 80% dos egressos da escola privada.⁴⁹ Porém, somente seis pessoas continuariam, ou já estão frequentando o curso específico na área de informática. Como podemos observar no relato do egresso da escola técnica pública, o deslumbramento pelo curso ligado à informática já não é mais o mesmo quando se trata de continuar a formação no ensino superior, vejamos :

Eu acho muito tempo na universidade, assim um investimento muito alto. Vai dar assim em torno de quase, só mensalidade, de quase R\$ 60.000. No final do curso investido R\$ 60.000, nossa é um capital e tanto para abrir uma empresa, é muita coisa. Então, eu não acho investimento lucrativo. Prefiro mil vezes fazer um curso técnico, que você vai acabar aprendendo muito mais e já está pronto para mercado, do que fazer ciência da computação que eu tenho experiência de amigos que estão empregados coisa e tal... E fizeram curso e não aprenderam que um curso técnico faz aprender... Sim eu sempre digo que eu nem aconselho muito a fazer faculdade de Ciências da Computação, porque a faculdade assim tem muita matéria assim português e matemática, e o curso técnico não, é prática do primeiro dia até o estágio no caso, né?! Prática em cima de prática... Tenho vários amigos que já fizeram Ciências da Computação e geralmente eu dou a assistência para eles no computador... Para o mercado hoje em dia não é muito interessante não. [...] (egresso 10 – escola técnica pública - desempregado).

Entretanto, podemos ver que a tecnologia não auxilia a diminuir a precarização e as longas jornadas de trabalho, a altíssima concorrência do mercado formal e informal, e trabalhadores que se exaurem de tanto trabalhar, enquanto outros não encontram trabalho algum. Singer (2001) salienta que as empresas querem economizar encargos trabalhistas, transformando os empregados em prestadores de serviço ou *autônomos subcontratados*.

O fato é que o aumento do desemprego e a deterioração das relações contratuais de trabalho desequilibram a correlação de forças a favor do capital e debilitaram as classes que têm interesse em acelerar o crescimento da economia mediante a aplicação de políticas de expansão de demanda efetiva e de fomento da acumulação de capital... Dentro deste contexto, as soluções propostas para o desemprego se limitam em geral a oferecer ao desempregado treinamento profissional e algum

⁴⁹ A distribuição dos egressos pesquisados que gostariam de fazer um curso de graduação, especialização ou extensão pode ser visto em um gráfico que consta no ANEXO IV.

financiamento, se ele se dispuser a começar um negócio por conta própria. (SINGER, 2001, p 119).

A terceirização e a informalidade são inerentes a mundialização do capital, categorizando a exclusão dos trabalhadores dos empregos formais tornando-se um dos mais importantes processos da exclusão social atual, estreitando o mercado de trabalho e intensificando a concorrência entre jovens e adultos. Com a reestruturação produtiva das empresas e a crescente crise para encontrar empregos formais ocorre a diminuição de alternativas ocupacionais para os jovens dificultando a inserção destes no mercado de trabalho, aumentando a instabilidade econômica e provocando o rebaixamento salarial. Assim, convivemos com altas taxas de desemprego e subemprego onde “a inexistência de políticas do trabalho com capacidade para responder efetivamente aos problemas ocupacionais da juventude, conduzem à fase de crise generalizada na transição da inatividade dos jovens para o mercado de trabalho [...]” (POCHMANN, 1998, p 94). Nos depoimentos dos egressos desempregados pesquisados observamos os motivos que os levaram a perderem seus empregos e a forte ligação direta com as oscilações econômicas do capital:

[...] Dia 25/06/08 eu fui demitido... A concorrência começou a crescer e você tem que ter o preço competitivo. Um “nequinho” da esquina faz um serviço lá que eu fazia por 120,00 reais, ele faz por 40,00 ou 50,00 reais. E o cliente vai na questão do valor, o cliente não entende muito disso. Mesmo fazendo aquilo a mais, ele não enxergava o serviço. Aí começou a surgir concorrentes, o dólar começou a baixar, o real começou a se valorizar mais, onde surgiu as empresas de informática. Até na Rua Joaquim Nabuco se você for contar tem umas oito ou dez empresas de informática. A maioria faz 4 anos que surgiu no mercado. Hoje com o dólar em alta, as empresas que estavam com as “calças arriadas” agora vão quebrar de vez, porque vão deixar de vender você tem que vender hoje em condições, só que com a alta do dólar não consegue vender em condições, em doze vezes. As máquinas já aumentaram uns 30%. Então, está difícil hoje, somente as empresas estruturadas vão agüentar, se agüentar. Com certeza, vai ter demissão de vários funcionários agora, vai ter demissão mesmo. Já estou conversando com algum pessoal na área de informática e o pessoal está agoniado. Estão com dívidas para pagar e não tem da onde tirar dinheiro, não estão mais conseguindo vender, esta realmente complicada essa área aí. Mas, isso em qualquer área, mas essa área de tecnologia afeta mais. [...] (egresso 12 – escola técnica privada - desempregado).

Durante os relatos vimos o desespero dos jovens trabalhadores na área de informática que não podem ficar muito tempo desempregados para não se tornarem obsoletos, como a tecnologia que eles trabalham é descartada quando surge outra mais avançada e o medo é constante que outros trabalhadores mais jovens aceitem trabalhar por salários menores:

[...] Recebo o seguro desemprego certinho. Recebo mais parado em casa, do que se estivesse recebendo salário. Eu recebo o teto máximo de seguro de acordo com o salário que eu ganhava e o pessoal está me oferecendo 700 reais, não vou trocar seis

por meia dúzia. Tem períodos, no meio do ano e final do ano que abre o mercado de trabalho na informática. Só que eu também não posso ficar muito tempo parado. Além de ficar enferrujado, como eu já estou. Hoje nessa área vai ser complicado, porque novos profissionais estão se formando. Na área com 28, 30 anos para ti achar um emprego nessa área não encontra mais, já é considerado velho. Era para ser ao contrário, quanto mais experiência melhor seria, mas infelizmente não é assim. Cada dia a tecnologia evolui e se não procurar a ler, se interessar no assunto não vai. Mas, eu ainda vejo a informática com bons olhos, não ver esse lado sujo, porque se eu for olhar esse lado eu desisto. [...] (egresso 12 – escola técnica privada - desempregado).

Mesmo tendo aceitado todos os tipos de humilhações e se submeterem a várias formas de exploração de suas forças de trabalho, durante as entrevistas os egressos demonstraram a indignação por não serem valorizados. Porém, ainda estão dispostos a abrir mão de mais direitos ou de um salário melhor para retornarem ao mercado de trabalho. Vejamos:

[...] Eu trabalhava o dia todo, quase nove horas por dia. Recebia em salário um valor um pouco maior que os outros ofereciam. Trabalhava também sábado, outras vezes ficava até dez, onze horas da noite ficava trabalhando. Você queria trabalhar até meia-noite, uma hora da manhã como eu já trabalhei? Não! A empresa me ajudava naquela época, eu também tinha de alguma forma que retribuir para a empresa. Nunca ganhei hora extra no meu tempo de estágio. Quando eu trabalhei normal, eu ganhava normal. Mas, eu tinha aquilo como um diferencial. Talvez, aquilo foi o ponto de partida para que eu me destacasse entre os demais. Quanto mais difícil para mim melhor. Eu tenho isso no sangue! Com certeza, tem que ter. Mas, isso me prejudica. Hoje eu me arrependo de ter ganhado o salário que eu ganhava. Porque, era um salário muito acima do mercado. Há três anos atrás era a empresa que pagava o melhor salário. No ano passado para cá a empresa começou a se desestabilizar e as outras começaram a crescer. Eu vou fazer entrevista com o pessoal, com a psicóloga e passo. Ela pergunta quanto eu ganhava e eu falo, eles arregalam o olho e falam: “Tudo isso!” Aí, eles pegam olham a carteira e isso me prejudica bastante. [...] (egresso 12 – escola técnica privada - desempregado).

Eu trabalhei em duas empresas, uma de estágio, telefonia via internet... Bem explorado, porque o empregador não tinha responsabilidade nenhuma com pagamento de salário. Sem condições! Até meu último salário quem recebeu foi minha família, porque eu já estava no Japão. O cara atrasava os dois meses de estágio, uma remuneração de 200 reais. Trabalhando 8 horas por dia... Nada, nada. Não tinha férias e nem décimo terceiro Na outra era parte de celular. Foi legal, eu aprendi algumas coisas... Também, não tinha carteira assinada e não recebo auxílio desemprego. (egresso 13 – escola técnica privada - desempregado)

Na sociedade capitalista atual, segundo Forrester (1997), vivemos a *velocidade do imediato*. Sob a cibernética, automação e tecnologias de ponta, milhares de seres humanos não são mais necessários às pessoas que detém o poder e que comandam a economia mundial. “E nesse império - parece sonho! -, trabalhadores pobres - coitados ainda imaginam poder encaixar seu ‘mercado do emprego’! É de chorar de rir.” (FORRESTER, 1997, p 27). O imenso exército de reserva existente não tem uma razão razoável para sobreviver e se manter no mundo capitalista. Muitos jovens estão sendo impedidos de se inserirem no mercado de

trabalho e são proibidos da aquisição de meios legais para viverem, tornando-se *marginais pela sua condição e excluídos por excelência*. A autora afirma que a juventude carrega nas costas o peso cada vez maior de dias futuros constituídos em um vazio absoluto, injusto, desigual e inútil. Transformando os jovens em indivíduos rejeitados e rechaçados, destinados à pobreza, miséria e penúria, desprovidos de qualquer valor ou perspectiva de oportunidades dignas de existência.

3.3 A relação entre a categoria desemprego e a sociedade tecnológica

O fato dos egressos desempregados ou subempregados dessa pesquisa terem se formado em cursos técnicos de nível médio diretamente ligados à informática, não os diferenciou de jovens formados em outras profissões que se debatem diariamente diante de inúmeras dificuldades ao buscarem o primeiro emprego e nem amenizou as injustiças da exploração de suas forças de trabalho. Os apologistas neoliberais insistem no discurso de que a tecnologia está em todos os locais da sociedade atual e que isso já seria suficiente para facilitar a inserção no mercado de trabalho de jovens formados em cursos técnicos voltados à tecnologia. Porém, a empiria nos mostrou uma realidade bastante complexa e desigual em determinados municípios do sul de Santa Catarina.

O deslumbramento e entusiasmo desses jovens pela informática não foi garantia suficiente de formação profissional de qualidade, emprego digno e condições básicas de sobrevivência. Mesmo nos alegando que ao escolherem cursos nessa determinada área eles pensaram nos interesses pessoais, afinidade com a informática, gosto ao manusear os computadores, identificação com os cursos das instituições, amplas funções na área, incentivo dos pais e/ou aptidão. Foi evidente a decepção, descontentamento e frustração por não alcançarem as expectativas que almejavam no início dos cursos e a imensa dificuldade de ingressarem no mercado de trabalho na área de informática. Saviani (2005, p 22), alerta que na *era das máquinas inteligentes* o desemprego não é mais considerado um reflexo das crises econômica e política e passa a ser “um dos elementos do processo das crises que aciona o mecanismo de desaquecimento da economia como forma de mantê-la ajustada às relações sociais vigentes, comandadas pelos interesses do sistema financeiro internacional.” Levando os egressos a se depararem com a pergunta levantada por Sennett (2001, p174), “quem precisa de mim? É uma questão de caráter que sofre um desafio radical no capitalismo moderno. O sistema irradia indiferença.” É essa indiferença que torna os seres humanos descartáveis ao sistema, brutalmente eliminados da sociedade.

Os jovens sentem na sua dura realidade que as incertezas que vigoram nas ações da sociedade capitalista enfatizam-se fortemente diante do avanço tecnológico atual. As implicações das mudanças tecnológicas nas relações do mercado de trabalho fazem com que surjam diversas reflexões sobre o contexto atual da reestruturação do capital. Segundo Castro (1994, p 29), a tecnologia seria um aspecto central das forças produtivas, contudo não é causa suficiente do desenvolvimento social. Ele afirma que, “o desenvolvimento das tecnologias... é o resultado de um concreto modo de agir humano, de um jogo conflitivo de interesses econômicos que se manifestam tanto no Estado como no mercado, duas partes indissociáveis da realidade capitalista”. O autor analisa o trabalho e a tecnologia condicionando, determinando, delineando poderes econômicos e políticos predominantes da sociedade neoliberal.

Da mesma forma nos coloca Mészáros (2004, p 265) que quando afirmamos que vivemos em um tipo totalmente novo de sociedade, denominada *sociedade tecnológica*, estamos inseridos em uma completa *mistificação*. Somos ingênuos ao acreditarmos na ideologia pós-moderna de que *a ciência e a tecnologia ditam* os acontecimentos na sociedade capitalista atual. Ele explica:

Não pode haver um ‘tipo totalmente novo de sociedade’ criado pelo mecanismo pretensamente incontrolável e autopropulsionado das descobertas científicas e dos desenvolvimentos tecnológicos porque, na verdade, a ciência e a tecnologia estão sempre profundamente inseridas nas estruturas e determinações sociais de sua época. Conseqüentemente, não são nem mais ‘impessoais e não-ideológicas’, nem mais ameaçadoras do que qualquer outra prática produtiva importante da sociedade em questão. (Mészáros, 2004, p 265).

Independente dos instrumentos utilizados em nossa sociedade atual existe sempre a ideologia neoliberal que dissemina a exploração da força de trabalho em nome do capital. (MARX, 1980, p 52), analisou que os instrumentos tecnológicos nada mais são do que criações humanas surgidas em determinados períodos históricos para satisfazerem determinadas necessidades materiais, vejamos:

[...] a natureza não constrói máquinas, nem locomotivas, nem estradas de ferro, nem telégrafos elétricos, nem máquinas automáticas de tecer, etc.; isso são produtos da indústria humana, da matéria natural, transformada em instrumentos da vontade e da atividade humana sobre a natureza. São instrumentos do cérebro humano, criados pela mão do homem, órgãos materializados do saber.

Essa materialização do saber esteve presente na história da humanidade, porém com o capitalismo elas se intensificam para aumentar o lucro e a riqueza da sociedade

burguesa. Bianchetti (2001, p 235) diz que até surgiram tentativas de superação dessa *perspectiva hegemônica*, desencadeando mudanças na ciência e tecnologia, porém a lógica do capital sempre se manteve inalterada “o objetivo último continua sendo o lucro”. Wood e Foster (1999, p 30), são enfáticos ao afirmarem que o poder do capital é tão enfadonhamente dominante que “até grandes setores da esquerda conseguiram naturalizá-lo, aceitando-o como estrutura imutável.” E isso não seria diferente só porque determinadas sociedades capitalistas tem acesso à um determinado tipo mais avançado de tecnologia.

Vieira Pinto (2005, p 37) fundamenta que *o homem não seria humano se não vivesse sempre numa era tecnológica* e que o conceito de *era tecnológica* é ideologicamente manipulado pela classe dominante, que colocam uma versão de *fim da história*, fazendo com que a *consciência ingênua* acredite que a tecnologia esteja no auge do seu desenvolvimento. Ao indagarmos sobre o papel da tecnologia na região de Criciúma-SC, os egressos responderam:

[...] É importantíssimo eu acho. Não tem como se distanciar da tecnologia, do avanço tecnológico... Na região de Criciúma não é tão desenvolvido, é bem razoável digamos assim... Eu acho que fazem com que as pessoas estejam sempre se atualizando... Isso faz com que as pessoas tenham que estudar mais, para ter um bom emprego. Sempre vai existir o trabalho operacional, trabalho braçal, mas com o desenvolvimento tecnológico você tem que estudar mais. [...] (egresso 13/escola privada/desempregado)

[...] Na região hoje é forte a tecnologia. Empresas aí, essas metalúrgicas grandes são tudo com tecnologia de ponta, é tudo coisa importada, tem que ter curso não sei da onde, para mexer em um torno hoje em dia. Esta bem avançado aqui. De uns anos para cá está mudando muito. Ela esta acompanhando coisa de... Tem empresa aqui em Siderópolis que tem tecnologia dos Estados Unidos, coisa assim. [...] (egresso 4 /escola pública/empregado)

[...] Na região agora esta crescendo mais. Antigamente era mais voltado para a parte de cerâmica, agora está saindo bastante empresa de desenvolvimento de *software*. Em Criciúma está crescendo bastante empresas de tecnologia. Agora está crescendo bastante. [...] (egresso 5/escola privada/empregado)

[...] A tecnologia está cada dia melhor. Hoje em dia só computador, qualquer loja, oficina, sem o computador não consegue mexer em nada. [...] (egresso 5/escola pública/empregado).

Para nós foi evidente, durante pesquisa, a forte presença da mistificação da tecnologia, onde os egressos realmente acreditam que possam ter mais possibilidades de se inserirem no mercado de trabalho por terem uma formação ligada diretamente ao campo da informática. Vejamos a seguir um alguns aspectos sobre este tema.

3.4 A fetichização da tecnologia nas relações capitalistas de produção

Os egressos nos alegaram que o fato de terem se formado em um curso técnico diretamente ligado a informática os auxiliou muito a encontrar o primeiro emprego ou ajuda a procurar um novo emprego, no caso dos técnicos desempregados. Eles nos colocaram:

[...] Todos precisam de alguma coisa da informática ou de uma pessoa que sabe lidar com computador. É requisito básico para qualquer profissional hoje em dia e o perfil de um profissional que se forma em um curso de informática é um pouco mais avançado. Então, de qualquer forma abre a área. [...] (egresso 13/escola privada/desempregado)

[...] Bastante. Uma porque assim para trabalhar em qualquer vaga tem que ter uma especialidade, independente de ser profissionalizante, se é um curso de pouco tempo. Se você tem isso aí, eles já têm uma noção, já sabem que tu entende alguma coisa daquilo ali. Para ti entrar no mercado de trabalho é muito mais fácil. Ou seja, se tu quer crescer na vida você tem que fazer alguma coisa relacionado à estudo, estudar bastante, se formar, se precisar fazer vários cursos, porque vai te ajudar bastante. Pelo menos eu acho, eu vejo isso. Porque hoje em dia se você trabalhar de caixa, você tem que entender alguma coisa de informática, Queira ou não queira alguma coisa de informática você tem que ter. Se não tem você, não pega o cargo. Então, para mim foi bastante útil e até agora esta sendo útil porque eu trabalho na área. [...] (egresso 3/escola pública/empregada)

Os egressos não conseguem desvelar a ligação direta que há entre a tecnologia e as forças produtivas na sociedade capitalista. Para Jinkings (1995, p 76), isso ocorre porque a revolução tecnológica atual modifica o perfil do trabalhador, sua relação de produção, os modos de trabalho, cria-se novas formas de acumulação de capital e de mais-valia. A autora explica:

A reificação das relações capitalistas de produção adquire amplitude crescente nesta atual sociedade globalizada e oligopólica criada pelo desenvolvimento capitalista. O predomínio da mais-valia relativa como forma de apropriação de sobretrabalho disfarça a exploração da força de trabalho. Ao mesmo tempo, criam-se meios sofisticados e sutis de estímulo ao incremento da produtividade, através de técnicas que buscam a “integração” e a cooptação do trabalhador aos interesses de reprodução do capital, expressas nos programas de “qualidade total” difundidos internacionalmente. Baseadas em relações de poder aparentemente mais democráticas no interior das empresas, as novas estratégias patronais procuram encobrir e mistificar ainda mais o caráter da dominação capitalista do processo real de produção. (JINKINGS, 1995, p 76 e 77).

Baseada na lógica do capital a tecnologia de forma cada vez mais intensa alcançando índices altíssimos de produtividade e exploração da força de trabalho da classe operária. Katz (1996, p 13), explica que a tecnologia se fundamenta na “análise da forma material adotada pelo desenvolvimento das forças produtivas.” Ou seja, são as forças produtivas cada vez mais desenvolvidas que irão aumentar a riqueza material da sociedade,

fazendo da tecnologia uma das peças fundamentais para a sobrevivência da indústria e da burguesia atual. Surgindo uma crescente rivalidade tecnológica, concorrência e subordinação aos que dominam um determinado conhecimento mais avançado, explorando cada vez mais a força de trabalho da classe trabalhadora. Chesnais (1996, p 53) ressalta que para os grandes grupos industriais mundiais “A tecnologia é uma dimensão central de sua atuação internacional. É também um dos campos mais determinantes, onde se entrelaçam as relações de cooperação e de concorrência entre rivais.” Esclarecendo que para os Estados a tecnologia afeta a soberania e tem relação fortíssima com o processo de mundialização do capital.

Desta forma, o impulso central para as mudanças tecnológicas é a exploração da força de trabalho, que através de técnicas mais elaboradas, aumenta a intensidade das inovações, provoca a aceleração da concorrência e faz com que intensifique o desequilíbrio do capital, oprimindo fortemente a sociedade. Katz (1996, p 14), analisa que nesse contexto histórico ocorre a fetichização da tecnologia, a qual “humaniza os objetos e coisifica as relações sociais” O avanço tecnológico baseado na acumulação de riqueza e nas relações sociais de produção capitalista conduz à intensa exploração da força de trabalho, aumentando a marginalização social através de um número cada vez maior de desempregados mantidos sob controle e fazendo com que muitas sociedades atrasadas não tenha acesso a tecnologia de ponta. As sociedades mais desenvolvidas, países de primeiro mundo, assumem o poder do processo produtivo, a difusão de novas tecnologias, mantém o poder de comando sob nações menos desenvolvidas e a hierarquia da economia mundial. Aos países subdesenvolvidos cabe “[...] um papel secundário na estrutura de poder mundial, sendo *locus* subordinado na apropriação do excedente econômico e dependente na geração e absorção tecnológica” (POCHMANN, 2002, p 15). Por sua vez, Vieira Pinto (2005, p130), reforça que as sociedades mais desenvolvidas possuem rígidas condições de vigilância sobre os países subdesenvolvidos para que estes não ultrapassem os limites do poder de decisão, educando para a pesquisa já investigadas, não permitindo que a educação destes se torne descobridora e inovadora. Na verdade, ao invés de se educar, ou seja, de se colocar no papel de educador, o país pobre permanece como ser oprimido e humilhado, portanto, os estudos criadores de novas soluções tecnológicas, voltadas à realidade dos países subdesenvolvidos, não podem ser ensinados por aqueles que não têm interesse em lhe oferecer a técnica mais avançada, mas vendem apenas os produtos e a tecnologia arcaica, rotineira e ultrapassada. Os técnicos de países desenvolvidos ao se instalarem nos países menos favorecidos conservam seu atraso, impedindo as iniciativas de novas pesquisas e repetindo experiências já conhecidas. “A pesquisa tecnológica do país pobre tem de ser integralmente obra dos cientistas da nação que

planeja o desenvolvimento para si, realizada com os recursos de que dispuserem.” (VIEIRA PINTO, 2005, p131). Desvelando a crença de que o desnível existente entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos é resultado somente de uma ineficiência de gestão e ausência de instrumentos apropriados nas indústrias das regiões pobres. Revelando o falso estímulo das nações desenvolvidas, que se mostram ironicamente generosas com nações sem recursos.

Nesse sentido, Mészáros (2005), esclarece que a tarefa educacional nos países subdesenvolvidos deve estar voltada para transformação social, ampla e emancipadora, ocorrendo uma articulação dialética redefinindo a ordem social existente. Onde, para que isso aconteça torna-se necessária a intervenção das instituições escolares, pois, segundo Gramsci (1978), a escola é uma das maiores organizações culturais presente em todos os países, influenciando um grande número de pessoas e sendo fundamental na luta contra o pensamento hegemônico do sistema capitalista. Manacorda (1991, p 129) considera que o atual progresso tecnológico unifica o trabalho e a ciência, necessitando mais de técnicos ou pesquisadores com conhecimentos específicos e com capacidade de integração da ciência e tecnologia, do que somente operários industriais. Explicitando que a concepção marxiana serve de base para análises da tecnologia e dos processos contraditórios que determinam as exigências de uma formação técnica, cultural e social na atualidade, podendo ajudar a educação na formação de profissionais voltados para a emancipação humana.

3.5 O ensino profissionalizante fundamentado na lógica do capital

A escola atual constitui-se em seu cerne o fundamento de um Estado capitalista. Isso faz com que todos os níveis e modalidades de ensino se estruturam na concepção de mundo da classe dominante tornando a escola burguesa um instrumento eficiente de difusão dos princípios da hegemonia burguesa. Segundo Neves e Sant’anna (2005), a escola busca uma capacitação técnica dos estudantes, filhos de trabalhadores, para ampliar as relações capitalistas de produção fingindo formar um novo tipo de *intelectual urbano* que vem *humanizar* a relação de exploração da força de trabalho dos menos favorecidos, amenizando a dominação da burguesia.

Sob a hegemonia burguesa, ao formar intelectuais orgânicos em sentido amplo e em sentido estrito segundo os ideais, idéias e práticas da classe dominante e dirigente, a escola torna-se importante instrumento de difusão da pedagogia da hegemonia, ou pedagogia da conservação, e, concomitante, em veículo que limita e emperra a

construção e a veiculação de uma pedagogia da contra-hegemonia. (NEVES, 2005, p 29).

Além da escola, Gramsci (1978, p 29), afirma que o Estado capitalista jamais teve uma concepção *unitária, coerente e homogênea*. Onde, tanto as instituições educacionais públicas, como as privadas “contribuem para a dualidade na formação dos intelectuais e da massa popular.” Para Arroyo (2001, p 275), toda a luta para tentar vincular a educação aos direitos humanos e sociais na sociedade capitalista, tentando recuperar a humanidade roubada dos oprimidos, é inútil. Pois, “diante do novo *ethos neoliberal* a educação se destrói e retoma a longa história que tem com o capitalismo no processo de desenvolvimento da sociedade, na qualificação dos trabalhadores e dos postos de trabalho.” A educação vinculada ao mercado capitalista torna-se pobre, mercantil e fragmentada, fazendo com que a possibilidade de um projeto educativo ligado à consciência dos direitos para todos os indivíduos da sociedade seja praticamente nula. A concorrência de escassos empregos e subempregos, a elevada disputa pela sobrevivência, a dificuldade de conquistar uma ocupação digna encontra-se em um nível de complexidade surpreendente na realidade atual, comprometendo a formação e qualificação dos jovens trabalhadores. Segundo Enguita (1989, p 234), a educação formal não consegue ser aplicada nos postos de trabalho que “foram divididos, fragmentados, rotinizados e desprovidos de autonomia. As esperanças traduzem-se em frustrações. A escola gera expectativas que a produção não satisfaz.” Demonstrando que a educação, desde o ensino básico até a formação universitária, não exerce nenhuma função unificadora, muito menos integradora à realidade de crianças e jovens na sociedade atual. Ciavatta (2006, p 12) afirma que qualquer projeto de educação básica ou profissionalizante terá como contexto histórico o trabalho incerto e instável, baseado em uma lógica de mercado complexa cujas forças materiais e imateriais se submetem às leis da super-exploração da força de trabalho. Lafargue (1999) define o atual período histórico como:

A nossa época é, dizem, o século do trabalho; de fato, é o século da dor, da miséria e da corrupção. Trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a fortuna social e as vossas misérias individuais, trabalhem, trabalhem, para que, tornando-vos mais pobres, tenham mais razão para trabalhar e para serem miseráveis. Eis a lei inexorável da produção capitalista. (LAFARGUE, 1999, p 12).

Para manter a submissão da classe desfavorecida pelo trabalho e continuar o incansável processo de produção, o capital lança mão de diversas “promessas” e falsas esperanças aos trabalhadores, terrivelmente arriscadas para os mesmos e com elevados custos sociais. Em um contexto histórico marcado pela ideologia neoliberal e globalização surge no

campo educacional, conduzido pelo mercado capitalista, a “concepção produtivista da educação”.

Saviani (2005) afirma que dessa maneira a educação passa a ser almejada como forma de transformar-se em um investimento compensador ligado diretamente à produção material. Essa concepção educacional se fundamenta na “teoria do capital humano”, formulada a partir de pesquisas realizadas por Theodor Schultz (1973) na década de 1950, fundamentada na idéia de que existe um “valor econômico na educação”, onde esta garantiria para todos a possibilidade de integração, ascensão e mobilidade social. Difundindo a falsa noção de uma *sociedade do conhecimento* que exige do sistema educacional reformas que garantam uma formação técnica e profissional, surgindo a *pedagogia das competências* (RAMOS, 2001), já referenciada nesse texto, responsável por disseminar a idéia de que todos os indivíduos da sociedade teria autonomia e liberdade para realizarem suas escolhas de acordo com suas competências. Frigotto (2007, p1138) desvela que não há lugar para todos na sociedade capitalista reduzindo os direitos sociais e coletivos aos direitos individuais, pois com a ciência e tecnologia cresce a incorporação de capital morto, o desemprego estrutural e o contingente de trabalhadores supérfluos, “as noções de sociedade do conhecimento, qualidade total, cidadão produtivo, competências e empregabilidade indicam que não há lugar para todos e o direito social e coletivo se reduz ao direito individual.”

Gentili (1998, p 89), destaca que outra forma de manter a “natureza estruturalmente excludente dos novos tempos” é a *empregabilidade*. Esta estabelece para o sistema educacional a orientação para “garantir a transmissão diferenciada de competências flexíveis que habilitem os indivíduos a lutar nos exigentes mercados laborais pelos poucos empregos disponíveis.”. Diante da nova promessa de empregabilidade se enfatiza as capacidades individuais como forma de disputa para as limitadas vagas de emprego que o mercado oferece, ocorrendo dentro da *reestruturação neoliberal* a produção da privatização da função econômica atribuída à escola, “uma das dimensões centrais que definem a própria desintegração do direito à educação.” Assim, segundo Gentili (1998), com o fim dos empregos formais só a *competência empregatícia flexível do indivíduo* pode garantir a sobrevivência no mercado de trabalho fundamentado no capital e a escola “esvaziada de funções sociais, onde a produtividade institucional possa ser reconhecida nas habilidades que os seus *clientes-alunos* disponham para responder aos novos desafios que um mercado altamente seletivo impõe.” (GENTILLI, 1998, p 89).

Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p 10) ressaltam que

Este novo ideário pedagógico que orienta a educação básica e a educação profissional expressa agora uma inversão mais radical, num contexto de regressão das relações sociais capitalistas. Não se trata de uma sociedade da *incerteza*, mas, fundamentalmente, de uma sociedade da *insegurança*. A globalização ou mundialização do capital aumentaram a concentração da riqueza e ampliaram o desemprego estrutural e a miséria nos países periféricos e semiperiféricos [...]

Na afirmação dos autores se explicita uma idéia na qual parece que a certeza dos problemas e desafios da sociedade capitalista são insuperáveis e que este, segundo Mészáros (2007) é um sistema econômico, político e social *irreformável, incontrolável e incorrigível*.

3.6 A necessidade urgente da construção de um sistema educacional contra-hegemônico

Vimos que no contexto atual de crise conjuntural da economia e política mundial, desencadeia-se uma turbulência na procura de escassos empregos aumenta-se a divisão entre incluídos e excluídos, desmonta-se a promessa integradora neoliberal e passam a responsabilizar a escola básica e profissional à preparação de crianças e jovens para um futuro decadente.

Assim, refletindo qual seria o real papel da escola técnica, como se organiza a educação técnica profissional em nível médio no atual estágio do capitalismo, tentando entender e desvelar a influência que a formação profissional exerce no momento que jovens técnicos formados para lidar com tecnologia tentam se inserir e se manter no mercado de trabalho, e compreendendo que tanto o ensino privado, como o público não conseguem superar as contradições de uma sociedade desumana e desigual, é que escolhemos duas escolas técnicas profissionalizantes para nortear nossa pesquisa. Ferretti e Silva Júnior (2000, p 64 e 65) declaram que o objetivo do ensino profissionalizante e do ensino médio atualmente é:

Uma educação como bem privado para um homem, que é destituído, diante do mercado, de sua condição de sujeito, num contexto da ditadura das aparências e do automatismo total. Trata-se da ditadura mais acentuada do econômico, quando ele mesmo torna-se a forma mais forte de ideologia.

Ferretti (2006) afirma que os cursos técnicos são vistos historicamente como uma formação menor e, Manacorda (1990, p 179), coloca que a escola profissionalizante atual “dá a falsa impressão de ser democrática, porque, tendendo a criar novas estratificações sociais, ou seja, permitindo que o operário passe de não-qualificado a qualificado, por exemplo, cria aquilo que poderíamos chamar de certa mobilidade social.” Portanto, independente de

pesquisarmos uma escola técnica pública ou privada constatamos que em todo o processo profissionalizante dos egressos pesquisados, estes foram ensinados para aceitar as condições de uma sociedade injusta, incorporando a alienação em relação ao processo produtivo de trabalho e reduzindo suas capacidades de decisão diante de problemas efetivos da atualidade. Essa postura se reflete fortemente no momento que perguntamos sobre suas expectativas para o futuro, vejamos:

[...] Sei lá. Achar um emprego... Conseguir crescer dentro de uma empresa, ou abrir a minha empresa... Fazer uma pós... É importante, sem estudo ninguém chega a lugar nenhum. [...] (egresso 14/escola privada/desempregada)

[...] Tentar subir de cargo onde já estou, preciso estudar mais um pouco. Fazer uma faculdade, eu estava fazendo engenharia de agrimensura. Esta na área já. Para crescer ali tem que fazer um curso voltado na área de mineração. No caso, eu queria fazer engenharia de minas, mas é só no Rio Grande do Sul. Não tem como! Tenho que fazer o que tem na região. Estudar abre bastante portas. Apesar de não atuar na área de informática, mas com certeza esse diploma no currículo aparece e pode ser o diferencial de alguém que não tenha. [...] (egresso 4/escola pública/empregado)

[...] Eu ainda vou abrir meu negocio. É isso o que eu quero. Não quero trabalhar o resto da minha vida sendo funcionaria, é isso o que eu quero da minha vida... [...] (egresso 3/escola pública/empregada)

[...] Eu penso em ficar bem experiente nessa área, para depois seguir para uma empresa grande, para minha remuneração ser boa. Mas, primeiro eu tenho que estar bem experiente para poder ir para um lugar bom e não passar trabalho... [...] (egresso 6/escola privada/empregado)

[...] Como eu já estou trabalhando na área, já estou meio que saindo da área de informática, na área de telecomunicações. Aqui não é uma região que tem muito campo. Então, a minha perspectiva é se eu ficar aqui é acabar montando alguma coisa. Alguma empresa na área. Se eu resolver trabalhar em uma grande empresa teria que sair da região. Procurar um centro maior... Pretendo me formar, conseguir um emprego na área com uma remuneração melhor e cursos. A nossa área de tecnologia os cursos são muito importantes, as certificações são importantes, até valem, tem gente que diz que vale até mais do que propriamente uma faculdade. Uma pessoa que chega na empresa e fala assim, tenho cinco certificações, por exemplo na *Microsoft*. Cinco certificações, a pessoa vai te olhar diferente, se disser só sou formado em Ciências da Computação. [...] (egresso 11/escola privada/empregado)

Por perceberem que não terão emprego garantido e que as oportunidades são escassas, muitos jovens técnicos já pensam em abrir o próprio negócio. Refletindo novamente uma postura alienada da real situação política e econômica na sociedade capitalista, sem terem a menor noção das dificuldades e da gravidade dos problemas que estão inseridos. Enguita (1989, p 173) enfatiza, “para conseguirmos romper com essa deficiência estrutural e escassez de recursos, é necessário estabelecer prioridades e definir as reais necessidades sociais.”.

Saviani (1991, p 19) destaca que surgem necessidades de uma compreensão sobre o papel da formação e instituição educacional na sociedade atual. Visto que “a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos”, o autor evidencia que

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Ou seja, deve-se buscar na atividade educacional o que é realmente fundamental e essencial, distinguindo os aspectos principais a serem apreendidos e descobrindo a melhor organização dos meios para que todos possam entender o que a humanidade produziu historicamente. Na perspectiva do autor, a escola deveria ser um espaço de conhecimento elaborado e sistematizado tendo relação direta com a ciência. Proporcionando “aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber” (SAVIANI, 1991, p 23). Conhecimento e ideias que foram desenvolvidos intencionalmente, onde inseridos na escola fazem parte de uma relação pedagógica historicamente determinada, fazendo com que a educação não se separe da práxis. Observando que esse processo de conhecimento dentro do sistema educacional, o ato de refletir sobre a realidade, a formação da consciência, faz parte de uma totalidade e do desenvolvimento de um processo histórico. (TORRIGLIA e STEMMER, 2009, p 12).

Para Tonet (2005) a princípio a finalidade da educação é a conservação da sociedade, mas a atividade educativa pode agir na perspectiva da emancipação, portanto não uma educação emancipada, mas emancipadora, desde que articulada à totalidade social. Ou seja:

[...] A ação educativa se exerce sobre indivíduos conscientes e livres (quer dizer, portadores de consciência e liberdade) e não sobre uma “matéria-prima” inerte e passiva, regida pela lei da causalidade. O ato educativo, ao contrário do trabalho, supõe uma relação não entre um sujeito e um objeto, mas entre um sujeito e objeto que é ao mesmo tempo é também sujeito. Trata-se, aqui, de uma ação sobre uma consciência visando induzi-la a agir de determinada forma. No trabalho, se dispusermos dos conhecimentos e das habilidades necessários e realizarmos as ações adequadas, é certo que, salvo a intervenção do acaso, atingiremos o objetivo desejado. No caso do ato educativo, o mesmo conjunto de elementos está longe de garantir a consecução do objetivo, pois não podemos prever como reagirá o educando. Em resumo, o trabalho é uma mediação entre o homem e a natureza, ao passo que a educação é uma mediação entre o indivíduo e a sociedade. (TONET, 2005, p 217).

Não é a educação que sozinha irá construir uma nova sociedade, porém ela pode contribuir transmitindo conhecimentos e formando consciências que despertem para a necessidade de uma transformação revolucionária. Saviani (2005, p 233), ressalta que

podemos pensar em uma concepção de ensino socialista, tendo como visão de realidade humana, o marxismo. Um ensino que procura formar indivíduos com o intuito de superar as contradições entre o homem e a sociedade capitalista, contrariando o sistema burguês de ensino. E para o ensino médio, Saviani explica, que no sistema de ensino socialista este deve estar centrado na politécnica, permitindo a relação do trabalho e educação, tratando a relação da prática com a teoria de forma *explícita e direta*. Indo além da simples dominação de elementos básicos de ensino e conhecimentos gerais, mas convertendo os conhecimentos teóricos e práticos em *potência material no processo de produção*. “O papel fundamental da escola de nível médio será, então, o de recuperar essa relação entre o conhecimento e a prática do trabalho.” (SAVIANI, 2005, p 235).

Sobre o ensino médio Pistrak (2000, p 99) também aponta que seria necessário colocar todo o trabalho prático da escola em uma disciplina denominada de *organização científica do trabalho*, fazendo com que os jovens acreditem que são importantes e úteis para a sociedade *ligados organicamente* a sua realidade. Iasi (2007, p 43), justifica que “a transformação das consciências não está além da luta política e da materialidade onde esta se insere. É ao mesmo tempo um produto da transformação material da sociedade e um meio político de alcançar tal transformação.”. E para alcançar essa transformação é preciso a mediação de um profissional comprometido com a *atualização da consciência de classe revolucionária*, a qual Netto (2004, p 221), baseado em Florestan Fernandes, explica que seria o pedagogo socialista.

Todavia, tendo claro que a educação faz parte da própria dinâmica dos movimentos sociais, fazendo parte do *tecido social* (ARROYO, 1998, p 14), e que esta “não pode funcionar suspensa no ar”, como aponta Mézaros (2005, p 76), precisamos concentrar esforços para quebrar a cultura escolar excludente e articular plano estratégicos para uma educação emancipadora, transformadora, ativa e que vá *para além do capital*, reorganizando os trabalhos pedagógicos para uma lógica humana e revolucionária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é da natureza do sistema capitalista analisar e muito menos resolver os imensos problemas que ameaçam a humanidade provocados por sua crise conjuntural. O capital é incapaz de contentar as necessidades mais básicas dos seres humanos e um dos maiores desafios é conseguir manter as determinações impostas pelo seu controle sócio-reprodutivo. Tudo o que puder atrapalhar a lógica expansiva e auto-vantajosa do sistema capitalista é, se for necessário, destruído, desconsiderado e eliminado.

Atualmente os reflexos do desenvolvimento destrutivo do capital atinge o mundo de forma devastadora e generalizada, não somente os *bolsões da sociedade* ou países subdesenvolvidos, afeta a totalidade da humanidade. A crise conjuntural inerente ao nosso contexto histórico desestabilizou a sociedade como um todo a ponto de gerar segundo Mészáros (2007), *o câncer do desemprego crescente*. Esse *câncer* não se limita ao “exército de reserva” que espera ser convocado para o setor produtivo do capital, o desemprego alcançou uma característica *crônica*, onde o máximo que o capitalismo consegue resolvê-lo é transformando uma parte dos desempregados em subempregados. Estes sem o menor respaldo para uma sobrevivência digna e humana, demonstram que o subemprego é uma solução *ilusória e insustentável* para enfrentarmos os imensos problemas de uma sociedade totalmente subjugada aos imperativos da acumulação do capital. Mészáros (2007, p 181) reflete e é enfático ao colocar que esta forma de tentar resolver “o problema do desemprego pela *precarização* - que, é, em verdade, o modo mais cruel de *precarizar* os seres humanos vivos - só pode camuflar um fracasso cujo impacto tende a ficar cada vez mais sério no futuro próximo.”

Alguns aspectos desta precarização analisada por Mészáros foi constatada em nossa pesquisa, cujo enfoque é a inserção no mercado de trabalho de egressos formados no curso de informática em nível médio de duas escolas técnicas profissionalizantes do extremo sul de Santa Catarina. Observamos durante a pesquisa que aparentemente a taxa de desempregados é relativamente baixa e que a maioria conseguiu de uma forma ou de outra se inserir no mercado de trabalho. Contudo, na tentativa de desvelarmos a realidade desses jovens técnicos em informática encontramos um índice avassalador e preocupante de subempregados. Na primeira aproximação da empiria utilizando um questionário enviado pela *internet*, cerca de 67% dos egressos da escola técnica pública nos responderam que não

exercem a função de técnico em informática no mercado de trabalho e da escola técnica privada são 33% dos egressos que não estão atuando na sua área de formação.

Ao questionarmos sobre o valor da remuneração pelo trabalho explorado a realidade é mais desanimadora. Cerca de 43% dos técnicos em nível médio formados na escola privada recebem um valor estimado entre 501,00 reais e 1000,00 reais mensais⁵⁰ de salário e ao perguntarmos aos estudantes egressos da escola pública, essa taxa chega a 53% dos jovens. Evidenciando, que este valor não é só por oito horas de trabalho diário, pois ao aprofundarmos a pesquisa em entrevistas realizadas com os egressos que não conseguiram responder ao questionário via *internet*, estes nos relataram a exaustiva jornada de trabalho que se estende até dez horas de trabalho diários sem remuneração em forma de hora extra, a convocação pelas empresas aos sábados e até mesmo em feriados.

Ressaltamos que o fato de escolhermos uma escola pública e outra privada foi com o objetivo de observarmos se haveria diferenças na formação técnica e se modificaria a forma de inserção desses jovens no mercado de trabalho. A escolha de cursos voltados diretamente a área de informática também foi intencionalmente uma tentativa de constatarmos a fetichização da tecnologia tão divulgada em nossa sociedade que nos induz a acreditarmos que existem computadores em todos os locais, que todas as pessoas tem acesso a eles e que isso seria o suficiente para ampliar o número de vagas de empregos na área. Porém, encontramos 10% dos egressos da escola técnica pública desempregados e 21% dos egressos da escola técnica privada em situação de desemprego. Obviamente, não alcançamos 100% dos técnicos formados nos anos de 2005 e 2006 de ambas as escolas, todavia acreditamos que esses números nos remetem a reflexão de que a crise conjuntural do capitalismo atinge a todos os setores da sociedade “globalizada”, principalmente os filhos de trabalhadores que estão lutando árduamente pelo primeiro emprego independentemente da instituição que estudam, do curso que se formam ou do período que passam nos bancos escolares.

Forrester (1997) afirma que diante da flexibilidade e da precarização a única proposta que resta aos jovens nas circunstâncias atual é a desesperança e o temor de um futuro incerto, demonstrando que esse é um dos vários paradoxos de uma sociedade baseada no capital. O capital concentra em seu cerne um antagonismo voraz que faz com que as pessoas que conseguem ter acesso ao trabalho são violentamente exploradas para a obtenção da mais-valia, enquanto para os que não conseguem esse “privilégio” tornam-se excluídos sem direito

⁵⁰ Durante a pesquisa os egressos nos informaram que a média salarial de um técnico de informática em nível médio na região sul de Santa Catarina é de 700,00 reais.

a alguma forma de sobrevivência, ou seja, é um *desastre sem saída*. Segundo Forrester (1997, P 58), os jovens trabalhadores estão destinados a serem

Marginais pela sua condição, geograficamente definidos antes mesmo de nascer, reprovados de imediato, eles são os “excluídos” por excelência. Virtuoses da exclusão! Por acaso eles não moram naqueles lugares concebidos para transformar em guetos? Guetos de trabalhadores, antigamente. De sem-trabalho, de sem-projeto, hoje. Por acaso esse endereço não indica uma daquelas *no man’s land*, - que se mostram como tais, sobretudo em face de nossos critérios sociais – consideradas “terras dos que não são homens”, ou mesmo de “não-homens”? Terrenos que parecem cientificamente criados para uma vida periclitante. Terrenos vagos, e quantos!

Esses “jovens”, que não se limitarão a representar “os jovens”, mas que se tornarão adultos, que envelhecerão se suas vidas lhes proporcionar vida, terão que carregar, como todo ser humano, o peso cada vez maior dos dias futuros. Mas um futuro vazio, no qual tudo o que a sociedade dispõe de positivo (ou que ela dá como tal) parece que foi sistematicamente suprimido de antemão. Que podem eles esperar do futuro? Como será a sua velhice, se chegarem lá?”

Ao questionarmos como será o futuro desses jovens e de toda a população, Mészáros (2007) coloca, que a *humanidade está gravemente ameaçada*. Por causa do perigoso nível de desenvolvimento social e econômico atual, o futuro parece ser devastador reduzindo os seres humanos à “carcaça do tempo”. Sofremos os reflexos nocivos por termos que nos adequar “as necessidades auto-expansivas de um sistema de controle reprodutivo social fetichista e alienante, que subordina absolutamente tudo ao imperativo da acumulação do capital” (Mészáros, 2007, p 41). Para o autor, não foi por acaso que Marx e Engels (1984) escreveram o *Manifesto Comunista* e defenderam a intervenção organizada por meio de uma revolução radical contra o sistema capitalista. Naquela época eles já alertavam que “O que parecia sólido, desaparece; o que era sagrado è profanado, e finalmente os homens são obrigados a encarar, com serenidade, suas condições de vida e suas relações recíprocas.” Relações dramáticas que emergem na conjunção de um sistema econômico e político proeminente ao tempo de Marx e Engels, porém desafiador, dominador e contraditório até os tempos atuais.

Por causa desse sistema é que no presente nos encontramos diante de problemas sérios e insuperáveis que extinguem recursos naturais e cria um círculo vicioso “eternizado”, nos colocando diante de um enfrentamento definido por Mészáros (2007), como o *desafio e fardo do tempo histórico*. Este coloca que a conflitualidade paradoxal de quebrarmos esse círculo vicioso e a lógica perversa estabelecida pelo capital, na tentativa de reestruturarmos com urgência a política de base voltada para uma lógica *historicamente sustentável*. Estamos diante da nossa sobrevivência ou do nosso extermínio e para Mészáros (2007), está claro diante de nosso contexto histórico que somente a articulação de toda a população com o

intuito socialista poderá conter e derrotar a força que nos impele para a *barbárie* e para a auto-destruição. Analisando a “ordem estabelecida” do sistema capitalista que produz dia-a-dia uma arruinação social sem precedentes e nunca visto antes ao longo da história da humanidade torna-se evidente que não há mais tempo e nem acordos. Somente uma revolução será capaz de conter as catástrofes geradas pelas contradições sistêmicas do capitalismo nos apresentando uma alternativa sustentável e duradoura.

Visto que, durante nossa pesquisa essa concepção educativa também foi observada nas duas instituições escolhidas como fonte empírica e explicitamente defendida por suas práticas pedagógicas. Ambas as escolas técnicas, tanto a pública como a privada, estimulam o individualismo, a competição e disputa entre os estudantes para conseguirem um estágio ou o primeiro emprego, desenvolvem uma prática pautada nas competências de cada indivíduo, responsabilizando-os unicamente pela sua inserção no mercado de trabalho. A qualificação ligada à noção de competência está fortemente fundada nas duas escolas técnicas, enfraquecendo segundo Ramos (2001), as dimensões social e conceitual de uma consciência para emancipação humana. Enfatizando a busca por certificados e diplomas que podem auxiliar a conquistar o primeiro emprego, mas não são determinantes para se manter no mercado capitalista.

Ramos (2001), afirma que as instituições técnicas atualmente fundamentam seu processo de formação de acordo com a Teoria do Capital Humano, criando a falsa idéia de um novo profissionalismo e encaminhando seus técnicos a estarem preparados para a “mobilidade permanente entre diferentes ocupações numa mesma empresa, entre diferentes empresas, para o subemprego ou para o trabalho autônomo. Em outras palavras, o novo profissionalismo é o desenvolvimento da empregabilidade.” (RAMOS, 2001, p 284).

A ideologia da competência passa abranger todos os trabalhadores, fazendo com que todos acreditem que a única forma de produção capaz de manter uma falsa estabilidade diante de uma realidade nefasta é a capitalista. Anulando a luta de classes e disseminando o desenvolvimento da competência de cada pessoa e assim, tornando possível a inclusão social de todos.

[...] Concordamos que a competência seja uma forma subjetivada do conhecimento. Isto, por si só, não seria suficiente para considerá-la uma noção pós-moderna. Mas concluímos sobre seu significado adaptativo aos sistemas marcados por desequilíbrio e constatamos que a pedagogia das competências é uma pedagogia experiencial que objetiva promover essa adaptação. Nesses termos, a competência é a noção da subjetividade, mas também da alteridade, do imediato, do efêmero, do instável. A competência, portanto, é o mecanismo de adaptação dos indivíduos à instabilidade da vida, por construir os instrumentos simbólicos que permitem interpretar a realidade a seu modo e construir modelos significativos e viáveis para

seus projetos pessoais. Assim, por não ser uma forma subjetivada do conhecimento objetivo, mas a percepção do mundo experiencial na forma de representações subjetivas, a competência é uma noção apropriada ao pensamento pós-moderno. (RAMOS, 2001, p, 294).

Portanto, a ideologia pós-moderna corta a possibilidade de um projeto social capaz de formar a consciência de classe e de construir uma concepção voltada para a transformação da realidade atual. Cabe à escola ser um órgão social com objetivo de auxiliar a quebrar a ordem hegemônica do sistema capitalista, desenvolvendo a emancipação da força reprodutiva de toda a sociedade de maneira historicamente sustentável, ampliando a riqueza social e construindo continuamente a consciência socialista. Mészáros (2005), afirma que é possível modificar a relação de subordinação e dominação estrutural vivida pelos trabalhadores, universalizando uma perspectiva educacional que vá *para além do capital* “visando uma ordem social qualitativamente diferente”. Para isso é necessário atitudes imediatas que se contrapõem a dominação global do capital, organizando atitudes viáveis de cunho socialista.

Desta forma, pensamos em refletir por meio dessa pesquisa categorias como o trabalho, educação, ensino médio, emprego, desemprego, subemprego, qualificação e tecnologia, baseados na perspectiva do materialismo histórico-dialético e sem a pretensão de extinguirmos essa discussão. Ao contrário, nos remetemos há outras indagações em relação ao futuro desses jovens trabalhadores que buscam desesperadamente sobreviver em uma sociedade que oferece ao mundo um futuro ameaçador e incerto.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Limites do sindicalismo.** Marx, Engels e a crítica da economia política. Bauru, SP: Práxis, 2003.

ANTUNES, R. Dimensões da crise contemporânea do sindicalismo: impasses e desafios. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

_____. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. IN: Gentili, P e Frigotto, G. (orgs). **A Cidadania negada:** políticas de exclusão na educação e no trabalho. 3ª ed. São Paulo: Cortez. [Buenos Aires, Argentina]: CLACSO, 2002.

ARROYO, M. **Construindo a escola pública.** Anais: I Conferência da Educação: neoliberalismo e os efeitos na educação. II Conferência de Educação: educação e trabalho/Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, PR: Edunioeste, 1998.

_____. **Educação em tempos de exclusão. A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho.** GENTILLI, P e FRIGOTTO, G. São Paulo: Cortez, 2001.

BIANCHETTI, L. **Da chave de fenda ao laptop** Petrópoli, RJ: Vozes. Florianópolis, SC: UFSC, 2001.

CAGED in **OBSERVATÓRIO DO MERCADO DE TRABALHO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO** Secretaria Municipal do Trabalho Dieese. Divulgação Especial: Janeiro, 2008. Disponível em <http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/trabalho/atlasmunicipal/relatorios/0001/BoletimObservatoriov3.doc>

CASTRO, R.P **Tecnologia, trabalho e Educação (Indeterminações).** Cadernos da Anped. Nº06. out/1994.

CHESNAIS, F. **A Mundialização do Capital.** São Paulo: Xamã, 1996.

CIAVATTA, M. **A transformação do trabalho e a formação profissional na sociedade da incerteza.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-2937--Int.pdf> Acessado em 19 out 2009.

DIEESE. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/ped/ped.xml>. Acessados em 09 set 2009.

DUARTE, N. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?:** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ENGUIITA, M. F. **A face oculta da escola:** educação e trabalho no capitalismo. Trad: Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERRETI, C.J. As escolas técnicas se salvaram. Disponível em: http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/difusao_ideias/pdf/entrevista_escolas_tecnicas.pdf, Acessado em 19 out 2009.

FERRETI, C.J. e SILVA JÚNIOR, J.R. Educação profissional numa sociedade sem empregos. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n109/n109a03.pdf> Acessado em 19 out 2009.

FORRESTER, V. **O horror econômico.** Trad: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

FREITAS, Marcos Cezar. **Introdução ao O conceito de tecnologia:** O quarto quadrante do círculo de Álvaro Vieira Pinto. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Cidadania, tecnologia e trabalho:** desafios de uma escola renovada. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v. 21, nº 107, jul./ago. 1992.

_____. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **A experiência do trabalho e a educação básica.** Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

_____. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educação e Sociedade.** Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p 1129-1152, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acessado em 19 out 2009.

FRIGOTTO, G., CIAVATTA, M e RAMOS, M. N. Educação Profissional e Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0470.pdf> Acessado em 19 out 2009.

GENTILLI, P Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. FRIGOTTO, G. **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GUIMARÃES, E.R. **Política de ensino médio e educação profissional:** discursos pedagógicos e práticas curriculares. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2008.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história.** Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HIRATA, H. S. Da polarização das qualificações ao modelo da competência. In: Ferreti, C. *et alii* (orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação.** Petrópolis, Vozes, 1994.

IASI, M.L. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

JINKINGS, N. **O mister de fazer dinheiro**: automatização e subjetividade no trabalho bancário. São Paulo: Boitempo Editorial, 1995.

KATZ, C. e COGGIOLA, O. **Neoliberalismo ou crise do capital?** São Paulo: Xamã, 1996.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução: Cecília Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2ª Ed. 1976.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino de 2º grau o trabalho como princípio educativo**. 3 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

_____. **Ensino Médio e profissional**: as políticas do estado neoliberal. São Paulo: Cortez, 1997.

_____ (org.). **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.

_____ (org.). **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Exclusão Incluyente e Inclusão Excludente: A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. IN: Lombardi, J. C., Saviani, D. e Sanfelice, J. L. (orgs). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

LAFARGUE, P **O direito à preguiça**. Trad. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Hucitec, Unesp, 1999.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma Estética Marxista** Sobre a Categoria da Particularidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MACHADO, L.R.S., NEVES M. A., FRIGOTTO G e outros. **Trabalho e Educação**. Campinas, SP: Papirus: Cedes; São Paulo: Ande: Anped, 1992.

MANACORDA, M.A. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **Marx e a pedagogia moderna**. Trad: Newton Ramos de Oliveira. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.

MARX, K. **Conseqüências Sociais do Avanço Tecnológicos**. Apresentação: Rudi Supek. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1980.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global editora, 1984.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Trad. Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70. 1993.

_____. **O capital:** crítica da economia política. 22ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004. Livro 1, v.1.

_____. **Sobre o suicídio.** Tradução: Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, I. **Filosofia, ideologia e ciência social:** ensaios de negação e afirmação. São Paulo: Ensaio, 1993.

_____. **Para além do capital.** Tradução: Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **O século XXI:** socialismo ou barbárie?. Trad. Paulo Cezar Castanheira. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **O poder da ideologia.** Trad: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. **A educação para além do capital.** Tradução: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. DESEMPREGO E PRECARIZAÇÃO um grande desafio para a esquerda. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** IN: Ricardo Antunes (org.) São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **O desafio e o fardo do tempo histórico:** o socialismo no século XX. Trad. Ana Contrim e Vera Contrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

MICHELS, I.L. **Crítica ao modelo catarinense de desenvolvimento:** do planejamento econômico. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

MORAES, M.C.M. **Reformas de ensino, modernização administrada:** A experiência de Francisco Campos anos vinte e trinta. Florianópolis: UFSC. Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 2000.

NETO, O.C. O trabalho de campo como descoberta e criação. IN: Minayo, M.C. S. (orgs). **Pesquisa social:** Teoria, método e criatividade. 13. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2000. 80 p

NETTO, J.P **Marxismo impenitente:** contribuição à história das idéias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, L.M.W. e SANT'ANNA, R. Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia. IN: Neves, L.M.W. (orgs). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

PAIVA, V. Qualificação, crise do trabalho assalariado e exclusão social. IN: Gentili, P e Frigotto, G. (orgs). **A Cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. 3ª ed. São Paulo: Cortez. [Buenos Aires, Argentina]: CLACSO, 2002.

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005. v. 1.

_____. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005. v. 2.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho**. Trad: Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2000.

POCHMANN, Marcio. **A inserção ocupacional e o emprego dos jovens**. Dedecca, C. S. (org). São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho - ABET, 1998.

_____. **O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho**. São Paulo: Publisher, 2000.

_____. **A década dos mitos**. O novo modelo econômico e a crise do trabalho no Brasil. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **E-trabalho**. São Paulo: Publisher, 2002.

RAMOS, M. N. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Ed. Cortez, 1991.

_____. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. IN: Lombardi, J. C. e Saviani, D. (Orgs). **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação. IN: Lombardi, J. C., Saviani, D. e Sanfelice, J. L. (orgs). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SATC. Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.satc.edu.br/>>. Acesso em: 02 abr. 2008.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SINGER, P **Globalização e desemprego:** diagnóstico e alternativas. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SCHULTZ, T. **Capital humano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SHIROMA, E.O. e CAMPOS, R.F. **Qualificação e reestruturação produtiva:** um balanço das pesquisas em educação. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301997000400002 Acessado em 07 ago 2009.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

TORRIGLIA, PL. e STEMMER, M. G. **Realismo crítico e produção de conhecimento: uma alternativa possível para a formação de professores e pesquisadores na área educacional.** Disponível em: <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/89T.pdf>. Acessado em 19 out 2009.

TUMOLO, PS. O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo. Uma articulação possível? **Educação e Sociedade.** Campinas, SP, v. 26, n.90, p 239-265. Jan./Abr. 2005.

VASAPOLLO, L. O TRABALHO ATÍPICO E A PRECARIIDADE: elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós-fordista. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** IN: Ricardo Antunes (org). São Paulo: Boitempo, 2006.

WOOD, E.M. e FOSTER, J. B. **Em defesa da história:** marxismo e pós-modernismo. Trad: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ANEXOS

ANEXO I**ESCOLA TÉCNICA PÚBLICA PESQUISADA****TÉCNICO INFORMÁTICA HABILITAÇÃO EM EDITORAÇÃO****Módulo I**

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Desenho Vetorial	3	72
Desenho Bitmap	2	48
Diagramação	2	48
Programação HTML	2	48
Animação	2	48
Introdução a Arte Gráfica	1	24
Introdução a Redes	2	48
Estágio Supervisionado I	3	72
Algoritmos	2	48
Metodologia Científica	2	48
Matemática Aplicada	2	48
Programas Aplicativos	2	48
Sistemas Operacionais	2	48
Introdução ao Banco de Dados	1	24

Módulo II

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Desenho Vetorial	7	168
Desenho Bitmap	7	168
Animação	4	96
Renderização e Trat. de Imagens	4	96
Inglês Instrumental	3	72

Módulo III

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Estágio Supervisionado	25	600
Trabalho de Conclusão de Curso	25	0

TÉCNICO INFORMÁTICA HABILITAÇÃO EM PROGRAMAÇÃO

Módulo I

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Análise de Sistemas	3	72
Ferramentas de Modelagem de Dados	2	48
Introdução a Arte Gráfica	1	24
Introdução a Redes	2	48
Estágio Supervisionado I	3	72
Algoritmos	2	48
Metodologia Científica	2	48
Matemática Aplicada	2	48
Banco de Dados	3	72
Programas Aplicativos	2	48
Linguagem de Programação	3	72
Sistemas Operacionais	2	48
Introdução ao banco de Dados	1	24

Módulo II

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Análise de Sistemas	6	144
Inglês Instrumental	2	48
Banco de Dados	6	144
Linguagem de Programação	11	264

Módulo III

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Estágio Supervisionado	25	600
Trabalho de Conclusão de Curso	25	0

TÉCNICO INFORMÁTICA HABILITAÇÃO EM MANUTENÇÃO DE REDE E MICROCOMPUTADOR

Módulo I

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Montagem e Manutenção	2	48
Configuração	2	48
Introdução a Arte Gráfica	1	24
Introdução a Redes	2	48
Estágio Supervisionado I	3	72
Algoritmos	2	48
Eletrônica	3	72
Redes	2	48
Metodologia Científica	2	48
Matemática Aplicada	2	48
Programas Aplicativos	2	48
Sistemas Operacionais	4	96
Introdução ao Banco de Dados	1	24

Módulo II

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Montagem e Manutenção	6	144
Configuração	5	120
Inglês Técnico	2	48
Eletrônica	3	72
Redes	5	120
Sistemas Operacionais	4	

Módulo III

Disciplinas	Aulas/Horas	Carga Horária
Estágio Supervisionado	25	600
Trabalho de Conclusão de Curso	25	0

ESCOLA TÉCNICA PARTICULAR PESQUISADA**ORGANIZAÇÃO CURRICULAR:**

O Curso Técnico de Indústria com Habilitação em Informática Industrial tem carga horária total de 1600 horas, sendo 1200 horas de aula e 400 horas de estágio supervisionado. Sendo que a exigência mínima estabelecida pela LDB é de 1200 horas.

As 1600 horas serão distribuídas pelos três blocos que compõem o curso, conforme quadro a baixo:

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Habilitação e qualificações:		
1	Habilitação:	TÉCNICO DE INFORMÁTICA INDUSTRIAL
	Carga Horária:	1600 horas
	Estágio–Horas	400 horas
1.1	Qualificação:	Básico
	Carga Horária:	400 horas
1.2	Qualificação:	Instalação e Manutenção de Computadores
	Carga Horária:	400 horas
1.3	Qualificação:	Programação
	Carga Horária:	400 horas
1.4	Qualificação:	Instalação, Manutenção e Gerenciamento de Redes de Comunicação
	Carga Horária:	400 horas

MÓDULO I : BÁSICO

Componente curricular	Carga horária
Arquitetura Geral De Computadores	80
Informática Básica	70
Instalações Elétrica	50
Medidas Eletrônicas	40
Normas De Saúde E Segurança Do Trabalho	40
Princípios Elétricos	50
Psicologia	40
Redação Técnica	30
Total	400

MÓDULO II : Instalação e manutenção de computadores

Componente curricular	Carga horária
Arquitetura Geral De Computadores	30
Componentes Eletrônicos	50
Eletrônica Digital	80
Prototipação De Sistemas	40
Sistema CAD	40
Sistema Operacional	80
Técnicas Programação (Pascal)	80
Total	400

MÓDULO III : Programação

Componente curricular	Carga horária
Software Aplicativo (Delphi)	80
Linguagem de Programação C ++	80
Redes I	80
Banco de Dados	80
Analise de Sistemas	40
Programação WEB	40
Total	400

MÓDULO IV : Instalação, manutenção e gerenciamento de redes de comunicação

Componente curricular	Carga horária
Aquisição de Dados	80
Programação JAVA	80
Redes II	80
Software Aplicativo	80
Automação Industrial	50
Marketing Noções de Administração gestão de negocio	30
Total	400

INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

ESTRUTURA ESCOLAR	
DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
Número de salas de aula	23
Sala de treinamento	06
Ginásio coberto:	01
Quadra polivalente:	02
Campo de futebol:	02
Campo de futebol suíço	01
Pista olímpica	01
Vestiários	06
Sala de dança	01
Cantina	01
Cantina didática	01

ESPAÇOS COMPLEMENTARES:

LOCAL	DESCRIÇÃO
Biblioteca:	590m ² – 104 postos (18.145 exemplares, 740 fitas de vídeo, 40 assinaturas, 255 normas técnicas)
Auditório: 369m ²	400 lugares
Anfiteatro: 157m ²	130 lugares
Sala de Multimeios	54m ² – 40 postos
Sala de Reunião I	25m ² – 12 postos
Sala de Reunião II	32m ² – 20 lugares
Sala de Apoio Pedagógico	60m ²
Sala para Psicólogo	30m ²

APOIO ADMINISTRATIVO

LOCAL	ÁREA
- Sala do diretor:	25m ²
- Sala de coordenação de ensino:	09m ²
- Secretaria:	48m ²
- Sala da Orientadora:	15m ²
- Sala dos Professores	85m ²

SALAS DE AULA	ÁREA (m²)	NÚMERO DE POSTOS
46	80,90	41
48	53,55	38
49	53,55	38
50	53,55	38
51	76,50	50
52	54,00	40
53	54,00	40
54	54,00	40
55	54,00	40
56	54,00	40
57	54,50	40
58	76,00	40
62	63,00	40
63	63,00	40
64	66,50	40
67	72,00	40
68	72,00	40
69	72,00	40
70	73,50	40
71	84,00	40
72	56,00	40
73	76,00	40
74	76,00	40
Sala de treinamento I	50,00	40
Sala de treinamento II	40,00	24
Sala de treinamento III	40,00	24
Sala de treinamento IV	40,00	24
Sala de treinamento V	40,00	24
Sala de treinamento VI	40,00	24

Todas as salas de aula são constituídas por carteiras, cadeiras, quadro, ventiladores de parede, TV 20" e vídeo cassete.

- ♦ Estão disponibilizados para o Curso Técnico de Industria com Habilitação em Informática Industrial, oito laboratórios, devidamente equipados, a saber:
- ♦ Laboratório de Automação;
- ♦ Laboratório de Eletrônica I ;
- ♦ Laboratório de Eletrônica II;
- ♦ Laboratório de Robótica;
- ♦ Laboratório de Instalações Elétricas;
- ♦ Laboratório de Medidas Elétricas;
- ♦ Laboratório de Informática;
- ♦ Laboratório de Comando Numérico Computadorizado (CNC)

LABORATÓRIO DE AUTOMAÇÃO		
Item	Descrição	Quantidade
1	Computador Compaq Deskpro 2000 pentium 166MHz	11
2		02
3	Unidade de Temperatura	02
4		02
5	Unidade de Nível e Vazão	02
6	Unidade de Velocidade Angular	10
7	Unidade de Pressão	10
8	Módulo de Correia Transportadora	10
9	Rack de ensino de CLP (CLP TSX Micro 3722), atendendo a automação industrial com aplicações em manufatura e controle de processo.	03
10	CLP S7 200 CPU 212 com 8 entradas digitais, 6 saídas digitais a rede	04
11	Unidade lógica logo long	21
12	CLP PL-103R (Altus) 16 saídas e entradas digitais, 2 canais analógicos.	01
13	Cadeiras estofadas com rodizio Impressora jato de tinta HP 610C Quadro branco para caneta	01

LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA I		
Item	Descrição	Quant
		.
01	Osciloscópio Goldstar – 20 MHz - 2 canais – Analógico	05
02	Osciloscópio Pantec – 15 MHz – 2 canais – Analógico	06
03	Osciloscópio Labo – 15 Mhz – 2 canais – Analógico	01
04	Gerador de Funções Pantec – 3114 – 100 KHz	05
05	Gerador de Funções Dawer – FG – 200D	03
06	Fonte CC reguladora Labo: 0 – 30 V, 0 – 2 A	04
07	Fonte CC reguladora Dawer PS3002D, 0 – 30 V	02
08	Fonte CC estabilizada Controller, 0 – 30 V, 0 – 2 A	04
09	Analizador de transistor Labo	02
10	Fonte reguladora 0 – 300 Vca – Instronic FV 202 220	09
1	Fonte CC reguladora CCSON, 0 – 30 V, 0 – 2A	04
12	Multímetro ET – 1000 Minipa	08
13	Ferquencímetro digital – Radionave – R-8300-B	03
14	Gerador de padrões IT – 9000 PAL-M Inster	01
15	Proto Board	28
16	Ferro de soldar 20W 220V	04
17	Ferro de soldar Hikari 40W 220V	08
18	Sulgador de solda Ceteisa SS – 15	03
19	Ferro de soldar Hikari 30W 220V	02
20	Base de ferro de soldar	08
21	Fonte estabilizada Radionave R-356	01
22	Cadeira com rodízio	21

LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA II		
Item	Descrição	Quant
		.
01	Microsoft Pentium 100/133MHz, 16MB de memória RAM	05
02	Impressora Epson LX 810	06
03	Estabilizador de Tensão; Entrada 220V/ Saída 110V; Potência 1KVA	01
04	Mesa 1,50 x 0,70	05
05	Cadeira estofada com rodízio	03
06		04
07	Mesa do professor	02
08	Quadro para caneta	04
09	Ar condicionado	05
10	Sistema modularizado para ensino de eletrônica, composto de 19 módulos atendendo de eletrônica básica módulo I a eletrônica industrial IV, módulo 19	05
	Osciloscópio digital OS-310M	

LABORATÓRIO DE ROBÓTICA		
Item	Descrição	Quant
01	Torno mecânico CNC	01
02	Centro de usinagem CNC	01
03	Robô de articulação vertical, com capacidade de 2Kg de carga	01
04	Robô de articulação vertical, com capacidade de 1Kg de carga	01
05	Software de integração das máquinas	01
06	Microcomputador Pentium 233 MHz	09
07	Cadeiras estofadas com rodízio	09
	Obs: este laboratório deverá formar um Sistema Flexível de Manufatura Integrada por Computador	

LABORATÓRIO DE MEDIDAS ELÉTRICAS		
Item	Descrição	Quant.
01	Multímetro analógico	10
02	Multímetro Digital	10
03	Amperímetro	10
04	Voltímetro	10
05	Waltímetro	10
06	Luscímetro	01
07	Osciloscópio	01
08	TV/Vídeo	01
09	Fasímetro	01
10	Tacometro	01
11	Alicate amperímetro analógico	02
12	Alicate amperímetro digital	03
13	Forno para calibração	01
14	Megametro microprocessador analógico portátil	01
15	Medidor de resistência de aterramento e do solo	01
16	Luscímetro digital	01
17	Tacometro	01

LABORATÓRIO DE INSTALAÇÕES ELÉTRICAS		
Item	Descrição	Quant
01	Armário com:	.
	Receptáculo de porcelana, tipo E – 27	43
	Receptáculo de porcelana, tipo E – 40	08

	Interruptor externo simples, PIAL – 10 A, 250V	21
	Interruptor externo de duas seções, PIAL, 10 A, 250V	20
	Botão de campanha externo, PIAL, 10 A, 250V	18
	Tomada externa simples, PIAL, 250V, 10 A	21
	Interruptor de embutir simples, IRIEL, 10 A, 250V	40
	Interruptor de embutir de duas seções IRIEL, 10 A, 250V	12
	Interruptor paralelo externo, PIAL, 10 A, 250V	14
	Interruptor paralelo de embutir, IRIEL, 10 A, 250V	14
	Interruptor intermediário de embutir, IRIEL, 10 A, 250V	25
	Botão de campanha de embutir, IRIEL	24
	Interruptor externo de três seções	08
	Tomada simples de embutir, IRIEL, 10 A, 250V	16
	Tomada de embutir trifásica, PIAL, 30 A, 250 V	04
	Cigarra, PIAL LEGRAND, 250V	10
	Minuteira eletrônica	10
	Base para relê foto-elétrico	07
	Relê foto-elétrico	04
02	Armário com ferramentas como, alicate universal, alicate de bico reto, alicate de bico curvo, alicate de bico redondo, alicate de corte, chave de	01
03	fenda, canivete	01
04	Armário para lâmpadas especiais	01
05	Depósito para material elétrico	05
06	Box didático para realização de tarefas, composto por: relógio medidor, rede trifásica com neutro, quadro de distribuição, aterramento e escada de	01
07	madeira	05
08	Quadro didático para demonstração de tarefas	22
09	Bancada dupla para realização das tarefas, com disjuntor de 15 A e tomada	22
10	monofásica	01
11	Mesa escolar em fórmica verde	01
12	Cadeira escolar em fórmica verde	01
13	Mesa do professor envernizada	02
14	Cadeira do professor envernizada	15
15	Ventilador de teto	01

16	Armário para módulos e catálogos	08
17	Tamborete redondo com pés de cano	08
	Casa inteligente	
	Rack para experiências de instalações prediais	
	Conjunto de Módulos	

LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

Item	Descrição	Quant.
01	Microcomputador celero 466 MHz	20
02	Impressora jato de tinta HP 640	01
03	Quadro branco para caneta	01
04	Cadeira estofadas com rodízio	20
05	Estabilizador 10Kva 220/110	01
06	Hub	01

LABORATÓRIO DE COMANDO NUMÉRICO COMPUTADORIZADO (CNC)

Item	Descrição	Quant.
01	Torno mecânico horizontal comandado via PC	01
02	Fresadora mecânica comandada via PC	01
03	Sistema de treinamento CNC Win CTS	09
04	Microcomputador pentium II 200 MHz	10
05	Cadeiras estofadas com rodízio	21

11. CORPO DOCENTE

Modulo I : Básico

Professor	Componente Curricular	Formação	Comprovante
Sérgio Coral	Arquitetura Geral De Computadores		
Ari Azambuja de Oliveira	Informática Básica		
Richard de Castro	Instalações Elétricas		
Richard de Castro	Medidas Eletrônicas		
Sérgio Bruchchen	Normas de Saúde e Segurança do Trabalho		
Fabiano Ugioni	Princípios Elétricos		
Michele N. Silveira	Psicologia		
Denise Marcelino	Redação Técnica		

Modulo II : Instalação e manutenção de computadores

Professor	Componente Curricular	Formação	Comprovante
Ari Azambuja de Oliveira	Arquitetura Geral De Computadores		
Gilberto da Silva Fernandes	Componentes Eletrônicos		
Gilberto da Silva Fernandes	Eletrônica Digital		
Edson Maciel	Prototipação De Sistemas		
Gerson Maximiliano	Sistema CAD		
Cristiane Fernandes	Sistema Operacional		
Jailson Torquato	Técnicas Programação (Pascal)		

Modulo III : Programação

Professor	Componente Curricular	Formação	Comprovante
Jailson Torquato	Software Aplicativo (Delphi)		
Luciano Bitencourt Fernandes	Linguagem de Programação C ++		
Vilson Gruber	Redes I		
Luciano Bitencourt Fernandes	Banco de Dados		
Cristiane Fernandes	Analise de Sistemas		
Cristiane Fernandes	Programação WEB		

Modulo IV: Instalação, manutenção e gerenciamento de redes de comunicação

Professor	Componente Curricular	Formação	Comprovante
Ricardo Santos	Aquisição de Dados		
Luciano Bitencourt Fernandes	Programação JAVA		
Vilson Gruber	Redes II		
Luciano Bitencourt Fernandes	Software Aplicativo		
Fabiano Ugioni	Automação Industrial		
Sônia Britto	Marketing Noções de Administração gestão de negocio		

ANEXO II**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO-PPGE**

Dissertação: Educação e Tecnologia no Ensino Médio

Acadêmica: Thisciana Fialho dos Santos

Prezados (as) Senhores (as),

Venho através deste, solicitar aos Senhores (as) algumas informações necessárias para a elaboração da minha Dissertação de Mestrado em Educação, linha Trabalho e Educação, Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. O tema da pesquisa a ser desenvolvido é: **Educação e Tecnologia no Ensino Médio**. O intuito desta pesquisa é compreender como os estudantes egressos dos cursos Técnicos de Informática em Nível Médio se inserem no mundo do trabalho.

O preenchimento deste questionário não implica na identificação do questionado, dando assim liberdade para preenchê-lo. Muito obrigada!

QUESTIONÁRIO

1. Município que reside: _____

2. Sexo:

() a) Masculino

() b) Feminino

3. Data de nascimento? _____

4. Estado Civil:

() a) Solteiro (a) () b) Separado (a)

() c) Casado (a) () d) Viúvo (a)

() e) Outro. Qual? _____

5. Em qual instituição estudou durante o ensino médio?

6. Quais os motivos o (a) levaram a escolher essa instituição?

7. Especifique qual curso Técnico em Informática em Nível Médio você se formou: _____

8. Ano/semestre iniciou seu curso? _____

9. Qual o ano/semestre de sua formatura? _____

10. Qual a duração do curso que você realizou? _____

11. Quais os motivos que o (a) levaram a escolher esse curso?

12. Atualmente você está trabalhando? _____

13. Em que empresa trabalha?

14. Qual o regime de trabalho?

a) Contrato trabalho CLT b) Profissional Autônomo

c) Empresário na área de informática

d) Outros: _____

15. Que atividade você exerce atualmente?

a) Técnico em Informática b) Outra. Qual? _____

16. Caso sua resposta na questão 15 (quinze) seja o item “a”, em que área de atuação está concentrada sua atividade?

a) Editoração b) Programação

c) Manutenção de rede e microcomputadores

d) Informática industrial

e) Outra. Qual? _____

17. Especifique dentro das áreas que você trabalha as principais funções que você exerce.

18. Quais conhecimentos entre os que aprendeu no Curso de Técnico em Informática em Nível Médio você aplica no desenvolvimento de sua função profissional?

- a) Desenho Vetorial b) Ferramentas de modelagens de dados
- c) Desenho Bitmap d) Montagem e Manutenção
- e) Diagramação f) Configuração
- g) Programação HTML h) Eletrônica
- i) Arte Gráfica j) Sistemas operacionais
- k) Redes l) Banco de dados
- m) Análise de sistemas
- Outros. Quais?

19. Quais são os conhecimentos que você considera necessários ao desenvolvimento de sua função profissional? Especifique:

- a) _____

- b) _____

- c) _____

- d) _____

- e) _____

20. Como considera a contribuição do curso Técnico em Informática em Nível Médio para o seu desempenho profissional?

21. Você fez mais que um curso Técnico em Informática em Nível Médio?

() Sim. Qual? _____

() Não

22. Você tem outra formação na área de informática (ou habilitação, ou especialização)?

() Sim. Qual? _____

() Não.

23. Você gostaria de fazer um curso de graduação, especialização ou extensão?

- Sim. Não.

24. Qual curso gostaria de realizar? _____

25. Em que área de concentração? _____

26. Em qual instituição? _____

27. Em sua opinião o Curso Técnico em Informática em Nível Médio que você concluiu na sua instituição contribuiu preferencialmente para:

- a) Seu ingresso no mercado de trabalho d) Aperfeiçoamento
- b) Ascensão na carreira profissional e) Melhoria no nível salarial
- c) Aquisição de cultura geral

f) Outros. Especifique: _____

28. Qual a sua renda mensal?

- a) Até R\$ 500,00 b) de R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00
- c) de R\$ 1.001,00 a R\$ 1.500,00 d) de R\$ 1.501,00 a R\$ 2.000,00
- e) de R\$ 2.001,00 a R\$ 2.500,00 f) de R\$ 2.501,00 a R\$ 3.000,00

ANEXO III

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Egressos dos cursos de informática empregados

Trajatória profissional e cargo atual

- 1) Fale da sua trajetória pessoal/profissional, nível de escolaridade, idade atual, onde estudou.
- 2) Explique sobre o curso Técnico em Informática no ensino médio em que você se formou: a razão por ter escolhido esse curso, a instituição, os conhecimentos apreendidos, sobre os professores, a estrutura do curso, suas expectativas antes e depois de formado.
- 3) O fato de você ter se formado em um curso ligado à tecnologia o (a) auxiliou a encontrar um trabalho? Por que?
- 4) Esta trabalhando na sua área de formação? Quando começou a trabalhar no ramo e na empresa? Períodos de interrupção? Você tem carteira assinada? Qual o regime em que está empregado (CLT, Estatutário...)?
- 5) Se você não está na sua área de formação, quais são os motivos? O que te levou a buscar outra área?
- 6) Atualmente você estuda? Por quê? Qual curso? Em qual área? Quais os motivos que o levaram a escolher outro curso? Em que instituição?
- 7) Atualmente você é bolsista? Estagiário? De que forma foi selecionado? Quantas horas por dia trabalha? De que forma recebe seu salário?

Em relação ao Curso realizado.....

- 8) Como foi o processo de estágio no seu curso? Quais são os procedimentos da instituição em que estudou? O estágio te auxiliou no ingresso do mercado de trabalho?
- 9) Como foi o seu ingresso nesta empresa? Fale sobre o processo de seleção, e alguém indicou, testes, que tipo de teste.
- 10) Como você vê o papel da tecnologia na sociedade e região? Você acredita que as mudanças tecnológicas influenciam no mercado de trabalho?

MUDANÇAS ORGANIZACIONAIS E CONDIÇÕES DE TRABALHO

- 11) Você está no mesmo cargo ou função desde que entrou nesta empresa? E o atual? Pode descrever o trabalho? Como aprendeu? Recebeu algum treinamento (como foi, o que aprendeu, quanto tempo, foi satisfatório?) qual o tipo de habilidade e qualificação que seu trabalho requer? Sempre foi assim? O que mudou, quando e porquê?
- 12) Tem havido muitas mudanças no seu trabalho ultimamente? Você teve que aprender coisas novas? Quais? O que você pensa dessas mudanças?
- 13) Quem diz o que você tem que fazer? Como você faz o seu trabalho?
- 14) Quais são as características disciplinares da empresa sobre o seu trabalho? (normas de circulação do pessoal, manuseio de equipamentos, comportamento pessoal) O que você pensa desse controle. Existem formas de burlar o controle?
- 15) O que você pensa do seu ritmo de trabalho? Como é o ritmo e intensidade do trabalho? Existe possibilidade de você controlar o uso de seu tempo e as pausas durante a jornada de trabalho? Você faz hora extra?
- 16) Você percebeu em você ou nos companheiros, sinais de esgotamento físico ou mental (nervosismo, dor de cabeça, L.E.R., distúrbios do sono, do apetite, depressão)? Que medidas foram tomadas?
- 17) Você adquiriu alguma doença no trabalho? Já sofreu algum acidente de trabalho? Como foi?
- 18) Há cartão-ponto para controle do horário de entrada e saída? Crachá? Uniforme?
- 19) Você já presenciou algum conflito no seu trabalho?
- 20) Se você precisar se ausentar pra ir ao médico perde o dia todo?

Participação industrial

- 21) Que decisões você toma no seu trabalho? O que você pensa das responsabilidades que pesam sobre você?
- 22) Existem reuniões para discutir melhores condições de trabalho? Com que frequência? Você pode expressar sua opinião nessas reuniões?
- 23) Quem inspeciona ou confere seu trabalho? Os chefes falam ou mostram os resultados? O que acontece quando alguma coisa sai errada?
- 24) Os gerentes ou chefes consultam você antes de tomar alguma decisão?
- 25) Há liberdade no seu trabalho? Quando aparece algum problema, você resolve ou precisa

informar alguém? Quando você quer fazer de outro modo, pode mudar?

26) Você é ouvido? Há espaço para sugestões?

Trabalho feminino

27) Faz diferença pra você entre o trabalho masculino ou feminino?

28) Quantas horas você se dedica ao trabalho na empresa? Você tem permissão para se ausentar em caso de doenças de parentes ou por problemas em casa?

29) Você acha que homens e mulheres recebem salários iguais quando executam as mesmas tarefas?

30) Você acha que as mulheres têm atributos (qualidades, condições) para assumir cargos de chefia? Por quê? Quais são eles?

Salários

31) Comparado com outras empresas da região, como é o teu salário? Há outros benefícios ou prêmios?

32) Você recebe adicional?

33) Você considera o seu trabalho importante? Merece uma remuneração mais elevada?

34) Há atraso no pagamento do seu salário?

35) Há “vale-tíquete” como forma de pagamento? Parcelamento dos salários?

36) Qual é teu salário líquido? Como você avalia o seu salário?

37) Como é a promoção?

Treinamentos

38) A empresa investiu ou investe em algum curso pra você?

39) Você pode se ausentar para realizar algum curso, congresso ou aperfeiçoamento?

Sindicato e perspectivas

40) O que te lembra a palavra sindicato?

41) Você é sindicalizado?

42) Precisou da intervenção do sindicato em algum momento? O sindicato já fez ou faz alguma coisa em seu benefício? Por que?

EXPECTATIVAS E PLANOS

43) Você tem perspectiva de realizar uma carreira, de continuara estudando? Por que? Estudar é importante?

44) Em caso de ficar desempregado você considera que seria fácil conseguir outro emprego como esse? Por quê?

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Egressos dos cursos de informática desempregados

Trajetória profissional

01) Fale da sua trajetória pessoal/profissional, nível de escolaridade, idade atual, onde estudou.

02) Explique sobre o curso Técnico em Informática no ensino médio em que você se formou: a razão por ter escolhido esse curso, a instituição, os conhecimentos apreendidos, sobre os professores, a estrutura do curso, suas expectativas antes e depois de formado.

Sei que você está desempregado no momento...

Mas...gostaria saber se....

03) Logo que se formou você conseguiu emprego? Qual foi a participação e colaboração da instituição em que se formou para que você conseguisse seu primeiro emprego?

Então...

04) Desde quando está desempregado? Você trabalhou em qual ou quais empresas? Quais são as razões ou motivos de você estar desempregado?

05) Quando trabalhou você tinha carteira assinada? Você recebe ou recebeu algum auxílio desemprego?

Você trabalhou na área em que se formou? Em caso de não, quais foram os motivos? O que te

levou a buscar outra área?

Há concorrência na área de informática na região?

Em relação ao Curso que você realizou....

05) Como foi o processo de estágio no seu curso? Quais são os procedimentos da instituição em que estudou? O estágio te auxiliou no ingresso do mercado de trabalho?

E atualmente....

07) Você está procurando outro trabalho? De que forma, currículo, indicação, amigos?

08) Você pretende continuar na sua área de formação? Por quê?

09) Você já chegou a pedir auxílio na instituição em que estudou para se recolocar no mercado de trabalho? De que forma? Por quê?

11) No período de formação o curso tinha em seu currículo conteúdos para você buscar um emprego? Estava incorporada essa problemática nas discussões?

12) O fato de você ter se formado em um curso ligado à tecnologia o auxilia a encontrar um trabalho?

14) Qual o nível salarial na região na sua área de formação? Você faz alguma exigência em relação a isso quando vai procurar emprego?

15) Atualmente você estuda? Por quê? Qual curso? Em qual área? Quais os motivos que o levaram a escolher o curso que faz e a instituição?

16) Como você vê o papel da tecnologia na sociedade e região? Você acredita que as mudanças tecnológicas influenciam no mercado de trabalho?

Sindicato e perspectivas

18) O que te lembra a palavra sindicato?

19) Você é sindicalizado?

20) Precisou da intervenção do sindicato em algum momento? O sindicato já fez ou faz alguma coisa em seu benefício? Por quê?

Expectativas e planos

- 21) Você tem perspectiva de realizar uma carreira, de continuara estudando? Por quê? Estudar é importante?
- 22) Seus colegas, que se formaram com você, fizeram ensino superior?
- 23) Você pretende continuar estudando sobre informática? Por quê?

Trabalho feminino

- 24) Faz diferença pra você entre o trabalho masculino ou feminino?
- 25) Você acha que homens e mulheres recebem salários iguais quando executam as mesmas tarefas nas empresas?
- 26) Você acha que as mulheres têm atributos (qualidades, condições) para assumir cargos de chefia? Por quê? Quais são eles?

Gerente ou proprietário da empresa

- 1) Fale sobre o histórico da empresa, há quanto tempo atua no mercado. Quantos funcionários possuem?
- 2) Há mão-de-obra qualificada no mercado de trabalho em relação às necessidades atuais da empresa?
- 3) Quais os requisitos exigidos pela empresa na contratação dos (as) trabalhadores?
- 4) Existe vaga para os técnicos de informática em nível médio suficientes na região? Existem oportunidades? Quais?
- 5) O fato da empresa em informática ser ligada à tecnologia auxilia a aumentar o campo de trabalho? Dá mais oportunidade de emprego do que em outras áreas?
- 6) Como você vê o papel da tecnologia na sociedade e região? Você acredita que as mudanças tecnológicas influenciam no mercado de trabalho?
- 7) Existe rotatividade na empresa? Por quê? Qual a política da empresa em relação à

rotatividade?

- 8) Na empresa como estão organizados os homens e as mulheres?
- 9) Em que postos há concentração de mulheres/homens?
- 10) Qual é o motivo geralmente alegados quando os trabalhadores saem da empresa?
- 11) Quais os benefícios sociais oferecidos pela empresa para os trabalhadores?
- 12) Existe alguma política de avaliação por desempenho na empresa? Descreva-a.
- 13) Existe algum tipo de premiação por desempenho (produção, disciplina, comportamento, assiduidade, criatividade etc.)
- 14) Comente sobre sua formação, há quanto tempo atua na empresa, há quanto tempo atua no cargo.
- 15) Caracterize a situação técnica – produto, processo, situação da organização do trabalho e perfil da força de trabalho.
- 16) Faça uma descrição do processo produtivo da empresa
- 17) Como está estruturado o setor de qualidade da empresa. O controle de qualidade é executado majoritariamente por pessoal específico ou diretamente pelo pessoal ocupado na produção?
- 18) Como as recentes medidas governamentais afetam os planos de modernização tecnológica?
- 19) Os produtos da empresa são avaliados formalmente pelos clientes? De que forma?
- 20) A empresa tem buscado algum mecanismo que estimule a participação dos trabalhadores?
- 21) Quais os indicadores de produtividade que a empresa utiliza?

Qualificação

- 22) Existe força de trabalho suficiente? A empresa sentiu necessidade de implantar política de qualificação?
- 23) A empresa investe ou incentiva a qualificação dos funcionários? Como?
- 24) O nível de escolaridade na hora da contratação é importante? Quais os requisitos importantes?
- 25) Qual o tipo de remuneração dos funcionários: (fixa, por tempo/hora)?
- 26) Existe alguma vaga aberta por falta de força de trabalho?
- 27) Possui representação sindical?
- 28) Qual é a jornada dos trabalhadores?

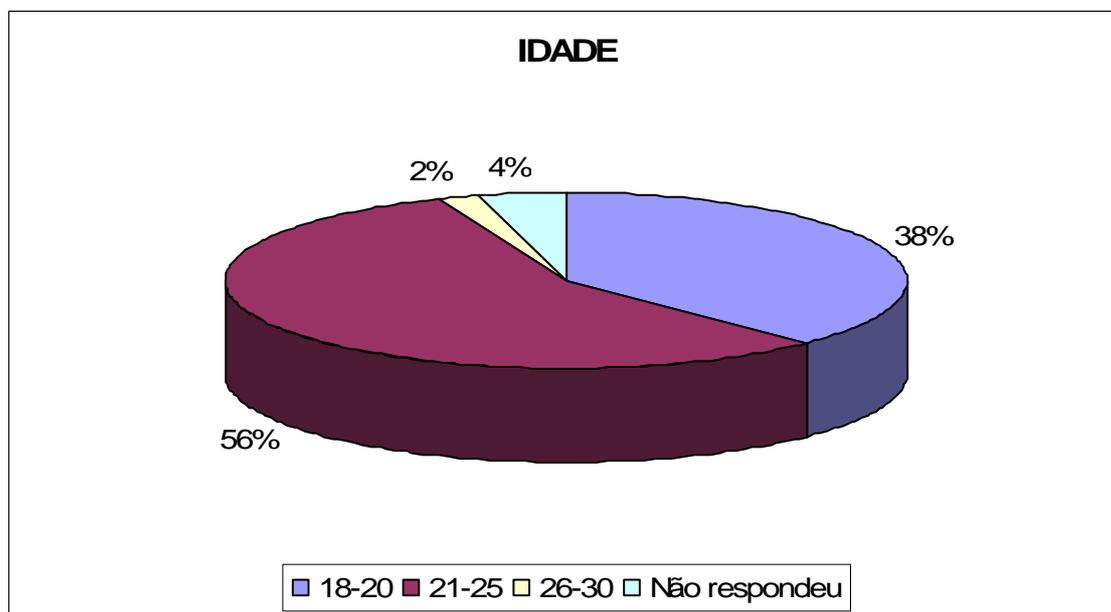
29) É necessário fazer horas extras?

Sindicato dos trabalhadores

- 1) Há histórico das lutas na área de informática na região? Descreva-as
- 2) Há quanto tempo está na direção?
- 3) Quais as atuais formas de resistência dos trabalhadores à exploração capitalista?
- 4) Há descrição das psicopatologias e saúde dos trabalhadores relacionados às atividades na área de informática?
- 5) Quais os novos conflitos ligados ao trabalho?
- 6) Quais as principais (recentes) conquistas da categoria?
- 7) Quais as formas de solidariedade dos trabalhadores?
- 8) Há desvalorização das mulheres enquanto sexo e enquanto funcionárias na área de informática?
- 9) Qual o número de associados atual?
- 10) Há evolução ou regressão do número de sindicalizados? Há redução da base sindical?
- 11) Há atuação sindical em outras áreas, campanhas ou nas comunidades da região?

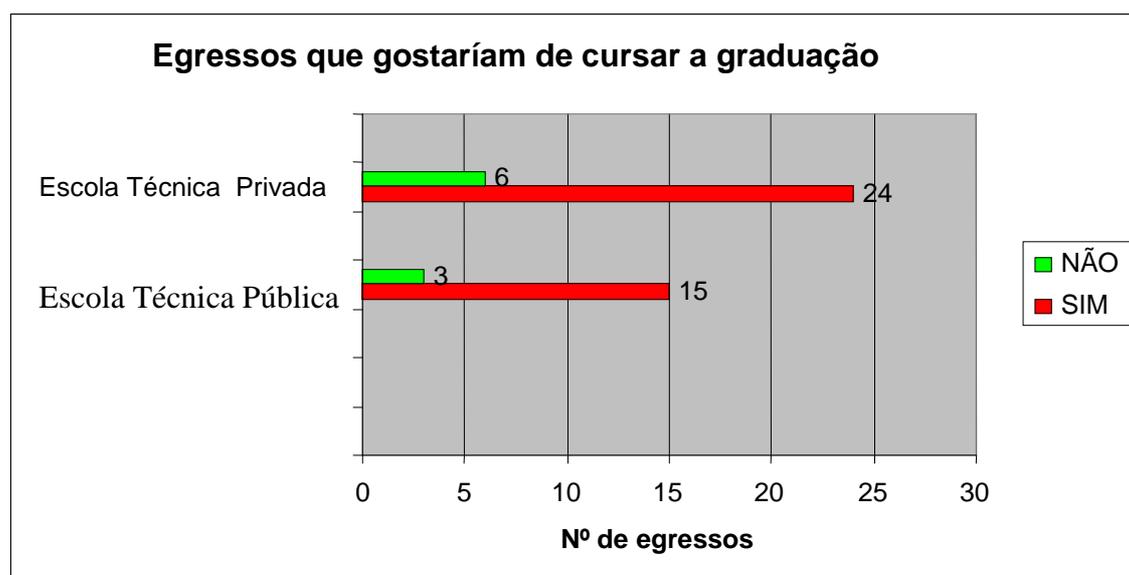
ANEXO IV

Gráfico 01: Distribuição percentual da faixa etária dos egressos pesquisados



Fonte: Elaborada pela a autora

Gráfico 02: Distribuição dos egressos pesquisados que gostariam de fazer um curso de graduação, especialização ou extensão.



Fonte: Elaborada pela autora